

**VALMIR ANTÔNIO ZULIAN DE AZEVEDO**

*Este exemplar corresponde à versão final da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para obtenção do Título de Doutor em Saúde Coletiva.*

*Campinas, 26 de Maio de 2003.*

  
**Prof. Dr. Sérgio Roberto de Lucca**  
*Orientador*

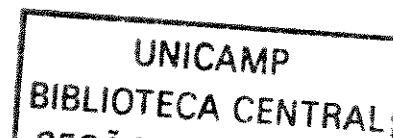
**ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE  
AO CAMPO DO CONHECIMENTO DA SAÚDE MENTAL  
NO TRABALHO**

**CAMPINAS**

**2003**

i

UNICAMP





**VALMIR ANTÔNIO ZULIAN DE AZEVEDO**

***ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE  
AO CAMPO DO CONHECIMENTO DA SAÚDE MENTAL  
NO TRABALHO***

*Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da  
Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Estadual de  
Campinas, para obtenção do título de Doutor em Saúde  
Coletiva.*

***Orientador: Prof. Dr. Sérgio Roberto de Lucca***

**CAMPINAS**

**2003**

|         |                                     |
|---------|-------------------------------------|
| NIDADE  | 20                                  |
| CHAMADA | Unicamp                             |
|         | Az25a                               |
| EX      |                                     |
| OMBO BC | 56294                               |
| ROC     | 16-12-4/03                          |
| C       | <input type="checkbox"/>            |
| D       | <input checked="" type="checkbox"/> |
| REÇO    | R\$ 11,00                           |
| DATA    | 9/11/03                             |
| CPD     |                                     |

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
UNICAMP**

CM00189453-6

IBD 305016

Az25a

Azevedo, Valmir Antônio Zulian de  
Algumas contribuições da psicanálise ao campo do conhecimento  
da saúde mental no trabalho. / Valmir Antônio Zulian de Azevedo.  
Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador : Sérgio Roberto de Lucca  
Tese ( Doutorado ) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade  
de Ciências Médicas.

1. Grupos sociais – grupos de trabalho. 2. Inconsciente. 3.  
Medicina do trabalho - Brasil. 4. Cultura – aspectos psicológicos. 5.  
Pulsões, teoria das. I. Sérgio Roberto de Lucca. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

# **Banca examinadora da tese de Doutorado**

---

**Orientador: Prof. Dr. Sérgio Roberto de Lucca**

---

## **Membros:**

**1. Prof. Dr. Sérgio Roberto de Lucca**

**2. Profa. Dra. Elizabeth Costa Dias**

**3. Profa. Dra. Maria Cecília Pereira Binder**

**4. Prof. Dr. Antonio Muniz de Resende**

**5. Prof. Dr. José Inácio de Oliveira**

Curso de pós-graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

**Data: 26/05/2003**



---

*Para meus amores:*  
*Elony, Isadora e Beatriz.*



## ***AGRADECIMENTOS***

---

In memoriam, ao Prof. Dr. Manildo Fávero que, sensível às coisas do coração e da mente, acolheu o projeto de tese e orientou a fase inicial da investigação que se materializou nesta tese.

Ao Prof. Dr. Djalma de Carvalho Moreira Filho, com quem muitas vezes partilhei as minhas angústias sobre a ciência e o conhecimento e iluminado pelo seu farol, segui o tortuoso caminho da elaboração desta tese.

Ao Prof. Sérgio Roberto de Lucca, que assumiu a orientação desta tese após o falecimento do professor Manildo, e com espírito crítico e dedicação leu o material e discutiu comigo os mínimos detalhes de sua elaboração.

Ao Prof. Dr. Ericson Bagatin, leitor e apreciador de assuntos referentes às emoções e ao psiquismo, que como membro de minha banca de qualificação, muito contribuiu para o aperfeiçoamento do texto que aqui está.

Ao Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende, que pela sua disponibilidade em participar de minha qualificação demonstrou mais uma vez a larga abrangência do seu pensamento e do seu coração, além é claro do seu já notório profundo conhecimento de psicanálise e da sua vibrante vocação de professor e psicanalista.

Aos colegas da Área de Saúde Ocupacional do Departamento de Medicina Preventiva e Social, Prof. Dr. José Inácio de Oliveira e Prof. Dr. Satoshi Kitamura pelo estímulo ao desenvolvimento desta tese e pela abertura de oportunidades para tratar o tema Saúde Mental e Trabalho nas disciplinas de graduação, no programa teórico de residentes, no curso de especialização em Medicina do Trabalho e nas disciplinas de pós-graduação, feito possível somente porque em nosso grupo a diversidade de idéias é tratada com maturidade emocional e a relação entre nós é cimentada por elevado valor ético.

À Elza e à Ana pelo apoio administrativo nos momentos em que ele foi crucial.

À Leoci que sempre prestativa orientou-me nos meandros burocráticos da pós-graduação e socorreu-me em momentos de esquecimento.



À direção da empresa em que foi desenvolvido o trabalho com o grupo de operadores de tráfego, pelo acolhimento da proposta de trabalho e pela coragem de efetuarlo.

Aos operadores de tráfego, membros do trabalho em grupo, pela dedicação com que participaram do grupo e pelo rico material que ofereceram para esta investigação.

Ao Amaury Rufatto pela disponibilidade interna para fazer a supervisão do material das entrevistas com os operadores com os operadores de tráfego.

Aos meus pais, exemplos de amor e de ética, pelo que eles me proporcionaram na infância e na juventude.

À Elony, minha esposa, não apenas por tolerar vários momentos de convivência roubados para o esforço de escrever esta tese, mas também pelo seu inconformismo, que acordou-me do neurótico transe da tese para o amor e a vida.

Às minhas filhas Isadora e Beatriz que várias vezes interromperam o cansativo silêncio de minha escrita para me levar a brincar.



*“Enquanto eu falava, expondo tudo em pormenor a meus companheiros, a bem construída nau não tardou em alcançar a ilha das Sereias, porque um vento favorável lhe apressava a marcha. Mas, de repente, cessou o vento e sobreveio a calmaria, tendo uma divindade adormecido as ondas. Meus homens tendo-se levantado, enrolaram as velas e lançaram-nas no porão; em seguida, sentando-se novamente, faziam saltar a espuma com os polidos remos de abeto. Eu, depois de Ter cortado com o bronze afiado da espada um grande pedaço de cera, amassei os pedaços com minhas mãos fortes. Logo a cera amoleceu, mecê da grande força e do brilho do rei Hélios, filho de Hipérion. Com ela tapei a orelha de todos os meus companheiros, a cada um por sua vez. Eles me ligaram as mãos e os pés, permanecendo eu direito junto ao mastro, ao qual me ataram com cordas. Depois, sentados, continuaram ferindo com remos o alvacento mar. Quando já estávamos a distância de alguém, gritando, se fez ouvir, redobram de velocidade, mas a nau que veloz singrava sobre as ondas e perto das Sereias não lhes passou despercebida. Súbito entoaram este harmonioso canto:*

*Vem aqui decantado Ulisses, ilustre glória dos Aqueus; detém tua nau, para escutares nossa voz. Jamais alguém por aqui passou em nau escura, que não ouvisse a voz de agradáveis sons que sai de nossos lábios; depois afasta-se maravilhado e conhecedor de muitas coisas, porque nós sabemos tudo quanto, na extensa Tróade, Argivos e Troianos sofreram por vontade dos deuses, bem como o que acontece na nutrícia terra.*

*Assim elas cantavam, e suas magníficas vozes inundavam-me o coração com o desejo de as ouvir, de sorte que, com um movimento das sobancelhas, ordenei aos companheiros que me soltassem; eles, porém, curvados sobre os remos, continuavam remando; mas imediatamente, Perímedes e Euríloco, tendo-se levantado, prenderam-me com laços mais numerosos e os apertaram com mais força. Depois que passamos as Sereias e não mais lhes ouvimos a voz nem o canto, meus fiéis companheiros retiraram a cera, com que lhes apara os ouvidos, e libertaram-me das cordas.”*

**Odisséia**

**Homero**



## ***SUMÁRIO***

---

|                                                                                                            | <b><i>PÁG.</i></b> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|
| <b>RESUMO.....</b>                                                                                         | <b><i>xvii</i></b> |
| <b>ABSTRACT.....</b>                                                                                       | <b><i>xxi</i></b>  |
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                     | <b>25</b>          |
| <b>O TRABALHO E SEUS SIGNIFICADOS.....</b>                                                                 | <b>51</b>          |
| <b>ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PASICANÁLISE AO CAMPO DO<br/>CONHECIMENTO DA SAÚDE MENTAL NO TRABALHO.....</b> | <b>65</b>          |
| <b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>                                                                         | <b>101</b>         |
| <b>APRESENTAÇÃO DE UM CASO A TÍTULO DE EXEMPLO.....</b>                                                    | <b>121</b>         |
| <b>ENTREVISTAS.....</b>                                                                                    | <b>129</b>         |
| <b>DISCUSSÃO.....</b>                                                                                      | <b>151</b>         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                           | <b>177</b>         |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                     | <b>183</b>         |





## ***RESUMO***



Esta tese de doutorado trata-se de um estudo sobre algumas contribuições teóricas e metodológicas que a psicanálise nos oferece para o entendimento das inter-relações entre saúde mental e trabalho.

Introduziu-se o tema discutindo que o conhecimento teórico e prático de como se maneja os conflitos emocionais em grupos de trabalhadores, os distúrbios psíquicos associados ao trabalho e as situações psico-sociais é mais uma das competências profissionais exigidas do médico do trabalho.

Realizou-se uma breve revisão sobre o tema das inter-relações entre saúde mental e trabalho, destacando a diversidade de pensamento e de métodos de investigação que este campo do conhecimento interdisciplinar abarca.

Fez-se uma trajetória de revisão histórica, dos significados do trabalho, para contextualizar suas diferentes concepções e para mais adiante tentar responder se há um significado psicanalítico do trabalho.

Apresentou-se e discutiu-se os conceitos teóricos e metodológicos oriundos da psicanálise, principalmente de Freud e de Bion, e as contribuições que à luz deles a investigação psicanalítica pode oferecer ao estudo das inter-relações entre saúde mental e trabalho, notadamente com relação ao trabalho em grupos.

A partir de uma investigação de orientação psicanalítica tendo como objeto as emoções e afetos vivenciados por um grupo de operadores de tráfego de uma grande cidade paulista, no seu contexto de trabalho, efetuou-se a interpretação, a supervisão e a discussão do material escutado e reelaborado, destacando-se que a angústia vivenciada pelos indivíduos no trabalho é resultante do conflito psíquico entre as pulsões sexuais e as interdições impostas pelos mecanismos de defesa do ego e pelas diferentes instâncias psíquicas.

Por fim, concluiu-se este trabalho, afirmando-se que a psicanálise tem muitos recursos a oferecer para o entendimento das inter-relações entre saúde mental e trabalho, mais especificamente no que diz respeito ao funcionamento e à dinâmica do psiquismo humano.





## *ABSTRACT*



These thesis of doctorate is about a study over some theoretical and methodological contributions from psychoanalysis to understand the relationships between mental health and work.

The matter is approached through the discussion over the theoretical and practical knowledge demanded from occupational physicians about the management of emotional conflicts in groups of workers, psychic disturbances related to work and psychosocial situations.

A brief review over the theme of relationships between mental health and work was performed, emphasizing the diversity of thinking and investigation methods that this field of interdisciplinary knowledge covers.

A historical review of the means of the work was written to put into context its different conceptions and behind in the discussion chapter to try answer if there is a psychoanalytical mean of the work.

Theoretical and methodological concepts from psychoanalysis, mainly from Freud and Bion, were presented and discussed and the contributions that the psychoanalytical investigation can offer to study of relationships between mental health and work, mainly related to group dynamic.

In a investigation of psychoanalytical orientation, the emotions and affects experienced by a group of traffic operators of a big city in São Paulo were kept as object of study. The interpretation, overview and discussion of the speeches listened and worked-through were performed, emphasizing that the anguish felt by the workers is a result of the psychic conflict among the sexual impulse and the interdiction made by the ego mechanisms of defense and by the different psychic agency.

Finally, this thesis is concluded, with the affirmation that the psychoanalysis has many resources to promote the understanding of the relationships between mental health and work, specifically of the function and dynamic of the human psychism.





## *INTRODUÇÃO*

.....

O tema das inter-relações entre Trabalho e Saúde Mental vem conquistando, há cerca de 20 anos, o interesse de pesquisadores da psicologia, da psiquiatria e da área de saúde do trabalhador de universidades, assim como de instituições que financiam a pesquisa científica no Brasil.

No campo da saúde ocupacional esta temática, ainda não é uma prioridade, muito embora venha gradativamente sendo incorporada, principalmente em empresas que solucionaram problemas ambientais ocupacionais considerados mais agressivos à saúde dos trabalhadores e no ensino acadêmico em algumas universidades.

Atualmente, ela já é objeto de discussões em *meetings* internacionais específicos de saúde mental e trabalho e mesmo nos de saúde ocupacional, como ocorre no congresso trienal da ICHO ( The International Commission on Occupational Health ).

Entre nós, apesar do relativo atraso se nos compararmos aos países desenvolvidos, as pesquisas e as práticas neste campo do conhecimento vêm evoluindo, podendo ser identificados vários fatores que direta ou indiretamente contribuem para isso:

- 1.as mudanças organizacionais que vêm ocorrendo nas empresas em decorrência da globalização da economia;
- 2.a formação de culturas nas empresas, em que se espera o total comprometimento do empregado com os valores da organização não apenas durante o trabalho, mas também nas atividades extra-laborais;
3. a introdução de novas tecnologias de produção como a informática e a automação;
4. a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho;
5. o progressivo controle da exposição aos riscos físicos e químicos em ambientes de trabalho de médias e grandes empresas, cujo impacto vem sendo a redução da incidência de casos de doenças ocupacionais classificadas como tecnopatias;
6. o perfil de morbi-mortalidade das populações trabalhadoras urbanas, caracterizado pelo predomínio das doenças crônico-degenerativas, estando entre estas as doenças ou distúrbios mentais;

7. o absenteísmo, seja ele causado por doenças ou distúrbios mentais adequadamente diagnosticados, seja aquele que não é diagnosticado como distúrbio mental, mas que representa uma defesa psíquica do trabalhador contra as pressões da organização do trabalho;
8. a divulgação nos meios científicos de estudos que relacionam fatores da organização do trabalho com distúrbios ou doenças mentais;
9. o reconhecimento do alcoolismo e da drogadição como doenças e sua associação com trabalhos perigosos ou de alto risco ou com atividades socialmente desvalorizadas;
10. o reconhecimento de alguns distúrbios mentais como doenças relacionadas ao trabalho ( DECRETO 3048, 1999 );
11. a crescente incorporação de pautas sobre temas de saúde do trabalhador nos programas e nas ações dos sindicatos e nas negociações coletivas entre estes e as empresas;
12. os efeitos de políticas e programas governamentais no campo da saúde do trabalhador, seja através da ação de instituições normatizadoras e fiscalizadoras, seja através da atuação de serviços de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças ocupacionais e acidentes do trabalho;
13. a influência do desenvolvimento da pesquisa científica e das teorias sobre trabalho e saúde mental que vem ocorrendo, notadamente a partir da década de 50;
14. o desenvolvimento de estudos relativos às causas sociais de distúrbios mentais no campo da Psicologia Social e da Psicologia de Família, bem como a influência do movimento de desospitalização e re-socialização de pacientes psiquiátricos, através do trabalho;
15. o interesse e o esforço de um número pequeno de docentes, pesquisadores e técnicos que pesquisam sobre o tema e vêm publicando resultados e concepções teóricas em livros, revistas e relatórios de pesquisa.

No Brasil, a pesquisadora Seligmann Silva vem exercendo um papel destacado no impulsionamento da pesquisa e das formulações teóricas sobre o tema das inter-relações entre trabalho e saúde mental.

Durante a década de 80, esta autora, juntamente com colegas, pesquisou e estudou a repercussão das condições laborais e de vida sobre a saúde mental de trabalhadores industriais, bancários e metroviários. ( SELIGMANN-SILVA, 1994 ).

A evolução das pesquisas trouxe consigo a necessidade de desenvolvimentos teóricos e metodológicos que pudessem dar suporte a pesquisas e estudos ulteriores.

Um novo campo de estudo, proposto em meados dos anos 80, vem sendo alicerçado: “ *As relações entre Saúde Mental e Trabalho tendem a estruturar-se como um novo campo de estudos que, talvez pela complexidade da interdisciplinaridade que envolve, ainda não obteve uma denominação definitiva. Modernamente, este novo campo deverá assumir cada vez maior importância para os profissionais de saúde e da produção, assim como para as organizações de trabalhadores que buscam condições mais saudáveis de trabalho.* ” ( SELIGMANN-SILVA, 1986 )

Este novo campo era entendido como “ *essencialmente sócio-político, porém moldado, basicamente, por forças econômicas, que atuando através de estratégias organizacionais e tecnológicas utilizam o corpo e a mente do trabalhador como instrumentos de produção, ao mesmo tempo que os atingem morbigenamente. Estas ações morbigenas se exercem através de diferentes vias – social, psicológica e do próprio corpo do trabalhador, instrumentalizado pelo processo laboral – em caminhos que se cruzam numa complexa trama dinamizada por inúmeras interações.* ”

Concebido como conceito central, o trabalho “ *é essa atividade tão específica do homem que funciona como fonte de construção, realização, satisfação, riqueza, bens materiais e serviços úteis à sociedade humana.*”, mas que também “*pode significar escravidão, exploração, sofrimento, doença e morte.*”, correlaciona-se com alterações “*psi*” diversas, descritas por diferentes autores como: neurose do trabalho, fadiga mental, síndrome neurótica do trabalho, stress do trabalho ou simplesmente sofrimento mental. ( SELIGMANN-SILVA, 1990 )

Em um momento ulterior a autora refere que a instância trabalho “*em diferentes circunstâncias, preside à constituição de formas de desgaste e sofrimento mental cujo estudo sistematizado configura, por sua complexidade, um território especial de pesquisas.*” e em meados da década de 90, o campo já designado “*Saúde Mental no Trabalho ainda se encontra em construção*” tendo elegido como objeto central de análise “*a interrelação entre o trabalho e os processos saúde/doença cuja dinâmica se inscreve mais marcadamente nos fenômenos mentais, mesmo quando sua natureza seja eminentemente social.*” ( SELIGMANN-SILVA, 1994 ).

A formação deste novo campo do conhecimento vem sendo fortemente marcada pela interdisciplinaridade, e como tal, existem inúmeros desafios científicos a serem enfrentados, uma vez que o “*psíquico*” e o “*trabalho*”, conceitos centrais do objeto em análise, podem ser abordados com distintas embocaduras epistemológicas e metodológicas, desde as pertinentes ao campo das ciências naturais até aquelas identificadas com o campo das ciências humanas.

SELIGMANN-SILVA ( 1994 ) distribui as disciplinas que constituem o campo da Saúde Mental do Trabalho em dois grupos, sendo o primeiro subdividido em dois sub-grupos. No primeiro sub-grupo do primeiro grupo estão incluídas aquelas disciplinas que estudam os processos mentais e/ou a dinâmica saúde-doença do ser humano submetido a diferentes condições de trabalho: a Medicina do Trabalho, a Psicologia do Trabalho, a Psicopatologia do Trabalho, a Toxicologia e a Ergonomia. O segundo sub-grupo engloba as disciplinas básicas que fundamentam as listadas no primeiro sub-grupo como a Fisiologia e suas sub-especialidades- a Psicofisiologia e a Neurofisiologia - , a Neurologia, a Psiquiatria e a Medicina Psicossomática. Segundo a autora, a Psicanálise ocuparia um lugar especial neste primeiro grupo de disciplinas. No segundo grupo se encontram as disciplinas que se ocupam do estudo do trabalho humano, em perspectivas histórica, política, econômica, e cultural, nos âmbitos macro e micro-sociais, incluindo neste último as disciplinas técnicas e administrativas que conformam a Organização do Trabalho, no interior das empresas.

Podemos identificar pelo menos três diferentes enfoques científicos e teóricos com contribuições significativas sobre o tema das inter-relações entre saúde mental em trabalho: ( SELIGMANN-SILVA, 1995 )

## 1. A TEORIA DO ESTRESSE

Modelo que tem seu embasamento no conceito de Síndrome Geral de Adaptação: o conjunto de reações que um organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige esforço de adaptação. ( SELYE, 1956, 1965 )

Esta teoria sustenta-se no modelo do mecanismo neuro-endócrino da alça de feed-back, mais conhecido como “*cascata do estresse*”, que controla a liberação de catecolaminas, pelas glândulas supra-renais, na corrente sanguínea, toda a vez que estímulos estressores sejam intensos o suficiente para acioná-la.

Há três tipos de respostas fisiológicas não específicas a estímulos estressores: alarme, resistência e exaustão. Elas se dão em uma sequência temporal e em cada uma delas é possível o desencadeamento de sintomas e disfunções, cujo gradativo aumento de gravidade pode levar o indivíduo ao adoecimento e até mesmo à morte.

A fundamentação biológica desta teoria possibilitou sua difusão no meio médico e alavancou o desenvolvimento de práticas e procedimentos de investigação clínicos, de tal forma que ela se tornou o modelo explicativo hegemônico das inter-relações entre saúde mental e trabalho.

A inclusão do stress como categoria diagnóstica na Classificação Internacional das Doenças possibilitou aos médicos a adoção deste registro, como um diagnóstico generalizante de todo e qualquer distúrbio psíquico ou psicossomático, associado ao trabalho ou não, o que indubitavelmente empobrece a diversidade e complexidade das manifestações clínicas e oculta a relação com a natureza ocupacional dos eventos.

Apesar da sua efetividade, o modelo baseado na teoria do estresse é alvo de críticas que destacam sua incapacidade de lidar com as interações dinâmicas da subjetividade humana.

As limitações do modelo biológico de estímulo-resposta levaram vários autores ( CASSEL, 1974; FRANKENHAUSER, M. & JOHANSSON, G, 1986; KALIMO 1987; KALIMO, EL-BATAWI & COOPER, 1987; KARASEK & THEORELL, 1990; KASL & AMICK, 1995 ), a elaborar concepções mais refinadas e abrangentes, que ampliaram a capacidade explicativa da teoria do estresse sobre eventos relacionados ao trabalho,

incluindo na sua determinação, a consideração de aspectos psicológicos individuais, psicossociais, culturais e aqueles pertinentes à organização do trabalho.

Um exemplo que leva em consideração aspectos psicológicos e psicossociais relativos à atuação profissional é a descrição do quadro conhecido como *“burn out”*, termo que pode ser traduzido como esgotamento profissional. O *“burn out”* atinge pessoas altamente dedicadas à profissão como os executivos de empresas ou pessoas envolvidas em causas humanitária e sociais que vêem seus projetos e esforços frustrados. FREUDENBERGER & RICHELSON ( 1980 ) acentuam que no *“burn out, o esgotamento das fontes internas do indivíduo e a diminuição de sua energia, de sua vitalidade e de sua capacidade de funcionar resulta de um esforço sustentado para atingir um objetivo irrealizável, no contexto de trabalho, particularmente nas profissões que dispensam cuidados ao outro”*. Segundo ( CANOUI & MAURANGES, 2001 ) o esgotamento profissional é um tipo especial de stress emocional crônico, em que ocorre esgotamento emocional, desumanização das relações com o outro e a perda do senso de si mesmo no trabalho, especialmente em profissionais que cuidam dos outros.

Internamente, esta escola enfrenta vários dilemas conceituais e dificuldades metodológicas pois vê-se frente à impossibilidade da completa substituição de dados de exposição subjetivos por informações objetivas. Busca formas de mensuração de uma *“dose psicologicamente efetiva”* que possa identificar estados precoces de respostas a exposição, susceptibilidades individuais e efeitos sobre os trabalhadores.( KASL & AMICK, 1995 )

## **2. A PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO**

Esta corrente de estudo dos fenômenos psíquicos associados ao trabalho reúne influências da Psicanálise, da Sociologia do Trabalho, da Psicossociologia, da História e de outras disciplinas que estudam a organização do trabalho em uma perspectiva psicossocial. ( SELIGMANN-SILVA, 1995 )

Originou-se na década de 50 na França com alguns trabalhos sobre síndromes que afetam especificamente a saúde mental de operários de certas profissões: telefonistas e mecanografistas( DEJOURS & ABDOUCHELI, 1990 ) e sobre a prevenção de distúrbios mentais na indústria. ( FRIEDMANN & NAVILLE, 1973 )

Após um período de arrefecimento do seu desenvolvimento, a Psicopatologia do Trabalho tem sua retomada associada a um momento histórico particular na década de 70, na França, que assistiu a combinação do avanço da psiquiatria e da psicanálise e os efeitos da nova correlação política nos conflitos entre classe operária, empresariado e Estado após o movimento de maio de 68. ( DEJOURS, 1987 )

A Psicopatologia do Trabalho é definida como a análise dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho. ( DEJOURS, 1990 )

O centro de gravidade da investigação são os conflitos que surgem do encontro do sujeito - portador de uma história singular pré-existente a este encontro- e uma situação de trabalho cujas características são em grande parte definidas independentemente da vontade do sujeito. ( DEJOURS, 1990 )

Dois conceitos são centrais no arcabouço teórico da Psicopatologia do Trabalho: o de sofrimento mental e o de estratégias defensivas.

O sofrimento mental é resultante da organização do trabalho e de suas características: a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade, etc. ( DEJOURS, 1987 )

Para DEJOURS ( 1987 ) há duas modalidades básicas de sofrimento mental: a insatisfação e a ansiedade. A primeira é decorrente da execução de trabalhos de conteúdo significativo pouco valorizado, em que a dificuldade prática da tarefa, a significação da tarefa acabada, sua relação com a profissão e o status social ligado à profissão são considerados. Já a ansiedade, pode ser relacionada à degradação do funcionamento mental e do equilíbrio psico-afetivo, à degradação do organismo e à “*disciplina da fome*”.

Nas investigações, em Psicopatologia do Trabalho, o sofrimento que se pretende analisar não é obtido senão através de estratégias defensivas, que por sua vez transformam profundamente a expressão deste sofrimento.

As estratégias defensivas referem-se a mecanismos de defesa coletivos suscitados frente ao sofrimento psíquico. O alvo das estratégias defensivas é minimizar a percepção de certas pressões organizacionais irredutíveis, consideradas como fonte de sofrimento mental. As estratégias defensivas funcionam através de um retorno da relação

subjetiva com as pressões patogênicas. “ *De vítimas passivas, os trabalhadores colocam-se na posição de agentes ativos de um desafio, de uma atitude provocadora ou de uma minimização diante da dita pressão patogênica*”. ( DEJOURS & ABDOUCHELI, 1990 )

Um dos grandes desafios teóricos e metodológicos do estudo das inter-relações entre saúde mental e trabalho é como compreender o paradoxo entre sofrimento individual e estratégias coletivas de defesa.

Os autores da Psicopatologia do Trabalho (DEJOURS & ABDOUCHELI, 1990 ) afirmam que o sofrimento, o prazer, o sujeito, a identidade, são conceitos cujo uso rigoroso não tem validade fora da ordem singular. Não conhecem sofrimento e prazer de um grupo, de um coletivo, de uma organização ou de uma sociedade. Postulam que “*vários sujeitos experimentando cada um por si um sofrimento único seriam contudo capazes de unir seus esforços para construir uma estratégia de defesa comum.*”

Para estes autores a diferença fundamental entre um mecanismo de defesa individual e uma estratégia coletiva de defesa é que o mecanismo de defesa está interiorizado ( no sentido psicanalítico do termo ), ou seja, ele persiste mesmo sem a presença física de outros, enquanto a estratégia coletiva de defesa não se sustenta a não ser por um consenso, dependendo assim de condições externas. Assim as estratégias defensivas funcionariam como regras, com as quais o indivíduo concorda, devendo em relação a estas “ *realizar uma harmonização de seus outros recursos defensivos individuais para garantir a coerência de sua economia psíquica singular*”. DEJOURS E ABDOUCHELLI ( 1990 ) afirmam que certos psicóticos conseguem garantir de uma forma satisfatória seu equilíbrio psíquico, quando confrontados com as dificuldades de um trabalho penoso ou perigoso, graças a sua integração em um coletivo de trabalho, descompensando tão logo são privados de sua relação com os desafios do trabalho.

As estratégias coletivas de defesa operam de forma tal, que alteram a percepção da realidade. De fato, a realidade – a organização do trabalho e o sofrimento psíquico por ela engendrado – é negada. Sendo assim, o resultado da estratégia coletiva de defesa é uma percepção irrealista da realidade: ou uma nova realidade reconstruída coletivamente.

DEJOURS & ABDOUCHELI ( 1990 ) perguntam-se se ao transformar a percepção da realidade, as estratégias coletivas de defesa não estariam arriscando-se a enganar os trabalhadores, a mascarar o sofrimento e a perturbar a ação ou luta contra as

pressões patogênicas da organização do trabalho? E respondem que o risco – da alienação - existe. Relatam que há casos em que a estratégia defensiva torna-se ela mesma tão preciosa para os trabalhadores que ao se esforçarem para enfrentar as pressões psicológicas do trabalho acabam por transformar esta estratégia em um objetivo em si mesma. As ameaças contra a estratégia defensiva são vivamente combatidas e a estratégia corre o risco de ser promovida a objetivo. A situação subjetiva enuncia-se como se o sofrimento fosse essencialmente o resultado de um enfraquecimento da estratégia defensiva e não consequência do trabalho. O sofrimento não pode mais ser reconhecido como decorrente do trabalho. Inversamente, a estratégia de defesa que não era vista como nada além de uma defesa contra o sofrimento passa a ser vista como promessa de felicidade, e a defesa da defesa, é erigida em ideologia”.

DEJOURS & ABDOUCHELI ( 1990 ) escrevem que na medida em que as estratégias de defesa se tornam um programa de ação coletiva, tornam-se uma ideologia defensiva, que desemboca em conflitos de poder. Passa-se, assim da ordem do real – do pensamento - para a ordem do imaginário, ordem esta que se opõe à elaboração e perlaboração<sup>(\*)</sup> do sofrimento, à avaliação da realidade e à ação de transformação da organização do trabalho. Ou seja, entramos no campo da alienação: o do confronto de ideologias, o da luta política, o da psicologia das multidões, e às vezes o da violência, nos quais os conflitos que não resultariam em nenhuma solução para a questão dos efeitos patogênicos das pressões organizacionais.

DEJOURS ( 2000a ) desenvolve a idéia de que a psicopatologia do trabalho evoluiu para a psicodinâmica do trabalho a partir da “descoberta” essencial de que a relação entre a organização do trabalho e o homem não é um bloco rígido, mas está perpetuamente em movimento. Esta evolução corresponde também à passagem da problemática da personalidade, que dominou a psicopatologia do trabalho para a da identidade, que ocupa lugar central na psicodinâmica do trabalho.

---

<sup>(\*)</sup>Perlaboração é segundo LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) o processo pelo qual a análise integra uma interpretação e supera as resistências que suscita. Tratar-se-ia de uma espécie de trabalho psíquico que permite ao indivíduo aceitar certos elementos recalçados a libertar-se da influência dos mecanismos repetitivos.

Este autor representa a psicodinâmica do trabalho através de uma relação triangular entre trabalho, sofrimento e reconhecimento. Afirmar que a conquista da identidade na dinâmica intersubjetiva dentro do trabalho consiste essencialmente na realização de si mesmo no campo das relações sociais. Segundo o autor, o reconhecimento tomado em suas três significações: verificação, gratidão e julgamento seria capaz de transformar o sofrimento mental em prazer, mediante a construção de um senso de trabalho considerado essencial à identidade do indivíduo.

### 3. O MODELO DO DESGASTE MENTAL

O terceiro modelo explicativo das inter-relações entre saúde mental e trabalho é formulado a partir do conceito de desgaste, entendido como o resultado de uma correlação desigual de força no processo biopsicosocial saúde/doença. ( SELIGMANN-SILVA, 1986 )

(LAURELL & NORIEGA, 1989 ) definem o desgaste “ *como a perda de capacidade efetiva e/ou potencial biológica e psíquica.*” Associam a este conceito o de cargas de trabalho, que refere-se às condições ambientais – físicas, químicas, biológicas e mecânicas – e do corpo humano - fisiológicas e psíquicas. Para eles, as cargas psíquicas são pensadas sobretudo em função de suas manifestações somáticas e não tanto psicodinâmicas e podem ser agrupadas em dois grandes grupos: um, que abrange tudo aquilo que provoca uma sobrecarga psíquica, ou seja, situações de tensão prolongada: atenção permanente, supervisão com pressão, consciência da periculosidade do trabalho, altos ritmos de trabalho, etc, e outro, que se refere à subcarga psíquica, ou seja à impossibilidade de desenvolver e fazer uso da capacidade psíquica: a perda do controle do trabalho para a máquina, a parcelização do trabalho, a separação entre concepção e execução, a monotonia e repetitividade, etc.

SELLIGMANN-SILVA ( 1995 ) acrescenta ao conceito de desgaste mental a noção de alienação psico-social expressa por Mendel como a não possibilidade do cumprimento do “*Actepouvoir*”- a necessidade/desejo de poder sobre o ato produtivo econômico ou social que exprime a articulação dos campos psicológico, antropológico e social; do individual e coletivo.

Nesta perspectiva, segundo SELLIGMANN-SILVA ( 1995 ) o conceito de desgaste pode ser tomado como um paradigma integrador que permite compreender as interações entre os fatores objetivados pelos estudos do work-stress a subjetividade e diferentes esferas da vida social apartir dos âmbitos microssociais do local de trabalho e da família, passando pelos intermediários ( empresa e comunidade ), até os macrossociais que definem desde a divisão internacional do trabalho às políticas industrial, tecnológica, e salarial de cada país, balizando as relação sociais de trabalho em cada realidade.

Para esta autora, a interação entre as subjetividades individuais e o nível coletivo imprime uma poderosa dinâmica que pode ser tanto promotora da saúde mental, quanto determinante do desgaste mental. Ela destaca aspectos fundamentais a serem considerados nas abordagens teóricas e na pesquisa : *“a) o caráter permanente do processo biopsicossocial; b) sua multiplicidade de componentes – sociais, culturais, biológicos, psicológicos; c) sua elevada complexidade ao articular processos subjetivos, processos biológicos, histórias de vidas, processo de trabalho e processo saúde-doença ; d) a centralidade do conceito de sofrimento mental; e) a importância da perspectiva diacrônica – estudos longitudinais das trajetórias de vida e de trabalho dos indivíduos; f) a relevância das formas de relacionamento inter-pessoal, nos locais de trabalho na configuração de instâncias coletivas.”* (SELLIGMANN-SILVA, 1995 )

O esforço por integrar os diversos componentes – social, cultural, econômico, técnico-produtivo, biológico, psicológico – nas esferas individual e coletiva, tem em si a marca da visão de mundo abrangente, globalizante, sistêmica e/ou dialética. É um trabalho epopéico, próprio de grandes autores, capazes de organizar e apresentar por completo o conhecimento de um determinado campo. No entanto, abordagens generalizantes, que envolvem tão diversificados estatutos científicos muitas vezes não dão conta de aspectos teóricos e metodológicos particulares de determinada disciplina, ciência ou saber integrante de um campo de conhecimento interdisciplinar.

O campo de estudos das inter-relações entre saúde mental e trabalho é novo, estando em ativo processo de constituição. Nesta trajetória de leitura, prática e reflexão dedicadas ao tema, pudemos observar que determinadas linhas de abordagem estão pouco exploradas, necessitando ser ampliadas e aprofundadas.

Uma delas, sem dúvida, refere-se à concepção e suas ramificações, daquilo que é central à compreensão do pólo saúde mental: o fenômeno psíquico, o psiquismo ou a mente. Cada uma das correntes de pensamento acima expostas traz mais ou menos explícita uma noção conceitual de mente ou fenômeno psíquico, na qual se apóia para o seu desenvolvimento teórico.

Da corrente da Teoria do Estresse compreende-se que o fenômeno psíquico da reação de estresse é explicado pelas alterações de funcionamento do mecanismo neuro-endócrino do sistema hipotálamo/hipófise/supra-renais que são desencadeadas por estímulos externos ou internos ao organismo. O funcionamento fisiológico deste sistema proporciona ao organismo um estado de equilíbrio denominado homeostase, em que a reação de estresse está ausente. Quando o equilíbrio se rompe ou por um estímulo intenso ou por uma resposta inadequada do organismo ao estímulo, temos a reação de estresse.

A corrente da Psicopatologia do Trabalho apoia-se na Teoria Psicanalítica. Contudo, criou conceitos e nomenclaturas próprios e dirigiu enfoques específicos ao conflito entre organização do trabalho e funcionamento psíquico. Este, do ponto de vista teórico é oriundo de um modelo de homem que faz, de cada indivíduo, um sujeito sem outro igual, portador de desejos e projetos enraizados em sua história singular que, de acordo com aquilo que caracteriza a organização de sua personalidade, reage à realidade de maneira estritamente original. ( DEJOURS, 1994 ).

Há nesta visão a idéia de uma mente que interage com a organização do trabalho, resultando em sofrimento psíquico quando esta interação é conflitiva. O conflito se dá entre o indivíduo, portador de uma história de vida e de um projeto de vida, e fatores da organização do trabalho que impedem que esta história e este projeto cursem isentos de sofrimento. A dinâmica intra-psíquica – objeto de estudo e pesquisa psicanalítica – é abordado, nas temáticas da ansiedade, do desejo, da sublimação e das defesas, mas o conflito tem seu mote a partir de fatores inerentes à organização do trabalho, cuja ação intensificada sobre o psiquismo é origem ou desencadeante do sofrimento mental. Um outro conceito formulado pelos autores desta corrente é o de carga psíquica, em analogia à noção de carga em Ergonomia, porém, diferenciando-se desta ao atribuir caráter exclusivamente qualitativo ao mesmo: “o prazer, a satisfação, a frustração, a

*agressividade, dificilmente se deixam dominar por números”* ( DEJOURS, 1994 ). Assim, os trabalhadores estariam sujeitos a determinadas cargas psíquicas que se excessivas, exerceriam pressão ou se insuficientes, não desenvolveriam as potencialidades do psiquismo do trabalhador.

A corrente bio-psico-social tem uma concepção de mente integrada a um corpo biológico e a uma sociedade. Para esta visão, os conflitos entre a sociedade, incluindo-se nela as organizações empresariais e suas formas de organizar o trabalho e o indivíduo são capazes de provocar neste determinadas cargas psíquicas que podem resultar em desgaste bio-psíquico-social. Este tipo de abordagem tem o mérito de ser abrangente e de sistematizar todos os aspectos envolvidos na determinação dos efeitos à mente resultantes das inter-relações entre saúde mental e trabalho. É um esforço guiado pela visão integral, sistêmica, por vezes dialética, dos fenômenos.

No entanto, na tomada abrangente e integral feita apartir do conceito de desgaste bio-psico-social e na psicopatológica feita pela psicopatologia do trabalho percebe-se uma lacuna na abordagem das inter-relações entre saúde mental e trabalho, que diz respeito às bases conceituais do psiquismo, de suas relações internas e de suas relações com a realidade externa.

Muito embora a Psicopatologia do Trabalho se remeta ao referencial psicanalítico, não o faz apartir do seu edifício conceitual. Cria alguns conceitos originais como sofrimento mental e estratégias coletivas de defesa inspirada nos conceitos psicanalíticos de angústia e de mecanismos de defesa do ego respectivamente. Toma da psicanálise alguns conceitos como ansiedade, desejo e sublimação e articula-os ao seu arcabouço teórico, sem, no entanto, explicitar suas origens, construções e trajetórias no interior da teoria psicanalítica.

DEJOURS ( 1994 ) ao analisar o tema sob o título “*O Ponto de Vista Psicanalítico sobre o Trabalho*” escreve: “ *Correndo o risco de ser provocativo, sustentarei que a psicanálise não tem ponto de vista sobre o trabalho, nem sobre os trabalhadores, nem sobre os artistas ou os pesquisadores. Certos trabalhos de psicanálise foram publicados sobre tal ou tal artista, sobre tal ou tal cientista, ou sobre tal ou tal poeta: Leonardo da Vinci, Michelangelo, ou mesmo sobre o próprio Freud, uma vez que o*

*estudo da vida e a interpretação das fontes inconscientes de sua obra tornaram-se há alguns anos a verdadeira obra. Mas deve-se observar que a cada vez se trata de uma pessoa precisa, e não de todos os pintores, de todos os poetas, de todos os psicanalistas ou de todos os trabalhadores. Este é o preço da tentativa psicanalítica: deve, sem cessar, renovar-se a cada caso que se presta a sua investigação”*

DEJOURS ( 1994 ) parece aceitar que a psicanálise nada tenha a dizer sobre o trabalho. Diz ele *“É portanto forçoso admitir que a psicanálise é inapta para fornecer quaisquer informações quer sobre o trabalho ou sobre os trabalhadores em geral”*.

Neste aspecto, busca-se neste estudo um outro olhar, que a partir da análise mais detalhada de textos psicanalíticos clássicos nos mostra pistas que se perseguidas revelam a capacidade explicativa da psicanálise em tudo o que envolve o homem desejante e suas ações , o trabalho entre elas. Da legitimidade da psicanálise como campo de conhecimento sobre psiquismo humano procurar-se-á neste trabalho estabelecer as conexões entre o que se passa na mente do homem inserido no seu mundo do trabalho. Se a psicanálise pouco se ocupou deste objeto até hoje, é porque poucos psicanalistas se preocuparam com o trabalhador e seu mundo e poucos médicos do trabalho se dedicaram ao estudo e à prática da psicanálise.

Ao desembocar a reflexão psicanalítica sobre o trabalho em uma única questão: *“no trabalho contemporâneo, qual é o lugar do desejo e qual é o lugar do sujeito?”* este autor parece ter subestimado a abrangência que envolve tal questão, pois o desejo e o sujeito são objetos de estudo sobre os quais gravita a teoria psicanalítica.

Partilha-se com este autor a busca de um constructo teórico e metodológico que dê conta da complexidade do tema das inter-relações entre saúde mental e trabalho, diferenciando-nos , porém, por uma exploração mais profunda das possibilidades explicativa e interpretativa inerentes ao campo psicanalítico, tendo por objetivo melhor fundamentar e explicitar mais claramente a dinâmica da mente e a partir daí, suas inter-relações no mundo do trabalho.

Assim, como nos clássicos da literatura encontramos o referencial da estética e da forma literária pretende-se, neste estudo, server da Psicanálise, concepções teóricas e metodológicas, principalmente aquelas oriundas do campo do freudismo, que podem

oferecer ao estudo das inter-relações entre saúde mental e trabalho um suporte conceitual cuja história, legitimidade e aplicação são reconhecidos por uma ampla comunidade de estudiosos, pesquisadores e profissionais.

Um outro aspecto que justifica a necessidade de uma abordagem psicanalítica do tema das inter-relações entre saúde mental e trabalho, diz respeito ao manejo de situações em que demandas de natureza psicológica se apresentam ao médico do trabalho, seja através do indivíduo-paciente que o procura no consultório, seja através de grupos de trabalhadores ou da própria equipe de saúde.

A ocorrência de distúrbios psíquicos e psicossomáticos associados ao trabalho é amplamente reportada na prática dos médicos do trabalho. Vem sendo reconhecida, apresentada e discutida por vários autores.

SELIGMANN-SILVA ( 2003 ) expõe didaticamente alguns quadros clínicos destes distúrbios: Síndrome da Fadiga Crônica ( Fadiga Patológica, Fadiga Industrial ), Síndrome do Esgotamento Profissional ( Burn Out ), Síndrome Residual Pós-traumática, Quadros Neuróticos Pós-traumáticos, Síndromes Depressivas, Síndromes Paranóides, Síndromes da Insensibilidade, Alcoolismo ( Uso Abusivo ou Síndrome de Dependência ).

Além destes quadros, várias doenças e síndromes clínicas têm seu desencadeamento ou agravamento associados a distúrbios emocionais que diretamente articulados ou não a uma dada situação no trabalho, nele, necessariamente, repercutem: a hipertensão arterial, a asma brônquica, a gastrites e as úlceras pépticas, as cefaléias, as mialgias e várias dermatoses como a psoríase e os eczemas, entre outras.

Os distúrbios ósteo-musculares relacionados ao trabalho também são percebidos na prática clínica como tendo associação com aspectos emocionais que podem contribuir para o seu desencadeamento ou para o seu agravamento. Assim, estados depressivos podem ser a base para a instalação de quadros miálgicos crônicos, mas também podem suceder à dor e à incapacidade para o trabalho. DEJOURS ( 2000 ) considera que a etiologia da epidemia de LER/DORT está ligada à uma intensificação da repressão pulsional promovida pelas novas formas de organização do trabalho e pela precarização dos vínculos empregatícios quando comparada às formas clássicas de produção fordistas.

Quadros clínicos de intoxicações por substâncias químicas, presentes nos ambientes de trabalho, tais como o mercúrio inorgânico, o chumbo inorgânico e os solventes orgânicos apresentam manifestações neuro-psicológicas que exigem diagnóstico e tratamento adequados.

O manejo de quadros clínicos tão complexos, diversificados e muitas vezes sutis em sua apresentação recai na maioria das vezes, pelo menos em sua primeira abordagem, nas mãos do médico do trabalho.

O profissional que atua como médico do trabalho ou como clínico em uma empresa ou instituição tem a responsabilidade e o privilégio de ter aos seus cuidados uma população bem delimitada, em geral adequadamente dimensionada para o período de tempo que dedica ao seu trabalho.

A legislação vigente exige que empresas que contratem empregados sob o amparo legal da Consolidação das Leis Trabalhistas desenvolvam o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional, em conformidade com o prescrito pela Norma Regulamentadora No 7 de Segurança e Medicina do Trabalho . Esta norma atribui ao médico do trabalho, entre outras, a avaliação periódica dos trabalhadores de uma determinada empresa.

Esta condição dá ao médico a possibilidade de conhecer cada um dos empregados individualmente, bem como traçar um perfil de saúde-doença da coletividade de trabalhadores da empresa.

As informações individuais do empregado, enquanto paciente, são utilizadas pelo médico para iniciar uma investigação clínica, estabelecer um diagnóstico, indicar um tratamento, melhor adequar o binômio empregado-posto de trabalho, apontar restrições do empregado a um determinado tipo de atividade, afastá-lo de um determinado fator de risco ou do trabalho, enfim, orientá-lo no gerenciamento de seu estado de saúde.

As informações colhidas de uma coletividade, se bem analisadas, fornecem subsídios para o planejamento de ações individuais e coletivas voltadas para o planejamento das ações, principalmente, para a prevenção e a promoção da saúde.

O médico do trabalho tem, pois, no rol de suas atribuições, que desenvolver abordagens individuais e coletivas da saúde dos trabalhadores.

MENDES ( 2000 ), adaptando um artigo do Occupational Medical Practice Committee, cita as competências requeridas dos profissionais que exercem a medicina do trabalho como especialidade:

- *“Capacidade para realizar exames de avaliação de saúde dos trabalhadores (admissionais, periódicos, demissionais ) que incluem: história médica, história ocupacional, avaliação clínica e laboratorial, avaliação das demandas profissiográficas e cumprimento dos requisitos legais vigentes ( Ministério do Trabalho – NR7, Ministério/Secretaria da Saúde, Conselho Regional/Federal de Medicina )*
- *Capacidade para diagnosticar e tratar doenças e acidentes relacionados com o trabalho, incluindo as providências para reabilitação*
- *Capacidade para prover atenção médica de emergência, na ocorrência de agravos à saúde não necessariamente relacionados com o trabalho*
- *Capacidade para implementar atividades educativas junto aos trabalhadores e empregadores, que incluem a identificação das principais condições de risco, o reconhecimento dos efeitos sobre a saúde e os métodos de prevenção e controle*
- *Capacidade para promover a correta adoção de equipamentos de proteção individual ( EPI ) quando indicados*
- *Capacidade para participar da inspeção e avaliação das condições de trabalho com vistas ao seu controle e à prevenção de danos à saúde dos trabalhadores*
- *Capacidade para avaliar e opinar sobre o potencial tóxico, de risco ou perigo para a saúde de produtos químicos mal conhecidos ou insuficientemente avaliados quanto à sua toxicidade*

- *Capacidade para implementar programas de vacinação e prevenção de doenças infecciosas*
- *Capacidade para interpretar e cumprir normas técnicas e regulamentações relacionadas com a especialidade, colaborando, sempre que possível, com os órgãos governamentais, no desenvolvimento ou aperfeiçoamento destas normas*
- *Capacidade para planejar e implantar atividades de preparação para desastres ou acidentes de grandes proporções*
- *Capacidade para participar da reabilitação de trabalhadores com dependência química (álcool e outras drogas)*
- *Capacidade para o gerenciamento estatístico e epidemiológico de todas as informações essenciais de morbidade, incapacidade para o trabalho (incluindo o absenteísmo relacionado com a saúde), e de mortalidade dos trabalhadores, para fins de vigilância da saúde e planejamento e avaliação dos programas de saúde*
- *Capacidade para planejar e implementar outras atividades de promoção da saúde, priorizando os fatores de risco relacionados com o trabalho, porém incluindo outros fatores de risco de elevada prevalência.”*

Em um elenco mais amplo de requisitos para a competência no exercício das atividades mínimas em programas ou serviços de saúde e segurança no trabalho, em uma perspectiva multidisciplinar e multiprofissional identificados, rotulados e recomendados por Rantanen, citado e adaptado por MENDES ( 2000 ) encontra-se a menção de *“capacidade para indicar e interpretar análises psico-sociais nos locais de trabalho”*.

Exceção feita a este item e à *“capacidade para participar da reabilitação de trabalhadores com dependência química”*, não são apontadas competências relativas ao manejo de problemas relacionados à saúde mental e à subjetividade dos trabalhadores, tanto na sua apresentação individual, quanto coletiva.

Vários motivos podem ser apontados para a quase ausência do assinalamento destas competências do médico do trabalho:

- A predominância do modo de abordagem racional e objetivo na formação do médico ( do trabalho ) não o capacita suficientemente para lidar com problemas que exigem uma abordagem qualitativa e subjetiva.
- Exceto os médicos do trabalho que tenham também como especialidade a psiquiatria e alguns generalistas, a grande maioria dos profissionais que atua em medicina do trabalho conta apenas com conhecimentos que obteve na disciplina de psiquiatria durante o curso da medicina. Em geral o que se verifica é uma grande dificuldade dos médicos do trabalho para lidar com problemas de saúde mental no trabalho. Por vezes, esta vivência leva o médico à negação da existência de distúrbios de natureza psicológica ou psiquiátrica, outras vezes à rejeição ou evitação de trabalhadores portadores dos mesmos.
- Só recentemente encontramos publicações com resultados de pesquisas e formulações teórico- metodológicas relativas ao tema das inter-relações entre saúde mental e trabalho, bem como a descrição de quadros clínicos associando distúrbios psíquicos ao trabalho.
- Muito mais recente, embora infrequente, é a inserção de temas de saúde mental e trabalho em disciplinas dos cursos de graduação em medicina, dos cursos de especialização em medicina do trabalho e dos cursos de pós-graduação, sejam eles lato ou strictu sensu.
- A inexistência na Classificação Internacional das Doenças de grupos diagnósticos relativos à uma psicopatologia do trabalho e a conveniência da redução de quase todos distúrbios psíquicos ou psicossomáticos à categoria diagnóstica denominada *reação a estresse severo e desordens de ajustamento ( F43 )* empobrecem a discussão, reforçam o desconhecimento e o desinteresse pelos problemas relacionados à saúde mental do trabalhador.

Recentemente, a publicação de um manual de procedimentos para os serviços de saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL, 2001) sobre doenças relacionadas ao trabalho, organizado pela professora Elizabeth Costa Dias, veio preencher uma importante

lacuna na formação do médico do trabalho ao incluir um capítulo sobre Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho.

Além deste tipo de material técnico e orientativo, no entanto, os médicos do trabalho necessitam estar emocionalmente preparados para lidar com a complexidade dos fenômenos psíquicos que a ele se apresentam.

Na relação entre médico e paciente estabelece-se um “campo transferencial” rico e intenso, apesar da brevidade de uma consulta clínica bem feita, se comparada a uma psicoterapia. É um momento de entrega do paciente ao médico, em que são confidenciais intimidades, fraquezas, dúvidas, medos, expectativas, idéias, que normalmente não chegam aos ouvidos dos amigos ou parentes mais próximos, por mais íntimos que eles sejam.

Subjacente às queixas e aos relatos do paciente existem emoções que trazem uma mensagem que vai para além da racionalidade inteligível do discurso. Algo que se passa no plano da inter-subjetividade, só captado pela escuta experiente e continente.

A relação entre médico do trabalho e paciente tem a peculiaridade de envolver vários outros desejos do paciente além do desejo de ser curado. A prática da medicina do trabalho se dá em um campo de conflito entre empregadores e empregados que envolve seus agentes – o médico e o paciente – em uma trama médica e jurídica simultaneamente.

Muito embora haja preceitos éticos regulando a prática da medicina do trabalho, o vínculo de confiança entre o médico do trabalho e o paciente nem sempre existe. Sobre o médico do trabalho pesa a suspeita de que uma vez sendo empregado ou contratado pela empresa, seus pareceres sempre serão favoráveis aos interesses desta. Sobre o paciente, algumas vezes, ergue-se a hipótese de omissão de informações, de simulação de doenças ocupacionais, de ser o portador de interesses pessoais ocultos, dependendo da sua posição relativa ao seu vínculo empregatício.

Em uma situação de exame médico admissional é comum os candidatos não referirem problema algum de saúde, ou porque, de fato, não os tem, ou porque, os tendo, não os revelam para não terem insucesso no seu concurso à vaga de emprego oferecida. Muitas vezes o médico do trabalho se cerca de técnicas de entrevista que tentam flagrar o paciente em contradição. Além disso, é de praxe realizar-se um exame físico detalhado e solicitar um grande número de exames complementares na tentativa de objetivar as

informações sobre a saúde do candidato. Nesta situação, a relação entre médico do trabalho e paciente ganha ares de uma investigação policial.

Nas consultas de exames médicos periódicos o médico já conhece melhor o paciente, empregado há pelo menos um ano. Pode haver um ótimo relacionamento entre eles. Mas a presença de alguma alteração cuja causa suspeita-se ser ocupacional já tensiona as partes envolvidas. Uma das possíveis circunstâncias é, uma vez confirmado o diagnóstico, o médico informar que se trata de uma doença ocupacional, registrar o caso, e o paciente confiar no parecer do médico. Uma outra, é o médico omitir, distorcer ou ocultar informações, o que seria uma atitude anti-ética e o paciente, desconfiado, procurar avaliação médica em outro serviço para checar as informações. Se as informações forem discordante um conflito será criado e a confiança no médico abalada. Em uma terceira possibilidade o médico pode estar passando todas as informações possíveis sobre uma doença e o paciente não convencido com seu parecer busca avaliação em outro serviço. A confiança no médico pode ser reforçada ou abalada dependendo do resultado das avaliações externas. Inúmeras outras configurações possíveis podem fazer parte da relação entre médico do trabalho e paciente, no momento da consulta do exame médico periódico em que o vínculo de confiança entre eles é posto à prova.

Em um exame médico demissional muitas vezes o médico do trabalho encontra pela frente uma situação totalmente oposta a do exame médico admissional. O empregado inconformado com a demissão, agarrando-se à última chance que tem para permanecer na empresa, costuma referir um ou mais de problemas de saúde, relacionado-os ao trabalho. Sobre o médico do trabalho, então, é depositada, neste momento, uma intensa carga emocional, na expectativa de que ele possa reverter a demissão.

Para muitos empregados, com quem o médico do trabalho tem um bom vínculo de confiança, a consulta no ambulatório da empresa é a única e/ou a melhor alternativa para confidenciar problemas pessoais, familiares, dificuldades de relacionamento com superiores hierárquicos, entre outros.

Muitos empregados procuram o serviço médico com doenças comuns, como a hipertensão e a asma, por exemplo, mas que foram desencadadas ou agravadas por conflitos emocionais, às vezes ligados às relações inter-pessoais no trabalho ou a outros fatores da organização do trabalho.

Em todas estas situações, no “campo transferencial” estão presentes estados emocionais do paciente como medo, persecutoriedade, regressão, vergonha, inibição e afetos do médico como sadismo, persecutoriedade, medo e culpa. Também podem estar presentes aspectos psicopáticos e sociopáticos de ambos os lados, caracterizando-se estes pela transgressão da ética e das leis em vigor em uma determinada cultura ou sociedade.

Para melhor lidar com estas situações o médico do trabalho tem que estar capacitado a reconhecer as emoções que circulam no “campo transferencial” da relação entre médico do trabalho e paciente:

- a) Primeiramente admitindo a existência da mente, a sua e a do paciente, e de emoções envolvidas no momento da consulta;
- b) Acolhendo o paciente, ouvindo-o, sendo continente de suas angústias;
- c) Percebendo as emoções que o relato ou a condição do paciente geram em si mesmo;
- d) Distinguindo os conteúdos emocionais do paciente das suas emoções;
- e) Evitando a atuação, ou seja não enredando-se em uma disputa ou conflito com o paciente;
- f) Realizando, de maneira ética, os procedimentos técnicos adequados a cada caso visando seu esclarecimento diagnóstico;
- g) Informando e comentando o resultado dos exames complementares e da totalidade da avaliação médica;
- h) Dando pareceres e justificando-os técnica, ética e legalmente
- i) Encaminhando o paciente para exames adicionais, para outras especialidades médicas, justificando os encaminhamentos;
- j) Encaminhando o paciente para o tratamento psicoterápico, justificando sua indicação.

Além da relação dual entre médico e paciente, do médico do trabalho atualmente é exigido o planejamento e o envolvimento em programas de qualidade de vida desenvolvidos nas empresas. Tais programas incidem sobre problemas de saúde coletivos

como tabagismo, obesidade, dislipidemias, sedentarismo, hipertensão arterial, stress, que constituem fatores de risco para doenças crônicas incapacitantes ou fatais.

Por serem de apresentação coletiva, a abordagem preferencial dos empregados de uma empresa, pertencentes a um determinado fator de risco é a grupal.

Tomando como exemplo um grupo de empregados interessados em cessar o hábito de fumar, um dos primeiros passos é informá-los com clareza os benefícios para a saúde de quem o fizer. No entanto, isto não é suficiente, para que as pessoas, mesmo que digam que queiram, deixem de fumar. Bem sabemos do quanto há de aspectos emocionais envolvidos nesta decisão. Um longo caminho repleto de dificuldades e resistências por parte dos pacientes estará pela frente em um tipo de trabalho como este.

O campo transferencial em um grupo com a presença do médico que os acompanha como animador, é diverso daquele da consulta clínica individual.

ZIMERMAN ( 2000 ) afirma que em qualquer campo grupal, seja terapêutico ou não, é inevitável que surjam manifestações transferenciais denominadas “transferências cruzadas” entre os participantes do grupo, o grupoterapeuta e o grupo como uma totalidade. Segue dizendo “ *Podemos dizer que as diversas formas de atividades grupais se distinguem sobremaneira pela forma de como o coordenador do grupo compreende e maneja essas inevitáveis manifestações transferenciais. Assim, elas se constituem como o principal ponto de apoio na grupoterapia analítica, enquanto em um grupo operativo não terapêutico, de ensino aprendizagem, por exemplo, o coordenador nada fará para incrementar o surgimento das transferências e somente trabalhará com as mesmas se elas tiverem muito emergentes e num grau impeditivo do livre curso da tarefa grupal*”.

Em contrapartida aos sentimentos e emoções transferidos ao coordenador do grupo, neste geram-se sentimentos e emoções contratransferenciais, também inevitáveis, cujo “*segredo do êxito técnico consiste em não permitir que tais sentimentos despertados invadam sua mente, de modo a se tornarem patogênicos; pelo contrário, a sua competência será medida pela capacidade de utilizar os sentimentos contratransferenciais como um instrumento de empatia; e que finalmente ele esteja atento para o risco de, inconscientemente, poder estar envolvido em algum conluio com o grupo*”. ( ZIMERMAN, 2000 )

Assim sendo, do médico o trabalho, para conduzir seu trabalho ao objetivo proposto, também é solicitado a lidar com as dificuldades, os conflitos, as resistências ricas em atmosfera emocional, que inevitavelmente surgem em um trabalho que exige mudança psíquica dos pacientes envolvidos.

A capacitação para manejar os fenômenos transferenciais e contratransferenciais presentes na relação médico-paciente dual e nas relações grupais, bem como o manejo adequado dos distúrbios psíquicos e psicossomáticos associados ao trabalho é mais um dos requisitos que devem fazer parte do já amplo rol de competências do médico do trabalho.



## ***O TRABALHO E SEUS SIGNIFICADOS***



Antes de abordarmos o que a Psicanálise tem a dizer ou pode dizer sobre o trabalho vamos buscar os significados desta atividade humana em outras áreas do conhecimento.

Sob o ponto de vista lingüístico, a origem etimológica da palavra trabalho é por si só rica em significado. Trabalho se origina do termo em latim vulgar *tripalium*, que era um instrumento feito com três pontas agudas, de madeira ou ferro, como um grande garfo, utilizado para bater, rasgar, descascar, mover cereais como o trigo, o linho e o milho. Tal instrumento também era utilizado como instrumento de tortura, sendo que da palavra *tripalium* deriva-se o verbo *tripaliare* que significa *torturar*. Segundo ALBORNOZ (1986 ) o conteúdo semanântico, permaneceu associado à idéia de dor, de sofrimento, até o início do século XV, quando então teria migrado, nas línguas latinas, para o sentido de esforçar-se, laborar e obrar.

Na língua portuguesa há inúmeros significados para a palavra trabalho. Destacamos alguns que têm associação com o tema desta tese: 1. Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim: o trabalho permite ao homem um certo domínio sobre a natureza; 2. Atividade coordenada de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento: trabalho especializado; trabalho de responsabilidade; 3. O exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão: o trabalho de uma dona de casa, de uma costureira, de um advogado; 4. Trabalho remunerado ou assalariado; serviço: os bancários têm seis horas de trabalho; 5. Local onde se exerce essa atividade: meu trabalho fica a dois quarteirões de casa; 6. Qualquer obra realizada: aquela ponte é um belo trabalho de engenharia, o professor publicou um trabalho sobre física nuclear, possui vários trabalhos de Di Cavalcanti; 7. Maneira de trabalhar a matéria, com manejo ou utilização dos instrumentos de trabalho: trabalho com cinzel; 8. Esforço incomum , luta, faina, lida, lide: vai enfrentar um novo dia de trabalho; 9. Tarefa para ser cumprida, serviço: o pedreiro desapareceu antes de terminar o trabalho; 10. Fatura, feitura, lavor: trabalho delicado, trabalho mal-acabado; 11. Atividade que se destina ao aprimoramento ou ao treinamento físico, artístico, intelectual: trabalho escolar; 12. Ação contínua e progressiva de uma força natural e o resultado desta ação: a erosão eólica resuta do trabalho do vento; 13. Resultado útil do funcionamento de qualquer

máquina; 14. Tarefa, obrigação, responsabilidade; 15. Atividade humana realizada ou não com máquinas e destinada à produção de bens e serviços. ( FERREIRA, 1986 )

ALBORNOZ ( 1986 ) refere que *“os estudiosos supõem que a história da palavra trabalho se refere à passagem pré-histórica da cultura da caça e da pesca para a cultura agrária baseada na criação de animais e no plantio”*. Já, a significação que atualmente é dada ao trabalho se refere à passagem moderna da cultura agrária para a industrial.

Para a filosofia ( ENCICLOPEDIA LUSO-BRASILEIRA DE FILOSOFIA, 1992 ) o homem trabalha quando põe em atividade suas forças espirituais ou corporais, tendo em vista uma finalidade a ser alcançada. Este fim, para quem trabalha, pode ser mais ou menos intencional, direcionável e visível. A consciência, a intencionalidade e a liberdade de escolha presentes no ato de trabalhar são os aspectos decisivos que nos distinguem de animais que trabalham. Estes trabalham guiados pelo instinto, cumprindo rigidamente os programas da necessidade de sobrevivência e da seleção natural.

Segundo SCHELER ( 1997 ), filósofo representante da fenomenologia alemã, *“arbeiten”* – a ação de trabalhar – não implica em si mesma, necessariamente a realização de uma meta, nem a constituição de um objeto, nem a presença de um ideal inspirador, mas simplesmente uma atividade arracional, idealmente neutra, empírica. Para ele, mesmo a medida de um bem econômico não é dada pelo trabalho, mas pela sua utilização prática e esta pressupõe finalidades e metas a respeito das quais o trabalho é tão somente meio de realização e não fim em si mesmo.

SAYERS ( 1989 ) postula que são três as razões que justificam a necessidade de o homem trabalhar: 1. Em um nível mais geral e abstrato o trabalho requer atividade. Está claro que os indivíduos, no mundo moderno têm necessidade de ser ativos. O trabalho não apenas demanda a atividade inerente a dada profissão, ele impõe, também a organização de uma agenda pessoal. A ausência da organização do tempo é usualmente vivenciada como um problema por aqueles que estão desempregados; 2. O trabalho é atividade produtiva. O exercício do nosso poder para formar e dar forma ao mundo objetivo e para adequá-lo às nossas necessidades é em si mesmo uma satisfação e uma necessidade. O trabalho é essencialmente o exercício deste poder em direção a uma finalidade. O

produto é um valor de uso: algo que satisfaz as nossas necessidades; 3. O trabalho é uma atividade social, presentes tanto na sua organização como no seu produto. O trabalho tira as pessoas de suas casas e as coloca em contato com outras pessoas. Para muitas pessoas, trabalhar é a principal base de sua vida social e também de seu senso de identidade e de status.

ARENDT ( 1989 ) faz uma abordagem do trabalho a partir da concepção que se tinha dele na Grécia Antiga. Distingue entre labor, trabalho e ação. Conceitua aquele como “ *a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.*”

Na antiguidade grega quem trabalhava na terra usufruia de prestígio equiparável ao do guerreiro. A terra, sua fertilidade e os ciclos da natureza eram tidos como dádiva dos deuses. No período helenístico, no século V aC, o trabalho agrário passou a ser realizado por escravos, o que implicou em uma mudança na concepção e valoração deste tipo de atividade entre os gregos. Este modelo de trabalho dependente do corpo do homem, da sua submissão às leis da biologia e da natureza é denominado labor.

O labor era desdenhado porque laborar significava ser escravizado pela necessidade. A necessidade era vista como algo comum aos outros animais e portanto era inumano. Pelo fato de serem sujeitos às necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade subjugando outros, através da força, à necessidade.

Citando Aristóteles: “*As duas qualidades que o escravo não possui e é por causa desses defeitos que não é humano são a faculdade de deliberar e decidir; e de prever e de escolher*” esta autora qualifica o homem sujeito às necessidades e aos ciclos naturais – o escravo e o camponês – como animal laborans.

O trabalho é concebido como “*a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie (...) Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais.*”

Na antiga cidade-estado grega, o artesão, muito embora não fosse considerado escravo, também não era livre, porque seu trabalho era feito para ser remunerado, para viabilizar sua sobrevivência e era determinado e dominado pelo usuário, à medida que este definia a finalidade do produto. Segundo ARENDT ( 1989 ), Aristóteles elencava entre os instrumentos que produziam um objeto, tanto os materiais e ferramentas utilizados, quanto os próprios artesãos. O modelo de trabalho do artesão, que faz, fabrica, transforma a matéria em produto de consumo é chamado de poiesis. Também tem esta conotação o trabalho do artista – escultor, pintor, arquiteto - cuja obra ganha reconhecimento social, permanecendo mesmo após o término da sua vida, como patrimônio cultural.

Na era moderna, o trabalho com as mãos e seus prolongamentos - os instrumentos - caracterizam a atividade de fabricar as coisas, o que é próprio do homo faber que diferentemente do animal laborans, dá o caráter de permanência e durabilidade à variedade de coisas que constituem o artificio humano. O homo faber distingui-se, ainda do animal laborans porque sua atividade orienta-se pela precedência da imagem do produto vista pelos olhos da mente. Ainda, a utilização de ferramentas e equipamentos por parte do homo faber, aliviou a fadiga e a dor do animal laborans.

A ação ou vita activa como denomina ARENDT ( 1989 ) é derivada da vita contemplativa – filosófico-religiosa – e é considerada a única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. Escreve ela: *“É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o labor, nem se rege pela utilidade, como o trabalho.”*

A ação corresponde à atividade do homem livre da Grécia Antiga, aquele para o qual os escravos e artesãos trabalhavam, ou seja era o usuário do que era produzido por estes últimos. Era o cidadão que participava das ações para resolver os problemas da comunidade. Neste caso, o produto da ação não é visível, mas pode ser imaginado. É a ação de quem faz uso do pensamento e da palavra. Esta atividade não produtora, em que o ato reside no interior do próprio sujeito/agente é conhecida como práxis.

Nas eras moderna e contemporânea, as atividades de fazer, fabricar e construir - prerrogativas do homo faber - passam a ser as principais atividades da ação ou vita activa, desalojando a contemplação do lugar privilegiado que ocupava. A produtividade e a criatividade tornam-se os ideais do homo faber.

No entanto, ARENDT ( 1989 ) destaca que entre as principais características da era contemporânea está o predomínio do labor, do esforço rotineiro, cansativo, cujo único objetivo é o de sobrevivência, isto porque “o último estágio de uma sociedade de operários, que é a sociedade de detentores de empregos, requer de seus membros um funcionamento puramente automático, como se a vida individual realmente houvesse sido afogada no processo vital da espécie, e a única decisão ativa exigida do indivíduo fosse deixar-se levar, por assim dizer abandonar a sua individualidade, às dores e às penas de viver ainda sentidas individualmente, e aquiescer num tipo funcional de conduta entorpecida e “tranquilizada.”

ALBORNOZ ( 1986 ) escreve que *“os estudiosos da Grécia Antiga são unânimes em afirmar que ali a prática material produtiva ocupava lugar secundário. A idéia de que o homem se faz a si mesmo e se eleva como ser humano justamente através da sua atividade prática, com seu trabalho, é uma idéia moderna, alheia ao pensamento antigo. Para este, os homens livres só podem viver no ócio, como filósofos ou políticos, entregues à contemplação ou à ação política. O trabalho intelectual – considerado como propriamente humano quando gratuito e liberto do contato com a matéria – se concentra na classe dos homens livres, enquanto trabalho físico, considerado servil e humilhante vai repousar sobre os ombros dos escravos e das mulheres.”*

Esta concepção grega de trabalho, reforçada pelo legado romano e impulsionada pela tradição judaico-cristã se difundiu pelo mundo ocidental. O livro de referência para as religiões cristãs e para o judaísmo - a bíblia – apresenta o trabalho como castigo, como um meio do homem expiar o pecado original: Adão é condenado a ganhar o pão com o suor do seu rosto. Para o catolicismo, em geral o trabalho é dignificante e está associado à virtude que se contrapõe ao vício, e ao pecado. No entanto, à semelhança do que os gregos acreditavam, para os católicos, a contemplação e a oração constituem vias privilegiadas de louvor à divindade, sendo, portanto, superiores ao trabalho.

Com a reforma protestante, o trabalho, além de virtuoso passa a ser visto como uma forma de servir a Deus. Segundo MILLS ( 1970 ), Lutero estabelece o trabalho como a base e a chave da vida. O ócio é tido como uma evasão anti-natural e perniciosa. A profissão torna-se uma vocação. O trabalho torna-se um caminho obrigatório para se alcançar a salvação. A idéia calvinista de predestinação, longe de conduzir a um ócio apático, arrastou o homem para o ritmo do trabalho moderno.

Em WEBER ( 1982 ) o trabalho é visto como instrumento de purificação e meio de salvação que, associado ao rigor puritano da restrição do consumo constituem poderosas alavancas para o que ele chama de o espírito do capitalismo. A diferenciação em classes sociais existente no capitalismo seria consequência da presença, para os afortunados ou da ausência para os pobres, da graça divina que recai naqueles, que entre os muitos que trabalham, se distinguem pelo afino e rigor que dedicam ao trabalho e à religião.

Segundo MILLS ( 1970 ) uma outra vertente, distinta das concepções do protestantismo, foi o impulso provocado pelas idéias renascentistas que concebiam o trabalho como um estímulo para o desenvolvimento do homem e não como um obstáculo. Na renascença, o trabalho, embora ainda ocupasse um lugar inferior ao da contemplação, passou a ser prestigiado, pois era visto como expressão da personalidade do indivíduo. O homem passou a ser valorizado não apenas pela atividade teórica e retórica, mas também pela ação técnica, ativa, transformadora e criadora do mundo em que vivia. O trabalho prático passou a ser a condição necessária à liberdade do homem renascentista.

Desta forma, o trabalho passou a ter um significado intrínseco e a satisfação de realizá-lo decorria não da necessidade de alcançar a salvação, mas do processo técnico e criador inerente ao mesmo.

Nesta mesma direção, no século XVIII, na França, os pensadores iluministas revolucionaram o pensamento sobre o trabalho até então existente, ao afirmarem o domínio do homem sobre a natureza através da técnica e da ciência.

Já, na Inglaterra, berço da revolução industrial, a idéia de que o trabalho era a origem da propriedade individual e a fonte de todo o valor econômico, tornou-se depois de desenvolvida por SMITH ( 1988 ) o princípio básico do sistema econômico neoliberal que

passou a conceber o trabalho como a fonte de toda a riqueza social das nações e de todo o valor material.

No final do século XVIII, HEGEL ( 1774 ), representante da filosofia idealista alemã, expressa uma nova concepção do trabalho humano: como uma relação peculiar entre os homens e os objetos, na qual se unem o subjetivo e o objetivo, o particular e o geral, através dos instrumentos e das ferramentas. Estes são manifestações da racionalidade do homem, expressam sua vontade e funcionam como mediadores entre o homem e a natureza. O trabalho é satisfação mediata do desejo e da carência, necessidade natural que o desejo manifesta.

Para HEGEL ( 1774 ) a produção do objeto pelo homem é ao mesmo tempo um processo de auto-produção do homem. É no ato de trabalhar, enquanto ato criativo que o homem se produz a si mesmo. Ao produzir o homem se reconhece e é reconhecido; e reconhece a relação social de dominação em que se dá a sua produção. Ou seja, é através da atividade prática material produtiva que o indivíduo dominado na relação social pode se elevar até atingir o pleno desenvolvimento do seu espírito.

Na França, no século XIX um grupo de pensadores denominados utopistas dá uma contribuição diferenciada ao pensamento sobre o trabalho até então conhecido: FOURIER ( 1775 ) associa o trabalho da indústria ao sofrimento, à penosidade. Vislumbra o trabalho, em uma sociedade harmônica, como uma atividade vinculada ao prazer, resultado do princípio natural em que o homem busca e escolhe o que lhe é atraente. Seu modelo de trabalho passível de ser atraente, em contraposição ao repulsivo trabalho na indústria, é o trabalho no campo, saudável, em contato com a natureza, variável conforme os ciclos desta.

Sorvendo as fontes do pensamento iluminista francês, do econômico inglês, da filosofia idealista alemã e dos utopistas franceses, Marx faz uma síntese do que até então se pensou sobre o trabalho e revolucionou o enfoque sobre o tema. Para ele, a essência do ser humano está no trabalho. Os homens são aquilo que eles produzem. Assim, ao agir sobre o mundo natural e ao modificá-lo o homem ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.

MARX ( 1818 ) distingue a abelha do pior dos arquitetos uma vez que este *“obtem um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetiva uma transformação da forma da matéria*

*natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objeto, que ele sabe que determina, como lei, espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade*". O homem distingui-se dos animais à medida que tem capacidade para antever e planejar o que vai produzir. Ao não fazê-lo sua condição se desumaniza, reduzindo-se à mera programação instintual, característica de outros animais que trabalham.

Segundo MARX ( 1983 ) *"Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto vida humana."* Assim concebido, o trabalho pode é entendido por LUKÁCS (1979 ) como inerente ao ser social e à sua história.

No entanto, conforme ANTUNES ( 1995 ) *"o que deveria se constituir na finalidade básica do ser social – a sua realização no e pelo trabalho – é, no modo de produção capitalista, pervertido e depauperado. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência. A força de trabalho torna-se, como tudo, uma mercadoria, cuja finalidade vem a ser a produção de mercadorias. O resultado do processo de trabalho, o produto, aparece junto ao trabalhador como um ser alheio, como algo alheio e estranho ao produtor."* A este processo, Marx denomina alienação.

LAFARGUE ( 2000 ) em seu livro O Direito à Preguiça defende mais tempo livre, o direito de viver além do trabalho. Veremos mais adiante que um autor contemporâneo retoma esta perspectiva.

No final do século XIX, um engenheiro americano transformou o modo de pensar e organizar o trabalho nas sociedades capitalistas modernas. TAYLOR ( 1982 ) observou o modo operatório livre e autônomo de vários trabalhadores ao executar tarefas em diversos processos industriais e com base em minuciosas análises de movimentos, tempos e custos propôs uma forma racional – científica - de administrar e executar o trabalho. Conforme o autor, os quatro princípios fundamentais da administração científica do trabalho são: 1. Substituição do critério individual do operário por uma ciência; 2. Seleção científica dos trabalhadores 3. Aperfeiçoamento científico do trabalhador, que é instruído, treinado e, pode-se dizer, experimentado, em vez de escolher ele os processos e aperfeiçoar-se por acaso; 4. Cooperação íntima da administração com os trabalhadores, de

modo, que façam juntos o trabalho, de acordo com as leis científicas desenvolvidas, em lugar de deixar a solução de cada problema individualmente, a critério do operário. Ainda, são consideradas como suas principais contribuições à organização do trabalho a distinção entre quem planeja e quem executa o trabalho; a análise das tarefas, visando a eliminação dos tempos improdutivos e a maximização dos resultados e o pagamento individualizado pelo trabalho.

No campo da administração do trabalho na indústria, no final dos anos 10, FAYOL ( 1990 ) concebia a empresa como grupo cuja autoridade era exercida de modo hierarquizado.

O modo de organização taylorista do trabalho foi amplificado, nas segunda e terceira décadas do século XX, com o sucesso econômico e social do denominado ciclo virtuoso do fordismo. Em sua autobiografia, FORD (1964 ) discorre sobre os princípios básicos de organização do trabalho em suas fábricas: a introdução da esteira de produção que eliminava a perda de tempo com a movimentação do trabalhador; o posicionamento fixo do trabalhador na linha de montagem que eliminava o tempo de deslocamento; a padronização de tempo para a execução das tarefas que eliminava o tempo ocioso; a produção em escala cujo objetivo era a redução de custos. O modo fordista de produção foi o paradigma de organização do trabalho ao longo do século passado.

Contemporaneamente aos primeiros anos do fordismo, MAYO (1959 ) introduz a noção de relações humanas no trabalho, com o propósito de atenuar a repercussão dos conflitos entre operários e seus superiores hierárquicos.

Nos anos 50, na França, FRIEDMANN ( 1983 ) faz uma crítica à organização taylorista do trabalho industrial ao afirmar que é inegável *“que a decomposição dos movimento, tal como Taylor a definiu, a separação radical do trabalho intelectual e do trabalho manual, peça essencial de seu sistema, a definição minuciosa das fichas de instrução, de fato conduziram, nas oficinas, sob a cobertura de simplificação e da economia de gestos, a um despojamento das tarefas de conhecimentos profissionais, de qualificação, de iniciativa”*. Conclui, ainda, após o longo exame da obra de Taylor e várias obras sobre o taylorismo que *“ pondo-se de lado contribuições consideráveis, que se referem de maneira estrita à mecânica aplicada e à metalurgia, erramos em denominar*

*ciência o que não passa de um sistema aperfeiçoado de meios para aumentar o rendimento imediato do equipamento e mão de obra”.*

Uma crítica mais contundente à sociedade industrial foi feita por MARCUSE ( 1982 ), durante a década de 60. Este autor afirma que o trabalho não é apenas alienado – no sentido marxista do termo – mas é alienante à medida em que exige dos indivíduos uma servidão sem sentido, ao ocupar-se da produção de aparatos tecnológicos e mercadorias supérfluas, que sufocam o espaço de liberdade interior do homem.

MILLS ( 1970 ) em seu estudo sobre os empregados de colarinho branco afirma que para a maioria dos empregados, o trabalho tem um caráter desagradável. Para ele, nas condições atuais, os processos diretamente técnicos do trabalho vêm perdendo seu significado para a massa dos empregados, enquanto outros aspectos, a renda, o poder e o status, sobem para o primeiro plano. Tampouco, o trabalho tem a motivação religiosa como propulsora psicológica e social como tinha entre os protestantes. O trabalho secularizado tornou-se um sacrifício de tempo necessário para construir uma vida e procurar significados exteriores a ele.

MATTOSO ( 1994 ) afirma que a insegurança no mercado de trabalho, no emprego, na renda, na contratação e na representação do trabalho tem ampliado a fragmentação e a desestruturação do trabalho, tendo como efeitos entre outros, a redução da solidariedade e da coesão social.

ANTUNES ( 1995 ) afirma que o ato de produção e reprodução da vida humana realiza-se pelo trabalho. É a partir do trabalho, em sua cotidianidade que o homem torna-se ser social, distinguindo-se de todas as formas não humanas. Este autor considera que existe um estranhamento do ser social frente ao produto do seu trabalho, do qual se aliena, frente ao próprio ato de produção da vida material e frente a si mesmo. Não se verifica o momento de identidade entre o indivíduo e o gênero humano – isto é o homem vivendo para-si-mesmo conscientemente como gênero – mas o seu contrário.

HABERMAS ( 1987 ) por sua vez, interpreta a estrutura e a dinâmica da sociedade modernas não como um antagonismo enraizado na esfera da produção, mas como um conflito entre os subsistemas da ação racional intencional mediados pelo dinheiro e pelo poder de um lado e por outro pelo mundo vivido que resiste a esses sistemas.

OFFE ( 1989 ) vê um enfraquecimento da capacidade explicativa dos conflitos sociais pela ótica da centralidade no trabalho. *“Existe agora um amplo consenso científico-social de que em muitas sociedades ocidentais, temas de conflitos sociais e políticos ( tais como paz e desarmamento, proteção do ambiente natural, definição e institucionalização de papéis sexuais, direitos humanos e civis ) dominam o cenário. Esses temas compartilham, no mínimo, o aspecto negativo de que não podem ser interpretados de maneira plausível como conflitos derivativos, cuja origem real deve ser encontrada na esfera da produção”*.

Com uma visão particular, a do desejo de emancipação do jugo do trabalho, GORZ ( 1982 ) afirma que a libertação do ser social passa pela abolição do trabalho, pelo reino do não-trabalho, pela sociedade do tempo liberado.

Ainda, nesta visão otimista e emancipadora DE MASI ( 1999 ) argumenta que *“a passagem da sociedade industrial para a pós-industrial que acontece a partir da Segunda Guerra Mundial com as descobertas da física atômica e subatômica, a abertura do campo molecular em biologia, o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação de massa, a produção de novos materiais, a rapidíssima ascensão da eletrônica, da informática e da telecomunicação dá origem a um novo cenário, em que o tempo sem trabalho passa a ocupar um espaço cada vez mais central na vida humana. É preciso, então, reprojeter a família, a escola, a vida, em função não só do trabalho, mas também do tempo livre, de modo que ele não degenere em dissipação e agressividade, mas se resolva em convivência pacífica e ócio criativo.”*

DE MASI ( 1999 ) afirma que os trabalhadores dos países industrializados habituados a pensar que o trabalho é essencial à vida, envergonham-se de admitir que suas vidas já não dependem do próprio trabalho e se recusam a reprojeta-las com base também em atividades que não fazem parte do conceito tradicional de “trabalho”.

Se para os cidadãos do primeiro mundo o problema é este, para os bilhões de habitantes do terceiro mundo – Índia, China, África e América Latina – habituados a centralizar suas vidas no não-trabalho ( estima-se que apenas 10% desta população seja constituída por trabalhadores ), DE MASI ( 1999 ) postula a necessidade de aprender a centralizá-las também no trabalho.

Como em vários outros campos no Brasil, o mundo do trabalho também é marcado pela heterogeneidade, manifesta pela convivência de padrões da sociedade industrial cuja centralidade é a fábrica e de padrões da sociedade pós-industrial que caracteriza-se segundo Bell, “apud” OFFE ( 1989 ) pelo predomínio numérico de trabalhadores dedicados ao setor terciário, pela preponderância dos técnicos e profissionais liberais como classe, pela centralização do saber teórico, pela gestão do desenvolvimento técnico e o controle normativo da tecnologia e pela criação de uma nova tecnologia intelectual.

A centralidade do trabalho na articulação entre as esferas produtiva e reprodutiva da vida humana, particularmente na determinação do fenômeno urbano é destacada por RIBEIRO ( 1995 ): *“a industrialização e a urbanização são processos complementares que costumam marchar associados um ao outro. A industrialização oferecendo empregos urbanos à população rural; esta entrando em êxodo na busca de oportunidades de vida. No presente século teve lugar uma urbanização caótica provocada menos pela atratividade da cidade do que pela evasão da população rural. O que se verifica é um processo de deterioração urbana. A própria população urbana, largada ao seu destino, encontra soluções para seus maiores problemas. Aprende a edificar favelas nas morrarias mais íngremes fora de todos os regulamentos urbanísticos, mas que lhe permite viver junto aos seus locais de trabalho e conviver como comunidades humanas regulares... Outra expressão da criatividade dos favelados é aproveitar a crise das drogas como fontes locais de emprego... É nessa base que se estrutura o crime organizado, oferecendo uma massa de empregos na própria favela, bem como uma escala de heroicidade dos que o capitaneiam e um padrão de carreira altamente desejável para a criança.”*

Nesta crise do mundo do trabalho, em que os empregos escasseiam mas as oportunidades de trabalho ainda são abundantes; em que o convívio social, a solidariedade e a ética dos operários vêm perdendo significado, dando lugar a um trabalho individualizante, com a finalidade de atender às necessidades básicas do indivíduo e de sua família, uma das alternativas à falta de empregos e de qualificação para ocupar as vagas existentes é a informalidade do mercado e a outra alternativa, perversa, é trabalhar na empresa do crime organizado.



***ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA  
PSICANÁLISE AO CAMPO DO  
CONHECIMENTO DA SAÚDE MENTAL  
NO TRABALHO***



A Psicanálise, ao ter desvendado os segredos da sexualidade humana propiciou à civilização ocidental a aquisição de um conhecimento e a transformação do comportamento sexual humano de tal magnitude que arriscaríamos qualificá-la como um novo paradigma, no sentido que é atribuído por KUHN ( 1991 ) ao termo: *“Suas realizações foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividade científica dissimilares. Simultaneamente, suas realizações eram suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinido de praticantes da ciência.”*

Os aspectos, tópicos, econômicos e dinâmicos do psiquismo humano, que foram descobertos por Freud estavam escondidos por detrás de preconceitos, tabus, convenções e leis erigidas pelo homem civilizado ao longo de séculos e revelaram um homem em carne viva, com sua sexualidade marcada pelo permanente conflito entre a biologia e a cultura.

Segundo LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) o conflito é constitutivo do ser humano, em diversas perspectivas:

1. Entre os diferentes sistemas psíquicos:

Em uma concepção teórica inicial denominada primeira tópica, FREUD ( 1974g, 1972, 1974b ) opõe os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente. Os conteúdos inconscientes - representantes das pulsões, especialmente certos desejos da infância – procuram retornar à consciência, mas não podem ter acesso a ela a ser não após terem sido submetidos a deformações ou disfarces pela censura, manifestando-se como formações de compromisso ou sintomas. Este conflito tem correspondência, também, na oposição entre princípio do prazer e princípio de realidade, estando o primeiro para a sexualidade que procura satisfação pulsional e o segundo para os aspectos morais, éticos e estéticos da personalidade. O recalque ( defesa ) incidiria sobre representações sexuais inconciliáveis com o ego/personalidade e, portanto, geradoras de desprazer a ele.

## 2. Entre as diferentes instâncias psíquicas:

No quadro teórico de uma segunda elaboração - a segunda tópica -, o termo inconsciente é utilizado sobretudo na sua forma adjetiva, qualificando os conteúdos do Id, e conteúdos parciais do Ego e do Superego. O Id é concebido como o pólo pulsional da personalidade; o Ego é o representante dos interesses da totalidade da pessoa e como tal é investido pela libido narcísica – auto-estima, amor-próprio; o Superego é a instância que julga e critica, sendo constituída por interiorização de exigências, ideais e interdições parentais. O conflito pode ocorrer entre as instância entre si, por exemplo, quando as pulsões do Id exigem acesso ao Ego e o Superego censura este último para evitar as manifestações pulsionais, e também, internamente a uma instância, quando pulsões hostis e amorosas conflitam entre si, no processo de identificação com os pais.

## 3. Entre as pulsões:

O conflito é apresentado em uma perspectiva econômica e dinâmica. A teoria freudiana das pulsões segue um curso de elaborações e re-elaborações, em movimento pendular, opondo pulsões sexuais às pulsões de auto-conservação, posteriormente, pulsões sexuais às pulsões do ego e por fim pulsões de vida às pulsões de morte; mas também em movimento espiral, em que as mesmas questões são abordadas, “esquecidas”, retomadas, mas não no mesmo nível em que estavam sendo tratadas anteriormente ( MONZANI, 1989 ). Abordar-se-á a questão das pulsões com maior detalhamento mais adiante.

## 4. Entre desejos e entre estes e a interdição:

Caracteriza o conflito edípico, inelutável e primordial, núcleo do conflito psíquico de cada indivíduo. É encontrado por detrás das modalidades mais diversas do conflito psíquico, em que desejo e interdição se relacionam dialeticamente. Trataremos dele, tangencialmente, ao analisarmos, mais adiante a questão do processo de identificação.

Inumeráveis temas que gravitam em torno da centralidade da sexualidade foram abordados pela Psicanálise. O sonho, o amor, a guerra e a cultura tiveram destaque. O tema do trabalho foi lembrado por Freud, mas como tantos outros, o interminável ciclo da vida não possibilitou que fosse por ele desenvolvido.

FREUD ( 1974 ) abordou a questão do trabalho em uma breve nota no texto O Mal-estar da Civilização: *“Quando numa pessoa não existe uma disposição especial que prescreva imperativamente a direção que seus interesses na vida tomarão, o trabalho profissional comum, aberto a todos, pode desempenhar o papel a ele atribuído pelo sábio conselho de Voltaire.<sup>(\*)</sup> Não é possível dentro dos limites de um levantamento sucinto, examinar adequadamente a significação do trabalho para a economia da libido.*

*Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos persistentes ou constitucionalmente reforçados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis.”*

É mister rastrear-se um dos conceitos cruciais da Psicanálise contido nesta nota a partir do texto Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade ( FREUD, 1972b ) que é considerado por STRACHEY ( 1969 ), juntamente com a Interpretação dos Sonhos a

---

(\*)“ Tudo isso está muito bem dito – respondeu Cândido - , mas devemos cultivar nosso jardim”(VOLTAIRE, 1995)

contribuição mais significativa e original de Freud para o conhecimento humano. Nele, Freud introduz o termo *trieb* que na língua alemã significa impulsão ( *trieben*=impelir ). Segundo LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) o termo acentua menos uma finalidade definida do que uma orientação geral e sublinha o caráter irreprímível da pressão mais do que a fixidez do alvo e do objeto. Muito embora tenha sido traduzido na versão inglesa por *instinkt* e na brasileira por instinto, distingui-se do significado destas palavras, que se referem ao comportamento animal hereditariamente determinado e que aparece de uma forma idêntica em todos os indivíduos de uma espécie. Em Freud encontramos os dois termos com estas acepções nitidamente distintas. A escola francesa adotou o termo *pulsion*, que foi traduzido por pulsão, apesar de ainda não constar no dicionário da língua portuguesa tem o sentido de impulsão e impulso.

Pulsão é, pois, um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força ( carga energética, fator de motricidade ) que faz tender o organismo para um alvo. ( LAPLANCHE & PONTALIS, 1986 ) Segundo FREUD ( 1974a ) a pulsão aparece como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

Em outra definição de pulsão FREUD ( 1974a ) diz que “ *uma pulsão não pode jamais tornar-se objeto da consciência, só o pode a representação que a representa. Além disso, no inconsciente, também, a pulsão não pode ser representada senão pela representação. Se a pulsão não estivesse ligada a uma representação ou não aparecesse sob a forma de afeto, nada poderíamos saber dela*”.

Nesta segunda definição vemos uma diferença em relação à primeira:

A pulsão sintetiza quatro elementos referenciais distintos e indeléveis: sua *fonte* é uma excitação corporal ( estado de tensão ); sua *pressão* é a quantidade de força ou a medida de trabalho que ela representa; seu *alvo* é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no *objeto* ou graças a ele que a pulsão pode atingir seu alvo.

É na descrição da sexualidade humana, particularmente no estudo da sexualidade infantil, que Freud delineia o conceito de pulsão. Quanto à fonte, a noção de zona erógena como sendo qualquer região do revestimento cutâneo-mucoso com

possibilidades de se tornar sede de uma excitação sexual, e, portanto, fonte privilegiada de diversas pulsões parciais, e que vão determinar com maior ou menor especificidade um tipo de finalidade sexual, sendo que às vezes, a fonte somente é reconhecida por inferência a partir de sua finalidade, confere maior especificidade aos processos orgânicos de natureza físico-químico que estão na origem da excitação pulsional. Em relação ao alvo ou finalidade, o princípio da constância pelo qual o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível ( FREUD, 1974a ) e o princípio do prazer, decorrente do anteriormente citado, pelo qual o psiquismo tem por objetivo evitar o desprazer e obter o prazer através da descarga de energia ( FREUD, 1972c ) caracterizam a irredutível busca da satisfação pela pulsão. O objeto é o aspecto mais variável, não sendo necessariamente algo estranho, mas uma parte do corpo de um indivíduo; contingente à satisfação da pulsão, pode ser modificado quantas vezes for necessário no decorrer das vicissitudes que a pulsão sofre durante a sua existência, sendo que este deslocamento desempenha papéis altamente importantes, como veremos mais adiante. A noção de objeto é fundamental em Psicanálise. Segundo LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) ela refere-se a três aspectos: 1. Enquanto correlativo da pulsão o objeto é aquilo em que e porque esta procura atingir o seu alvo, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasmático; 2. Enquanto correlativo do amor ou do ódio, a relação em causa é então a da pessoa total, ou da instância do ego, com um objeto visado também como totalidade ( pessoa, entidade, ideal, etc. ); 3. No sentido tradicional da filosofia e da psicologia do conhecimento, enquanto correlativo do sujeito que percebe e conhece, é aquilo que se oferece com características fixas e permanentes, reconhecíveis de direito pela universalidade dos sujeitos, independentemente dos desejos e das opiniões dos indivíduos.

Ao longo da obra de Freud a teoria das pulsões manteve-se permanentemente dualista. Em sua primeira elaboração FREUD ( 1970a ) contrapôs as pulsões sexuais ou libido às pulsões do ego ou de auto-conservação, estas entendidas como o conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo, cujo protótipo é a fome. No contexto de uma disputa teórica com Jung que defendia a tese do monismo pulsional e, também, para dar conta do problema das manifestações clínicas do esquizofrênico: a megalomania e os desvios de seu interesse do mundo externo para si,

FREUD ( 1974d ) introduziu a noção de narcisismo e com ela uma distinção: as pulsões sexuais poderiam incidir sua energia num objeto exterior – libido objetal, ou no próprio ego – libido narcisista. A energia das pulsões de auto-conservação do ego poderia confundir-se com a libido narcisista. No entanto, FREUD ( 1972c ) manteve a dualidade pulsional opondo as pulsões de auto-conservação às pulsões sexuais, embora estas pudessem ser divididas em conformidade com o objeto que visam: um objeto exterior ou o próprio ego.

Com o artigo Para além do Princípio do Prazer FREUD ( 1976c ), ante à insatisfatória solução da proposição anteriormente exposta que chegou a caracterizar uma fase “monista” do seu pensamento, propôs um novo e último dualismo: as pulsões de vida em oposição às pulsões de morte.

As pulsões de vida assimilaram as pulsões sexuais e as de auto-conservação. Também denominadas pelo termo Eros, elas tendem a constituir unidades cada vez maiores, ordenadas, regidas pelo princípio do prazer e pela lei, e a mantê-las. Têm representação psíquica. Se opõem às pulsões de morte, que, por sua vez, estão inicialmente voltadas para o interior da mente do indivíduo tendendo a sua auto-destruição e secundariamente são dirigidas para o exterior, sob a forma de pulsão agressiva ou destrutiva. A pulsão de morte tende para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico. ( LAPLANCHE & PONTALIS, 1986 )

Em Para Além do Princípio do Prazer, FREUD ( 1976c ) refere-se à situações em que não há uma tendência no sentido do prazer: a repetição contínua dos rituais obsessivos, os sonhos ligados às neuroses traumáticas, a situação clínica em que na transferência o que permaneceu incompreendido e recalcado retorna e não tem repouso até encontrar uma resolução, como manifestações de um processo incoercível, inconsciente, penoso de re-edição de experiências antigas conhecido como compulsão à repetição, que está para além do princípio do prazer, sem possibilidade de representação psíquica, o que equivale à pulsão de morte.

Após esta sucinta construção sobre a trajetória da teoria das pulsões retornamos ao artigo de 1915, no qual Freud escreve que os instintos ( pulsões sexuais ) podem passar pelas seguintes vicissitudes: sublimação, reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu e repressão.

### **A sublimação da pulsão sexual e o trabalho**

A nota constante no texto *O Mal-estar na Civilização* de 1930, refere-se claramente ao trabalho como uma técnica que possibilita o deslocamento de uma grande quantidade de libido dirigida ao próprio ego ou dirigida a objetos exteriores, seja ela agressiva ou erótica.

No mundo do trabalho, nas relações que ele engendra: do trabalhador consigo mesmo, do trabalhador com os outros, do trabalhador com entidades ( empresa, instituições, estado ), do trabalhador com a natureza, com o aparato tecnológico podemos verificar a pulsão seguindo suas vicissitudes, ou seja, passando por barreiras defensivas à sua descarga direta e total.

A associação mais comumente abordada é a do deslocamento da pulsão sexual para o trabalho, processo que Freud denominou na nota acima referida como sublimação. O tema da sublimação aparece em vários textos ao longo da obra de FREUD ( 1970, 1972d, 1974d, 1976a, 1974 ). Acerca dele não foi feita por Freud uma esperada síntese, sendo, por isso, considerado um dos temas metapsicológicos inacabados.

A sublimação é conceituada por FREUD ( 1974d ) como um processo que diz respeito à libido objetual e consiste no fato de o instinto ( pulsão ) se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade.

No texto *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância* ( FREUD, 1970 ) a curiosidade sexual é sublimada em desejo de saber: “ *Devido à sua tendência muito precoce para a curiosidade sexual, a maior parte das necessidades de seu instinto sexual ( pulsão ) puderam ser sublimadas numa ânsia geral de saber, escapando assim à repressão.*” No texto *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* FREUD ( 1976e ) os valores sociais pertinentes ao ideal do ego orientam o processo de sublimação: “ *Acreditamos que a civilização foi criada sob a pressão das exigências da vida, à custa da satisfação dos instintos; e acreditamos que a civilização, em grande parte, está sendo constantemente criada de novo, de vez que cada pessoa, assim que ingressa na sociedade humana, repete este sacrifício da satisfação instintual em benefício de toda a comunidade. Entre as forças instintuais que têm esse destino, os impulsos sexuais desempenham uma*

*parte importante, nesse processo eles são sublimados – isto é, são desviados de suas finalidades sexuais e dirigidos a outras, socialmente mais elevadas e não mais sexuais.”*

Segundo NASIO ( 1989 ) a sublimação é a única noção psicanalítica capaz de explicar que obras criadas pelo homem – realizações artísticas, científicas ou mesmo esportivas -, distantes de qualquer referência à vida sexual, sejam produzidas, ainda assim, graças a uma força sexual nascida de uma fonte sexual. As raízes e a energia do processo de sublimação, portanto, são pulsionalmente sexuais ( pré-genitais: orais, anais, fáticas ), enquanto a conclusão deste processo é uma realização não-sexual conforme aos ideais mais consumados de uma dada época.

Neste sentido, ela é resultante de um processo de dessexualização da finalidade da pulsão sexual. Mas, para que a pulsão seja sublimada, isto é para que obtenha uma satisfação não-sexual, é necessário que ela se sirva de um objeto também não-sexual, conforme FREUD ( 1976f ) explicitou na conferência XXXII das Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise: “As relações de um instinto com sua finalidade e com o seu objeto também são passíveis de modificações, ambos podem ser trocados por outros embora sua relação com seu objeto seja, não obstante, a que cede mais facilmente. Um determinado tipo de modificação da finalidade e de mudança de objeto, na qual levam em conta nossos valores sociais, é descrito por nós como sublimação”.

O processo de sublimação se constitui, então de uma pulsão sexual em sua origem e na natureza de sua energia libidinal e, de uma finalidade e um objeto dessexualizados, o que equivale a subtrair o investimento libidinal que incide num objeto considerado erótico para recolocá-lo em outro objeto, não-sexual, e assim obter uma satisfação também não-sexual. ( NASIO, 1989 )

Também, segundo NASIO ( 1989 ) as duas condições do processo de sublimação são: 1. Para se produzir, a sublimação requer a intervenção do ego narcísico: o ego primeiro retira a libido do objeto sexual, depois a faz retornar a si e, por fim destina esta libido a um novo alvo, não-sexual. “*É realmente o narcisismo do artista que condiciona e favorece a atividade criadora de sua pulsão sublimada*”; 2. O ideal do ego inicia e orienta a sublimação: quando afirma-se que os objetos que proporcionam a satisfação sublimada são objetos dessexualizados e sociais, pensa-se sobretudo no fato de

eles corresponderem a ideais sociais que exaltam a criação de novas formas significantes. Esses ideais sociais, interiorizados e inscritos no ego do criador, são parte integrante da formação psíquica fundamental que Freud denomina de Ideal do Ego. Este desencadeia o processo de sublimação, sendo que o impulso criador desliga-se, em seguida, do Ideal do Ego que o suscita; e o orienta, tendo em vista a plasticidade da pulsão, a ligar-se a um determinado objeto.

A maioria dos autores que tratam do tema concordam que a sublimação toma como objeto não a materialidade da obra do criador, mas os sentidos que ela suscita. Assim, são reconhecidos como objetos da sublimação as obras de arte, as pesquisas e descobertas científicas, o trabalho intelectual, os ideais sociais, políticos, éticos, estéticos, as conquistas esportivas de uma nação, de uma comunidade, de um grupo, de uma pessoa.

Sendo assim, é um processo que pode operar, na atividade de trabalho de uma pessoa, de um grupo de trabalhadores, de uma comunidade que trabalha em função de ideais simbólicos e valores elevados, em um dado contexto histórico e cultural.

Poucos autores enfrentaram a questão do trabalho operacional - mecânico, aquele que envolve mais a atividade muscular e uma limitada atividade intelectual, aquele que cria o objeto útil - no que diz respeito à sua capacidade de possibilitar a sublimação.

NASIO ( 1989 ) esclarece que *“Nem toda dessexualização é, por si mesmo, uma sublimação, mas, inversamente, toda sublimação é necessariamente uma dessexualização. Dito de outra maneira, existem dessexualizações que não tem nenhuma relação com a sublimação, como, por exemplo, a atividade do trabalho cotidiano ou as atividades de lazer. Ora, o fato de as obras criadas pela sublimação assumirem um valor social não significa que elas atendam a qualquer utilidade social. As tarefas que as engendram não são consideradas pelos critérios de eficácia, utilidade ou lucro”*. Este autor enfatiza aquilo que LACAN ( 1988 ) afirmou em seu seminário sobre A Ética da Psicanálise: *“ A sublimação eleva um objeto ( narcísico e imaginário ) à dignidade da Coisa.”* A obra de arte – protótipo da sublimação – deslumbra o espectador pelo seu fascínio e suscita nele o mesmo estado de paixão e de desejo em suspenso que levou o artista a gerar sua obra.

LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) pensaram nesta questão: “ *O campo das atividades sublimadas está mal delimitado: por exemplo, deverá incluir-se nele o conjunto do trabalho de pensamento ou apenas certas formas de criação intelectual? O fato de as atividades chamadas sublimadas serem, numa determinada cultura, objeto de uma valorização social especial deverá ser considerado uma característica primacial da sublimação? Ou esta englobará também o conjunto das atividades chamadas adaptativas (trabalho, ócio, etc )? ”*

LAPLANCHE ( 1989 ) comentando um artigo em alemão *Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache*, escrito por Sperber, em 1912 diz que este autor traçou um grande afresco pré-histórico, a partir de elementos essencialmente etimológicos, mostrando a relação de três elementos: a sexualidade, o aparecimento da linguagem e o aparecimento do trabalho e da ferramenta. Este artigo procuraria demonstrar que o deslocamento do grito sexual no coito para o grito que acompanha a trabalho rítmico na terra, símbolo da mulher, seria uma forma de sublimação que propiciou o aparecimento dos primeiros elementos da linguagem.

FREUD ( 1974 ) refere que “ *A vida comunitária dos seres humanos teve um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho, criada pela necessidade externa e o poder do amor...Eros e Ananké ( Amor e Necessidade ) se tornaram os pais da civilização humana.* ”

A necessidade, ao impor-se ao homem, a partir do seu funcionamento psicobiológico gera as pulsões que, como vimos anteriormente, têm a satisfação como meta irredutível. O livre exercício das pulsões sexuais e de auto-conservação colocaram a horda primeva ( FREUD, 1974f ) em risco de desagregação e de extinção.

A conservação da vida dos membros da horda exigiram que o homem erguesse defesas contra as pulsões agressivas e contra as pulsões sexuais. Estas defesas psíquicas trabalham no sentido de procrastinar ou modificar a satisfação buscada pela pulsão. Possibilitaram, assim, o desenvolvimento da parte consciente do Ego, à qual se atribui o pensamento e a linguagem; e a formação do Superego, responsável pelo juízo crítico. Para manter-se vivo, para conservar a espécie, o homem passou da satisfação imediata para a satisfação mediata das pulsões, ou seja, passou a conviver com a frustração do desejo. Os

códigos de convivência existentes na comunidade humana, as instituições por ela criadas e várias práticas sociais materializam, assim, a ação das defesas psíquicas voltadas para a contenção e a disciplinarização das pulsões.

O trabalho é um tipo de prática social que, na medida em que garante a satisfação das necessidades dos indivíduos nela envolvidos, atende à pressão das pulsões de auto-conservação e, em função da disciplina que exige para ser realizado, promove a contenção e o controle das pulsões sexuais e das pulsões agressivas.

Neste sentido, o trabalho de cada indivíduo, mesmo o operacional, se não contém na sua especificidade o status da Coisa, de Lacan, como a obra de arte e o trabalho intelectual contém, contribui, parcialmente, para o esforço conjunto do processo civilizatório da horda para sociedade humana organizada ou para o Estado ( ENRIQUEZ, 1990 ) o que em si significa o deslocamento da libido para um objeto dessexualizado de elevado valor social: o ideal de um modelo de civilização que se contrapõe à barbárie. Assim, o trabalho possui um caráter estrutural na formação da mente e da civilização humanas, e seus frutos, juntamente com os da ciência, da arte, do esporte e da cultura são resultantes da sublimação das pulsões sexuais e agressivas.

Ainda, na lide operacional, apesar do desgaste físico e mental que sofre, o operário mantém sua convicção de que o trabalho “duro” e honesto é exemplar e único caminho para a realização individual e familiar, verificando-se a ação superegóica do ideal do ego, que se expressa através de uma ética do operariado que reprova o ócio, a vida fácil, a malandragem, a corrupção, o crime e que possibilitou o surgimento de organizações sociais que praticam a solidariedade, a negociação e a manifestação pacífica em um conflito – entre capital e trabalho - potencialmente agressivo. Esta ética é uma construção sublimada de pulsões sexuais e agressivas.

Distinta é a visão de GABRIEL ( 1988 ) que ao investigar as bases psíquicas do comportamento rotinizado do trabalho com máquinas, automáticas ou não, e da burocracia dos escritórios, vê neles a compulsão à repetição como força psíquica primária.

Este autor discorre sobre o tema afirmando que “ *As sociedades industriais avançadas caracterizam-se por uma proliferação de regras que regulam a maioria dos aspectos da vida, inclusive a divisão técnica do trabalho, a administração e as relações*

*industriais. Não se pode dizer de nenhum modo significativo que essas regras emanem de algum princípio superior de racionalidade, nem de qualquer sistema convincente de valores morais. Com poucas exceções, a observância delas não depende de nenhum tipo de compromisso moral, nem está condicionada ao fato de elas servirem a um propósito útil. Ao contrário, a observância acrítica e a amiúde inconsciente destas regras, bem como o comportamento rotinizado e repetitivo dela resultante, parece enraizar-se numa compulsão à repetição, que caracteriza igualmente o comportamento neurótico, os rituais religiosos e o comportamento nas instituições modernas. Sob a égide da compulsão à repetição, a regulação do comportamento se dá sem que o indivíduo esteja necessariamente cômico das regras que regem sua existência. A repetição de pequenos rituais é acompanhada por um sentimento indubitável de conforto, enquanto os desvios das rotinas cotidianas das pessoas são vivenciados como incômodos; um vasto número de interações - com os colegas de trabalho, com os vendedores e caixas de lojas, com os diversos agentes do Estado, etc. - torna-se despersonalizado: a pessoa que está dentro do uniforme, atrás do balcão, no cargo, etc. nunca é vista como uma pessoa, mas apenas como um agente. Todas essas interações são rotinizadas, ritualizadas e despersonalizadas - são reguladas por regras muito precisas que visam a eliminar qualquer elemento pessoal. Em suma, num vasto número de transações sociais, os indivíduos de fato tratam uns aos outros como extensões das máquinas e, ao fazê-lo, apresentam-se como extensões das máquinas.”*

A compulsão à repetição é um conceito central do texto Para Além do Princípio do Prazer (FREUD, 1976c). Trata-se de um processo de origem inconsciente, em que o indivíduo se coloca repetitivamente em situações desagradáveis, repetindo experiências antigas sem delas recordar-se, tendo, ao contrário, a impressão que são atuais. É identificada nos fenômenos dos sintomas neuróticos, dos rituais obsessivos, das brincadeiras infantis, da repetição transferencial, dos sonhos de angústia.

O que intrigou Freud ao tratar deste tema é que os fenômenos de repetição não são redutíveis à busca da satisfação libidinal ou à tentativa de dominar as experiências desagradáveis. Freud viu neles o sinal do demoníaco, uma força irreprimível, descolada da satisfação pulsional, portanto independente do princípio do prazer e capaz de opor-se a ele, a que denominou pulsão de morte, a qual em oposição à pulsão de vida, objetiva a completa

redução das tensões do organismo vivo, ou seja tende a reconduzi-lo ao estado anorgânico. Secundariamente, dirigida ao exterior do psiquismo, a pulsão de morte manifesta-se como pulsão agressiva e destrutiva.

GABRIEL ( 1988 ) entende que *“a pulsão de morte pode assumir uma das seguintes formas: a) agressão externa, inclusive dominação sobre as forças da natureza e dominação sobre outras pessoas, b) auto-agressão internalizada ou culpa, c) comportamento repetitivo.”* Uma de suas teses é que *“houve uma mudança nítida e acentuada nas expressões da pulsão de morte, passando da primeira e segunda formas para a terceira no decorrer do século XX. A violência “explosiva” direta, associada ao superego autoritário , foi refreada e tendeu a desaparecer da vida das pessoas, à medida que o superego foi perdendo parte da força e arbitrariedade aterradoras com que Freud o apresentou a nós. O comportamento rotinizado, repetitivo e rígido, por outro lado, expandiu-se a ponto de se tornar irreconhecível. Isso, é claro, não implica que a pulsão de morte tenha desaparecido de suas formas tradicionais de agressão e culpa, mas, antes, que estas duas formas assumiram por ora uma importância secundária.(...) O mais importante, porém, é que nossa cultura parece canalizar a pulsão de morte para a construção de instituições sociais fundamentadas numa compulsão quase neurótica a repetir formas rígidas e uniformes de comportamento.”*

Assim, em acordo com HIMMELSTEIN ( 1979 ) que vê Tânatos permeando toda a estrutura da civilização, MARCUSE ( 1978 ) que vê Eros subjugado pela alienante civilização moderna e FROMM ( 1979 ) que vê o homem transformar-se em um robô e com uma vida tediosa e sem significado caminhar para a auto-destruição, GABRIEL ( 1988 ) acredita que a sociedade moderna, por ter uma *“organização excessiva”* faz prevalecer a compulsão à repetição e a pulsão de morte, desalojando Eros e a sublimação da libido como princípios da coesão social.

Muito embora o texto O mal-estar na civilização ( FREUD, 1974 ) enfatize a ação exteriorizada da pulsão de morte como agressão – a violência – que pode levar a humanidade a um fim trágico, Freud não deixa de pensar a questão como sempre pensou-a: do ponto vista do conflito. Conflito entre pulsão de morte e pulsão de vida ( Eros e Thanatos ), entre libido narcísica e libido objetal, entre o caminho individual e o processo

civilizatório. Neste sentido ele afirma que “ a comunidade desenvolve um superego sob cuja influência se produz a evolução cultural...O superego cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências. Entre estas, aquelas que tratam das relações entre os seres humanos uns com os outros estão abrangidas sob o título de ética. Assim como o recalque dos desejos amorosos e das pulsões hostis no complexo edípico levaram o homem ao longo de sua evolução histórica a condenar o incesto, o canibalismo e o homicídio, pois estes representam uma ameaça à conservação da espécie, a guerra - prática social em que o homicídio é reconhecido como legítimo e legal - tem seu código de ética e seus tribunais. Estes são uma manifestação da pulsão de vida que talvez um dia declare qualquer guerra ilegítima e ilegal.

Da mesma forma espera-se que a violência da compulsão à repetição no trabalho dê lugar ao que DE MASI ( 1999 ) antecipa: “ *a eficiência das máquinas reduz incessantemente a necessidade de trabalho humano físico e intelectual, aproximando dia-a-dia o sonho de uma fábrica completamente automatizada, capaz de liberar o homem de todo o trabalho e de restituí-lo ao Éden das atividades inventivas e do ócio criativo*”.

### **A transformação em seu contrário e o retorno ao próprio eu**

Dois dos outros possíveis destinos da pulsão, *a transformação em seu contrário e o retorno ao próprio eu* são abordados por FREUD ( 1974a ) apartir da noção do par atividade-passividade, exemplificado pelo estudo clínico de uma das possíveis perversões sexuais: o sadismo-masiquismo.

No texto Três Ensaio sobre uma Teoria da Sexualidade ( FREUD, 1972b ) o autor afirma que “ *um sádico é sempre ao mesmo tempo um masoquista, embora o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ser o que mais fortemente se desenvolveu nele e representar sua atividade sexual predominante*” Neste mesmo texto escreve: “*a história da civilização humana mostra sem qualquer dúvida que há conexão íntima entre crueldade e pulsão sexual*”.

No artigo As Pulsões e suas Vicissitudes FREUD ( 1974a ) assinala que “ *O retorno de um instinto ( pulsão ) em direção ao próprio eu do indivíduo se torna plausível pela reflexão de que o masoquismo é na realidade, o sadismo que retorna em direção ao*

*próprio ego do indivíduo...A essência do processo é, assim, a mudança do objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada". O autor elucida a situação representando o processo da seguinte maneira: " a) O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto; b) Esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao eu efetua-se também a mudança de uma finalidade instintual ativa para uma passiva; c) Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; esta pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade instintual, tem que assumir o papel do sujeito ( ativo )". Claramente, neste texto, em que é desenvolvida sua primeira tese sobre este tema, o alvo prioritário do sadismo é definido como a humilhação e a dominação do objeto pela violência, a que Freud atribui a denominação especial de pulsão de dominação.*

A partir de Para Além do Princípio do Prazer ( FREUD, 1976c ), com a introdução da noção de pulsão de morte a acentuação já não incide mais na dominação, mas na destruição: *" Não é plausível imaginar que esse sadismo seja realmente um instinto de morte que, sob a influência da libido narcisista, foi expulso do ego e, consequentemente, só surgiu em relação ao objeto?"*

As associações entre trabalho e sadismo, seja na concepção de pulsão de dominação, seja na de pulsão de morte são inúmeras, com uma profusão de registros ao longo da história: o trabalho escravo, o trabalho forçado nos campos de concentração, o trabalho de caráter punitivo dos prisioneiros, o trabalho infantil, a relação entre patrão e empregado.

Nesta última, que atravessa os últimos 250 anos da história da humanidade o que se verificou, foi a necessidade da emergência de uma instituição reguladora – o Estado de direito – para modular o chamado jogo livre do mercado, cuja lógica é extremamente cruel e "desumana": os fracos são submetidos ou excluídos, somente os fortes sobrevivem.

As duas grandes guerras que ocorreram no século XX e outras menores mas igualmente destrutivas, interpretadas pelos economistas como lutas por mercados e pelos sociólogos como lutas pelo poder, foram analisadas por FREUD ( 1976d ) em uma troca de correspondência com Albert Einstein: *" De forma que quando os seres humanos são incitados à guerra, podem Ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar- uns*

*nobres, outros vis, alguns francamente declarados, outros jamais mencionados. Não há porque enumerá-los todos. Entre eles está certamente o desejo da agressão e destruição: as incontáveis crueldades que encontramos na história e em nossa vida de todos os dias atestam a sua existência e a sua força. A satisfação desses impulsos destrutivos naturalmente é facilitada por sua mistura com outros motivos de natureza erótica e idealista.”*

---

No cotidiano do mundo do trabalho a pulsão de dominação e os desejos de morte e destruição dirigidos ao outro aparecem de maneira sutil: disfarçada pela legalidade, na aceitação por parte de inúmeros trabalhadores “sem outra escolha” da impostura do trabalho conhecido como pesado, sujo e perigoso; ou pela competitividade – estimulada pela cultura pós-moderna – entre colegas de trabalho e de profissão, em que não é desperdiçada uma única oportunidade de “ferrar o outro” para sinalizar que o seu lugar é mais para baixo ou para fora. Há quem gaste grande parte de seu tempo produtivo de trabalho preparando táticas, armando situações, fazendo um verdadeiro jogo de influências para eliminar o rival ou o desafeto. Nas empresas, os sujeitos vivem enredados em um jogo de poder em que as máximas “quem pode mais chora menos” e “quem pode manda, quem tem juízo obedece” são a prática predominante e a condição sine qua non para a permanência no grupo.

### **A angústia, o recalçamento e o trabalho**

Uma outra questão que necessariamente está presente à compreensão das inter-relações entre o psiquismo e o trabalho é o problema da angústia. A angústia é considerada pela Psicanálise como um afeto desagradável. O afeto, expressa o subjetivamente a quantidade de energia pulsional e suas variações. A energia pulsional ou pulsão, por sua vez, exprime-se em dois registros: o do afeto e o da representação. O afeto não está necessariamente ligado à representação da pulsão. A ação do recalçamento os separa, dando a cada um deles diferentes destinos: a representação da pulsão é empurrada para o inconsciente, ao mesmo tempo em que é atraída pelas fixações nele contidas; já o afeto pode ser convertido em sintoma como ocorre na histeria de conversão, deslocado para outra

representação tolerável ao ego como ocorre na neurose obsessivo-compulsiva ou ser transformado, por exemplo em angústia.

Segundo GREEN ( 1982 ) pode-se distinguir três períodos essenciais nas concepções de Freud sobre a angústia:

1. De 1893 a 1895: em torno da neurose de angústia e de suas relações com a vida sexual: A idéia principal é que a fonte da angústia não deve ser buscada na esfera psíquica mas na esfera física. A produção de angústia depende de um mecanismo que comporta transformações quantitativas e qualitativas. Na origem encontra-se uma acumulação de tensão física sexual. Ultrapassado um certo limite esta tensão não pode ser elaborada psiquicamente, isto é, não pode ser ligada a nenhum representante. A angústia aparece como um substituto da representação ausente, substituto somático como indica seu sintoma ( espera ansiosa crônica, acessos de angústia ou somatizações desta ).
2. De 1909 a 1917 : relações entre a angústia e a libido recalcada: A tônica se desloca para a dominância do conflito psíquico, nas relações entre o afeto e a representação da pulsão. O recalçamento da representação pulsional é a causa da transformação do afeto em angústia. O recalçamento, por sua vez, é inseparável de uma situação de ameaça ou perigo. Freud distingue a angústia ante um perigo real que ameaça a integridade física do indivíduo e está sob a dependência das pulsões de auto-conservação, da angústia neurótica, cuja ameaça é interna. A angústia patológica se manifesta essencialmente de duas formas: uma angústia flutuante, pronta a ligar-se a qualquer representação e uma angústia circunscrita, ligada a um perigo. Em relação à primeira, o perigo está em toda a parte, pois o ego está investido pela angústia e não consegue evitá-la; em relação à Segunda o perigo está localizado e a angústia pode ser dominada pela evitação, mecanismo de defesa operado pelo ego. Já, nas psiconeuroses, os sintomas ( histeria, fobia, obsessão ), são produzidos para impedir o aparecimento da angústia. O resultado do

recalcamento desemboca em produções simbólicas corporais ou psíquicas. A angústia aparece como consequência e não como causa do recalcamento.

3. De 1926 a 1932: a angústia e o aparelho psíquico: FREUD ( 1976 ) com o texto *Inibições, Sintomas e Angústia* modifica posições anteriores, sustentando uma série de proposições:
  1. A angústia tem sua sede no ego. Só o ego pode sentir angústia: a fonte desta angústia só pode ser encontrada no mundo exterior (angústia ante um perigo real), no id (angústia neurótica), no superego (angústia de consciência);
  2. Não é o recalcamento que produz a angústia, mas a angústia que produz o recalcamento: a ameaça interna (aspiração libidinal ou agressiva desencadeia a angústia (perigo de castração, por exemplo) que aciona o recalcamento ( renúncia ao objeto do desejo e a seu fim).
  3. A angústia é a evocação pelo ego, em função de uma exigência pulsional nova, de uma situação de perigo antiga;
  4. O sinal de angústia suscita da parte do ego uma reação passiva ou ativa: nesta o ego se antecipa à satisfação exigida e julgada perigosa e através da utilização dos mecanismos de defesa, liga psiquicamente o que foi recalcado (representação) ao afeto;
  5. A energia da exigência pulsional pode sofrer diversos destinos: não sendo dominada pelas defesas do ego continua constantemente a pressionar; pode sucumbir como na resolução do conflito edipiano e pode ser reprimida no conflito neurótico;
  6. O ego em sua relação de conjunção e disjunção com o id está, por um lado, sob a dependência deste último, mas por outro lado, revela-se menos impotente do que parece, pois é apto a utilizar o recalcamento, por desencadeamento do sinal de angústia;

7. A angústia neurótica é causada pelo aparecimento no psiquismo de um estado de grande tensão sentida como desprazer: a angústia de castração (simbólica) implica no abandono do gozo para conservar a integridade narcísica e a angústia da perda do objeto desejado e interditado implica o abandono do desejo para conservar o objeto;
8. A evolução libidinal implica que o perigo a que se está exposto não é o mesmo nas diferentes etapas do desenvolvimento: o perigo de desamparo que coincide com o estado de total dependência do recém-nascido, o perigo de perder o objeto ou o amor do objeto que coincide com o estado de dependência da criança, o perigo de castração (simbólica) na fase fálica, o medo do superego no período de latência. Segundo LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia, aquele cuja volta deve ser evitada a qualquer preço;
9. A angústia é dependente do duplo dispositivo do recalque, o originário e o posterior: os recalques secundários (posterior) se referenciam a uma antiga situação de perigo gerada por exigências libidinais excessivamente grandes cuja tensão desorganizadora a criança pequena não pode suportar;
10. Os dois aspectos da angústia, sinal de alarme ou expressão de uma situação traumática, correspondem ao papel desempenhado pelas instâncias psíquicas: no caso da angústia automática-traumática, supõe-se que a angústia é uma manifestação direta do id, invadindo e ultrapassando as possibilidades defensivas do ego, induzindo um estado de pânico, de impotência, de desespero. No caso da angústia como sinal de alarme, a angústia é uma manifestação do ego que a utiliza para comandar a realização de operações defensivas contra as pulsões emanadas do id ou seus representantes. No primeiro caso, o ego pode apenas sofrer a angústia e, como suas possibilidades de

resposta estão paralisadas, qualquer elaboração psíquica se traduz por um fracasso completo das defesas. No segundo, os mecanismos de defesa do ego, por mais imperfeitos que sejam, atestam uma atividade simbólica funcionando sem dano maior, de uma modo análogo ao pensamento.

O tema das fobias é ilustrativo da relação da angústia com o psiquismo e com a realidade externa. FREUD ( 1976 ) destaca a importância da função perceptiva como antecipadora da situação de perigo interno, que pode ser desorganizadora do psiquismo, dada a excessiva tensão libidinal e agressiva envolvida. O protótipo desta situação de intensa angústia interna é o estado de desamparo psíquico vivenciado pela criança que depende totalmente de outrem para a satisfação de suas necessidades ( sede, fome ), uma vez que é impotente para realizar uma ação que ponha fim à tensão interna.

Segundo FREUD ( 1976 ) o estado de desamparo motor e psíquico está ligado à prematuração do ser humano ao nascer e na sua infância, quando comparado com outros animais. Por este fato, a influência do mundo exterior é reforçada; a diferenciação precoce entre ego e id é necessária, a importância dos perigos do mundo exterior é exagerada e o objeto que é o único que pode proteger contra estes perigos vê seu valor aumentado. Este fator biológico estabelece pois as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que nunca mais abandonará o homem.

Quando a criança houver descoberto pela experiência que um objeto externo perceptível pode pôr fim à situação perigosa que lembra o nascimento, o conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica ( intra-psíquica ) para a condição que determinou esta situação, a saber, a perda de objeto. Para a criança, é a ausência da mãe que constitui o perigo e logo que este surge é dado o sinal de ansiedade, antes que a temida situação econômica ( equivalente ao desamparo psíquico ) se estabeleça.

*“O significado da perda de objeto como um determinante da ansiedade se estende consideravelmente além deste ponto, pois a transformação seguinte da ansiedade – a angústia de castração – pertencente à fase fálica, constitui também medo de separação e está ligada ao mesmo determinante”. ( FREUD, 1976 )*

*“A mudança seguinte é causada pelo poder do superego. Com a despersonalização do agente parental, a partir do qual se temia a castração, o perigo se torna menos definido. A ansiedade de castração se desenvolve em ansiedade moral – ansiedade social –, não sendo agora tão fácil saber o que é a ansiedade. A fórmula separação e expulsão da horda se aplica àquela parte ulterior do superego que se formou com base em protótipos sociais. A transformação final pela qual passa a ansiedade em relação ao superego é o medo da morte ( ou medo pela vida ) que é um medo do superego projetado nos poderes do destino.” ( FREUD, 1976 )*

Assim, *“à medida que continua o desenvolvimento do ego, as situações de perigo mais antigas tendem a perder sua força e a ser postas de lado, de modo que podemos dizer que cada período da vida do indivíduo tem seu determinante apropriado de ansiedade”. ( FREUD, 1976 )*

No mundo do trabalho a angústia está presente com todas as suas possíveis manifestações. É um mundo em que situações de perigo real, fatores de risco físico, químico ou biológico e relações interpessoais, geram angústia, seja ela ante um perigo real ou em decorrência de fantasias, cujos conteúdos são vivenciados como ameaça à integridade psíquica e/ou física e à vida.

As situações de perigo real no trabalho, aquelas que despertam afetos desagradáveis ( dor e desprazer ), aquelas que representam risco à integridade do ego ( lesões incapacitantes ) ou de pôr fim à sua existência ( morte ) geram angústia de tipo fóbico.

A angústia de tipo fóbico é comum, muito embora seja disfarçada pelo discurso masculino dominante nos trabalho de tipo operacional, que subestima o risco e sobrevaloriza a capacidade do operador de realizar uma determinada tarefa.

Em processos produtivos como o petroquímico, o químico, o siderúrgico, o metalúrgico, o de mineração, o de construção civil e na prestação de serviços de saúde, de segurança, de transporte, de energia, de limpeza urbana, entre outros, os trabalhadores se vêem frente a fatores de risco e condições de trabalho que são potencialmente lesivas.

Se expõem a situações de risco porque precisam “ganhar a vida”: esta é a justificativa predominante, inquestionável em sua dimensão concreta, real. No entanto, algo mais profundo e íntimo está ocorrendo. No dia-a-dia do trabalho, enfrentam as situações

ameaçadoras, geradoras de angústia, às custas da mobilização de poderosos mecanismos intra-psíquicos de defesa.

Por detrás da exposição tranquila e segura ao perigo real, operam mecanismos de defesa como a racionalização que, através do processo de pensamento – a análise de um determinado risco operacional, por exemplo – abranda a angústia fóbica. O enfrentamento desafiador e onipotente de situações de perigo no trabalho, como o operário da construção civil faz ao trabalhar em altura elevada, não revela, na sua aparência fenomenal, que a angústia é contida pela negação da realidade.

Mesmo aqueles que não conhecem os riscos a que estão expostos assumem uma postura psíquica defensiva de negação da realidade que se impõe. A frase “eu não sabia...”, após a ocorrência de um acidente de trabalho é na maioria das vezes atribuída à falta de informação ou treinamento, atividades cuja responsabilidade é das empresas. Porém, a falta de uma atitude pró-ativa no sentido do conhecer o risco pode revelar a onipotência e a onisciência agindo como defesa para tentar controlar angústias neuróticas e psicóticas.

Vivências emocionais que envolvem uma categoria específica de trabalhadores como a disputa pela liderança, a busca do reconhecimento ou o medo da exclusão em um determinado grupo também convergem para a manifestação de comportamentos de exposição ao risco, às custas da mobilização de mecanismos de defesa individuais que têm ressonância grupal.

A culpabilização do empregado em situações de acidentes, com danos materiais ou pessoais ainda é a interpretação que predomina nas análises de acidentes de trabalho. A cultura do ato inseguro, arraigada na mente de empresários e trabalhadores ainda prevalece, mesmo quando se aplica o método de análise da árvore de causas aos acidentes. Um acidente de trabalho é sentido como uma agressão que pode implicar, além de prejuízos monetários, em perdas para a imagem da empresa e do seu grupo dirigente. Por esta razão, o empregado vivencia a angústia de ser punido, que muito embora possa ter um conteúdo fantasioso e assim, ser de natureza persecutória, o que não lhe retira o status de realidade, é muitas vezes justificada pela real intolerância com que muitas empresas tratam ou trataram previamente casos semelhantes.

Em outras situações, o acidente de trabalho é resultante de um ataque agressivo, de retaliação contra a empresa, em função das agressões e perdas que o trabalhador sente ter sofrido. Nestes casos poderia esperar-se como resultado o dano material, o boicote, a sabotagem, mas os mecanismos psíquicos de defesa inconscientes impedem que tais manifestações pulsionais se dirijam explicitamente ao outro e em conformidade com o destino pulsional do *retorno ao próprio eu* descrito por FREUD ( 1974a ) a pulsão agressiva se dirige ao próprio ego. Uma outra leitura possível desta situação é aquela que vê um predomínio da pulsão de morte – agressão a si mesmo - sobre a pulsão de vida – o cuidado de si mesmo.

Ainda, a angústia fóbica é intensa e prolongadamente experienciada quando um superior hierárquico ou toda uma equipe praticam o terror ou a violência psicológica deliberadamente, através de críticas, ameaças, exclusões como forma de controle ou punição de um trabalhador.

Nas empresas, nas inter-relações entre indivíduos, vivenciam-se também ansiedades do tipo histérico, que se expressam não tanto pela conversão somática, mas em conformidade com os padrões culturais e do comportamento sexual contemporâneos, mudam sua apresentação, manifestando-se através do empenho em agradar ao outro, da abnegação e da busca de reconhecimento no exercício do “métier” profissional. Segundo DOR ( 1993 ) os traços estruturais do histérico concentram-se em torno da “*questão do ter o falo*” do qual o indivíduo se estima ser injustamente desprovido. Na mulher, trata-se de “bancar o homem” e no histérico masculino o que se verifica é a busca atormentada de dar provas de sua “virilidade”. O trabalho das mulheres executivas, que ocupam cargos de direção é rico de manifestações de matiz histérico. Em um contexto de luta por direitos que as equiparem aos homens, exercem sua atividade profissional em um tradicional nicho do poder masculino, caracterizando o exercício de um poder fálico-narcisita, assim escrito por DOR ( 1993 ): “ *Na medida em que aquilo que o histérico persegue é, antes de tudo ordenado por esta identificação com o objeto ideal do desejo do outro, podemos concluir que todos seus esforços são então colocados a serviço da identificação fálica. Não é portanto espantoso observar a aguda afinidade que o histérico demonstra para com todas as situações onde esta identificação imaginária é suscetível de ser encenada. Encontramos aí o que habitualmente é convencionado chamar-se o narcisismo fálico dos*

*históricos...Este narcisismo fálico se exprimirá favoravelmente sob uma forma espetacular e imoderada: o dado a ver, isto é, posto em cena. Trata-se sobretudo, para o histérico, neste pitiatismo, de se oferecer ao olhar do outro como encarnação do objeto ideal de seu desejo. Para fazer isto, o sujeito aí se identificará tanto por seu corpo como por sua palavra. O essencial, sendo aparecer como um objeto brilhante que fascina o outro".* Nas suas relações há uma consistente erotização, seja através da sedução, que de forma manifesta ou dissimulada está presente, seja através da supervalorização estética do corpo. Ocupam uma posição de poder, de privilégio e de superioridade que lhes garanta admiração, reconhecimento e um "status" de perfeição no trabalho.

A histeria masculina frequentemente está associada com a busca do reconhecimento do outro através da indenização por um dano à saúde física ou psíquica, principalmente quando a associação do dano psíquico ao trabalho não encontra suporte consistente. As neuroses pós-traumáticas, que ocorrem após acidentes de trabalho são carregadas de ansiedade e contêm características históricas dissimuladas. A indenização e a consideração social permitem ao indivíduo exteriorizar a causa do sintoma histérico.

As empresas são dispositivos disciplinares no sentido dado à palavra por FOUCAULT ( 2002 ) : “ *O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar, ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. Adestra as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina fabrica indivíduos; ela é uma técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício...O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame*”. O trabalho exige análise, diferenciação, o cumprimento rigoroso e sistemático de prescrições administrativas e técnicas para que possa atingir as metas propostas. O trabalho exige planejamento, que sua

execução seja feita com métodos eficientes, com controles de qualidade eficazes e com procedimentos de segurança efetivos. Os indivíduos envolvidos nestas ações têm que ser objetivos, organizados, precisos. Ansiedades de tipo obsessivo são comuns no ambiente empresarial. Indivíduos que trabalham em empresas que adotam sistemas organizacionais como os japoneses 5S ( seiri = organização, seiton = arrumação, seiso = limpeza, seiketsu = padronização, shitsuke = disciplina ) e Kanban, e os sistemas gerenciais de riscos de saúde, segurança e meio-ambiente, caracterizados por alta exigência de desempenho e pela busca incessante de redução de perdas, seguem verdadeiros rituais para atingir metas de produção e indicadores de eficácia em prazos cada vez mais exíguos.

As auditorias e as certificações internacionais passaram a ser adotadas e exigidas como parâmetro de qualificação das empresas para concorrer em um mercado globalizado e competitivo. Estas avaliações que exigem sistematização, racionalização, organização, disciplina, orientação para o resultado nas atividades de trabalho, além de uma estética “*clean and well-being*” nos ambientes de trabalho.

Um duplo trabalho – de dissociação entre representação ideativa e afeto e de deslocamento da representação para outra idéia de importância secundária, distante do conflito inconsciente, portanto associada à uma angústia tolerável, caracteriza a essência do processo inconsciente na obsessão. A angústia do obsessivo é, também, o resultado do retorno de impulsos sádicos ao próprio ego do indivíduo que, segundo FREUD ( 1974a ) sofre um processo de auto-tortura e auto-punição.

O obsessivo protege obstinadamente a ordem e as virtudes tendo assim o perfil adequado para trabalhos que envolvem segurança, controle e avaliação de processos técnicos e administrativos.

As ansiedades relacionadas a perda de objeto são tratadas por Freud ao longo de toda sua obra, mas mereceram uma abordagem especial no texto Luto e Melancolia. ( FREUD, 1974i )

Neste artigo Freud distingue o luto da melancolia. Enquanto esta é considerada uma reação patológica, em que o objeto perdido fica introjetado e retido cronicamente no ego do sujeito, o luto é considerado uma reação normal à perda de uma pessoa amada, em

que há uma elaboração psíquica que consiste no progressivo desligamento da pulsão – libido – investida no objeto perdido.

A angústia relacionada à perda é também bastante comum no mundo do trabalho. A perda de uma oportunidade de avanço na carreira e às vezes a mudança devido ao fracasso profissional, a perda de amizades no competitivo mundo do trabalho e às vezes a perda de colegas que são demitidos, a perda de benefícios ou de privilégios nos períodos de crise econômica e às vezes a perda do emprego; a perda da confiança do chefe ou da equipe e às vezes a perda da confiança em si mesmo, a derrota de uma determinada idéia ou ponto de vista e às vezes a perda do orgulho profissional, a perda da ingenuidade e às vezes da integridade moral; a perda da convivência familiar e às vezes a separação conjugal em decorrência de dedicação extrema ao trabalho, a perda da saúde em decorrência de acidente ou doença profissional e às vezes a perda da capacidade para executar tarefas que exercia antes de um acidente ou doença. São inúmeras as perdas a lamentar. Inúmeros os lutos a elaborar para não sucumbir à força destrutiva da pulsão de morte. A elaboração destas perdas referencia-se às vivências emocionais pregressas da perda da onipotência do bebê, da submissão frente à ameaça de castração no complexo de Édipo, da submissão do id ao superego, da submissão do princípio do prazer pelo princípio de realidade, da submissão da pulsão de morte à pulsão de vida, representando, desta forma, oportunidades para a ampliação do horizonte da mente do indivíduo e para o reconhecimento dos limites necessários ao desenvolvimento da sociedade civilizada.

Esta modalidade de angústia vivenciada pelo indivíduo no trabalho é resultantes de conflitos, nos quais o ego reage ao perigo, seja ele interno ou externo, da perda de algo valioso para si; aquilo que simbolicamente está associado ao protótipo da satisfação das necessidades pelo objeto amado internalizado: o emprego, a saúde e a capacidade de trabalho, a solidariedade dos iguais, a previdência e por fim, a vida.

Um outro tipo de angústia vivenciada pelos trabalhadores no trabalho é a persecutória. Esta modalidade de angústia diferencia-se da angústia fóbica, porquanto esta refere-se a um objeto real, tangível e aquela a uma fantasia, experimentada como realidade.

Freud situa as angústias persecutórias entre as mais primitivas que o ser humano pode experimentar, uma vez que considera estar a paranóia entre a psicose maníaco-depressiva e a esquizofrenia.

Segundo FREUD ( 1976a ) “ A característica mais notável da formação de sintomas na paranóia é o processo que merece o nome de projeção. Uma percepção interna é suprimida e, ao invés, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação ingressa na consciência sob a forma de percepção externa. Nos delírios de perseguição, a deformação consiste em uma transformação do afeto; o que deveria ter sido sentido internamente como amor é percebido externamente como ódio”

FREUD ( 1976j ) demonstra o mecanismo da paranóia é uma defesa contra a homossexualidade, a partir do afeto: “ Eu o amo” é contradito por “ Eu não o amo – eu o odeio”. Esta contradição, não pode, contudo tornar-se consciente para um paranóico sob esta forma. O mecanismo de formação de sintomas na paranóia exige que as percepções internas sejam substituídas por percepções externas. Consequentemente, a proposição “eu o odeio” transforma-se, por projeção, em outra: “Ele me odeia (persegue), o que me desculpará por odiá-lo.” E, assim, o sentimento inconsciente compulsivo surge como se fosse a consequência de uma percepção externa: “Eu não o amo – eu o odeio, porque ele me persegue.”

Ainda, conforme FREUD ( 1976j ), na paranóia a libido desligada da representação pelo processo de recalçamento “vincula-se ao ego e é utilizada para o engrandecimento deste. Faz-se assim um retorno ao estágio narcísico, no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego”

Segundo GREEN ( 1982 ) “a paranóia se aproxima das psicoses propriamente ditas pela ameaça de fragmentação, consequência das angústias de perseguição que tomam de assalto o ego e o objeto” Ainda, este autor a essência da paranóia é o delírio, sendo este uma construção intelectual que obedece à uma lógica segundo a qual tudo o que é real é racional.

Atualmente, a competitividade no mercado, o elevado grau de exigências e de responsabilidades que incidem sobre o trabalhador, o controle e a vigilância de patrimônio, pessoas e informações definem padrões de relacionamento inter-pessoal nas empresas que propiciam a vivência de angústias persecutórias.

A angústia persecutória é sentida toda vez que alguma norma da empresa é transgredida, alguma falha humana ocorre ou quando alguma meta não é atingida. A transgressão é uma ação que tem por detrás de si o empenho do id em alcançar um objetivo mais facilmente, mais rapidamente, com prazer; não com desprazer. O superego, zeloso pelo cumprimento de normas e comportamentos socialmente adequados, critica este tipo de pressão pulsional do id, ameaçando o ego de puni-lo. A angústia é dirigida ao superior hierárquico, que zela pelo cumprimento da “lei” da empresa e tem poderes para punir a transgressão encarnando-se na expectativa da advertência ou da demissão, esta sendo a punição máxima que uma empresa normalmente aplica a um trabalhador que transgredir as regras.

Nas avaliações de desempenho, o trabalhador enfrenta a angústia de estar sendo avaliado pelo superior hierárquico, revivendo angústias relacionadas ao processo de identificação e formação do superego. Há, por exemplo, aqueles que são mais rigorosos em sua auto-avaliação que o próprio chefe, mas projetam neste a figura de pessoa exigente e punidora. O juízo exercido sobre si mesmo é função do superego que visa aplacar os impulsos oriundos do id e que determina os padrões de conduta moral, ética e profissional de um indivíduo.

Uma outra situação em que se exacerba a angústia persecutória é verificada durante os períodos de reorganização interna das empresas, em que setores são fundidos ou extintos, recursos são racionalizados, novas tecnologias são implantadas e nos períodos de crise econômica, em que os indivíduos estão mais sujeitos a perder seu emprego – representante simbólico da satisfação das pulsões de auto-conservação da vida. Este tipo de vivência é referido à angústia de desamparo. Os efeitos do desemprego sobre o psiquismo humano se manifestam através de comportamentos anti-sociais, pela deterioração das relações familiares e às vezes pela agressão à própria vida. As pulsões libidinais e as agressivas ao não encontrarem representantes do pensamento e da linguagem para se ligarem, expressam-se em atitudes violentas.

Os estados psicossomáticos são manifestações psico-orgânicas frequentemente diagnosticadas por médicos que trabalham em ambulatórios instalados em empresas, bem como nos consultórios médicos de convênios e nos centros de saúde da rede pública.

Doenças como a hipertensão arterial, a enxaqueca, as síndromes vertiginosas, a gastrite, a úlcera péptica, a constipação intestinal crônica, a retocolite ulcerativa, a artrite reumatóide, as mialgias, os eczemas, as alopecias estão entre as de natureza psicossomática.

Por vezes, estes quadros clínicos são associadas pelos trabalhadores e pelos médicos a situações de alta exigência do trabalho, a períodos de crise econômica, a mudanças cujo o impacto é difícil ser avaliado, a disputas internas por cargos, projetos, idéias, sendo, devido à concomitância de manifestações orgânicas e psíquicas, muitas vezes incluídas no diagnóstico sindrômico do stress.

Segundo GRODDECK ( 1992 ) “o inconsciente utiliza doenças e distúrbios orgânicos – e, num sentido mais amplo, procedimentos orgânicos – na representação mímica dos recalques, do mesmo modo que lança mão das conversões histéricas ou qualquer outro sintoma neurótico”. Para este autor, a doença psicossomática é uma forma de simbolização dos conteúdos inconscientes.

Contudo, uma metapsicologia dos estados psicossomáticos ainda está por ser elaborada. GREEN ( 1982 ) refere que nestes pacientes constata-se a pobreza do elemento representativo, a carência econômica e funcional da fantasia. Segundo este autor, “não é apenas o elemento representativo que falta na elaboração inconsciente, mas também o afeto apresenta nestes pacientes particularidades notáveis. Tudo se passa, pelo menos em certos casos, como se o afeto fosse deduzido a partir das somatizações ou hipotetizado posteriormente, após uma crise psicossomática.

Freud não chegou a desenvolver o tema da psicossomática, muito embora vários estudos se refiram a ele, especialmente ao conceito de neurose de angústia ( FREUD, 1976k ) em que o ego por não conseguir conter e processar uma carga excessiva ou penosa de sentimentos e pensamentos, age ao invés de pensar.

No paciente psicossomático o afeto não chega a acessar a consciência e expressar o conflito psíquico. Ele surge após a crise na forma de tristeza, desencorajamento, vontade de abandonar tudo, significando a derrota do ego por não ter podido impedir a crise. O que falta no psicossomático não é o sentimento de existência, mas o poder de representação. O sujeito é remetido unicamente à sua presença corporal como vivência.

Segundo MARTY ( 1997 ) ao invés de reprimir as pulsões do id, como acontece nas neuroses, os pacientes somatizadores utilizam o pensamento operatório , superinvestindo de libido o que é concreto, como suas manifestações corporais, fazendo uma ligação direta entre angústia e sintoma, sem passar pelo pensamento.

GREEN ( 1982 ) escreve que distintamente da histeria em que o sintoma vincula-se a um desejo, a manifestação psicossomática não tem ressonância afetiva, sendo as interpretações recebidas apenas em um nível intelectual. Este autor acredita que a crise somática dos psicossomáticos representa um autêntico acting out<sup>(\*)</sup>. Um agir fora orientado para dentro, em que o objetivo essencial é a expulsão do afeto intruso para fora da realidade psíquica. “ O doente psicossomático seria então um psicopata corporal, que trata seu corpo como os psicopatas tratam a realidade social, com uma desenvoltura extrema e na qual o sadomasoquismo é de algum modo não apenas inconsciente, mas também forcluído.”<sup>(\*\*)</sup>

Há outros tipos de angústia vivenciadas por indivíduos, no trabalho, de caráter mais primitivo, contendo elementos típicos das estruturas psicóticas. Sua abordagem exige um estudo aprofundado da teoria de autores pós-freudianos, tarefa que pretende-se realizar em um futuro breve.

### **O trabalho como investimento narcísico**

Outra abordagem possível a partir da nota de Freud no texto o Mal-estar da Civilização é aquela que toma a questão dos componentes libidinais narcísicos e sua relação com o trabalho.

FREUD ( 1974d ) distingue vários aspectos da noção de narcisismo: 1. O narcisismo primário como um estado precoce em que o bebê, antes que reconheça um objeto, investe toda a sua libido em si mesmo; 2. O narcisismo secundário como um retorno

---

<sup>(\*)</sup>Acting out é o termo usado em psicanálise para designar as ações que apresentam a maior parte das vezes, um caráter impulsivo, rompendo relativamente com os sistemas de motivação habituais do indivíduo, relativamente isolável no decurso das suas atividades, e que toma muitas vezes uma forma auto ou hetero agressiva.

<sup>(\*\*)</sup>Forclusão ou foracclusão é um termo introduzido na psicanálise por Lacan para descrever um mecanismo específico das psicoses, mais precisamente dos estados paranóides, através do qual o que é excluído não pode voltar à consciência de uma forma simbólica.

ao ego, da libido retirada dos seus investimentos objetivos; 3. As relações objetivas narcísicas que se verificam quando o ego ama um objeto na medida em que este objeto se assemelha ao ego.

Aparte a polêmica que existe no meio psicanalítico em torno do conceito de narcisismo primário, a noção de narcisismo secundário dá suporte à idéia de que há uma estrutura permanente em que por um lado os investimentos de objeto não suprimem os investimentos do ego e por outro o ideal do ego representa uma formação narcísica que nunca é abandonada.

Por ideal do ego conceitua-se a instância psíquica resultante da convergência do narcisismo ( idealização do ego ) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos ( PONTALIS & LAPLANCHE, 1986 ). A sua origem é principalmente o estado narcísico inicial. Segundo FREUD ( 1974d ) *“o que ele ( homem ) projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido da sua infância; na qual ele era o seu próprio ideal.”*

Mais adiante, na obra de FREUD ( 1976a ) o ideal do ego será assimilado à noção de superego, cujas funções em relação ao ego são a de consciência moral, auto-observação, e formação de ideais.

Para FREUD ( 1976a ) o ego deve ser considerado um grande um grande reservatório de libido, do qual a libido é enviada para os objetos, e que sempre está pronto a absorver a libido que flui de volta dos objetos.

Há uma espécie de balança energética entre os investimentos no ego e os investimentos nos objetos. Quando um aumenta o outro diminui e vice-versa. A megalomania, verificada nos delírios do psicótico e a hipocondria são exemplos de desequilíbrios da balança em favor do ego. O enamoramento é um exemplo de “desequilíbrio” em favor do objeto. Nos indivíduos normais e nos neuróticos há um transitar de investimentos libidinais do ego para os objetos e do ego para si mesmo.

Segundo FREUD ( 1974d ) *“tudo o que uma pessoa possui ou realiza, todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-a a aumentar sua auto-estima. Aplicando nossa distinção entre os*

*instintos sexuais e os do ego, devemos reconhecer que a auto-estima depende intimamente da libido narcisista.”*

Uma das mais significativas formas de investimento libidinal no ego é observada em trabalhadores, das mais variadas profissões, sejam elas predominantemente intelectuais ou operacionais, que têm alta dedicação ao trabalho e elevada auto-estima devida às realizações e conquistas profissionais. Muitos trabalhadores dão preferência ao prazer proporcionado pelo trabalho, ao invés daquele emanado da convivência amorosa conjugal, filial ou parental. Há inúmeros casos de separações de casais motivadas por conflitos que envolvem opções profissionais que dificultam ou excluem as possibilidades de relações amorosas. Atualmente, difunde-se um estilo de vida em que homens e mulheres preferem manter-se solteiros para não haver interferências nas suas atividades de trabalho e nas carreiras profissionais, decorrentes do tipo de vínculo conjugal. Também é ilustrativo o caso de trabalhadores, de alta gerência ou dedicados a trabalhos de alta densidade intelectual que cumprem jornadas diárias de 12 a 16 horas. Saem cedo e chegam tarde. “Respiram, comem e dormem trabalho”. A necessidade de aumentar a renda é apenas a face visível deste tipo de dedicação ao trabalho. O ideal que um trabalhador tem em relação ao seu trabalho, ao seu futuro profissional é parte do seu ideal de ego e desta forma conduz o desejo, o investimento libidinal para escolhas definidas inconscientemente. O investimento no trabalho é neste sentido um investimento narcísico.

Há é claro o investimento no trabalho que é investimento da libido do ego em objetos: pessoas da família, membros de uma comunidade, trabalhadores de uma empresa, habitantes de uma nação, o patrimônio físico, histórico, cultural de uma sociedade. Mas este investimento objetal é cotejado com o investimento narcísico, de tal forma que este último está sempre presente como uma referência. Investir no trabalho para prover educação a um filho, para desenvolver uma comunidade, fazer uma empresa tornar-se competitiva, tornar uma nação forte, líder, com um valioso patrimônio cultural é em última instância um investimento narcísico de um indivíduo que, que procura realizar seus desejos e encurtar a distância entre a realidade e seus ideais.

## **O papel identificador do trabalho**

Um aspecto crucial, acima citado, que tem relação com o ideal do ego e mais amplamente ao superego é o processo de identificação e suas repercussões sobre o trabalho.

Por identificação entende-se o processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações. ( PONTALIS & LAPLANCHE, 1986 )

A identificação é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, define FREUD ( 1976b ) que distingue três modalidades da mesma: 1. Como primeiro tipo de laço afetivo com o objeto, em que predomina a relação de incorporação oral ( do bebê em relação ao seio da mãe ); 2. Como substituto regressivo de uma escolha de objeto abandonada, como se verifica na resolução do complexo de Édipo, em que ao menino é interditada a posse pela mãe, mas lhe é aberta a possibilidade de Ter outra mulher ou frente ao pai que admira e na impossibilidade de ser igual a ele, eleva-o à condição de ideal; 3. Como possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação que outro indivíduo, na medida em que ambos têm em comum um elemento: o desejo de ser amado, por exemplo.

A identificação remete ainda à ambivalência que caracteriza a vida amorosa, que consiste na coexistência de impulsos carinhosos e hostis frente ao mesmo objeto. ( MEZAN, 1989 )

Ainda, segundo MEZAN ( 1989 ) a identificação proporciona um meio de precisar a “misteriosa” influência que a “sociedade” exerce sobre o “indivíduo”...Não é uma das menores realizações da Psicanálise o Ter renovado de alto a baixo a problemática do indivíduo e da sociedade, mostrando que os termos não são opostos exteriormente, mas que há uma complexa dialética a funcionar entre eles.

O conceito de identificação permite-nos realizar várias associações com o trabalho: 1. Pelo aspecto citado na nota de FREUD ( 1974 ) em o Mal-estar da Civilização que diz respeito aos componentes libidinais agressivos e eróticos que são direcionados para a atividade laboral e para os relacionamentos humanos a ela vinculados; 2. Pelas

idealizações que o trabalhador faz em relação aos valores, normas e práticas da empresa em que trabalha; 3. Pela sintonia com aspectos parciais da personalidade de um diretor, gerente, encarregado ou colega de trabalho; 4. Pelo sentimento de pertencimento à cultura de um determinado grupo ou categoria profissional, em que um trabalhador coloca-se no lugar de outro que vivencia as mesmas condições de trabalho e de vida; 5. Pela adesão às aspirações, idéias e práticas dos líderes do grupo ( colegas com liderança no trabalho ) ou categoria profissional ( dirigente sindical ).

Um exemplo típico do processo de identificação é aquele observável entre trabalhadores que “vestem a camisa da empresa”. Estes estabelecem vínculos inconscientes com valores, normas e práticas de uma empresa e, guiados por um tipo relacionamento duradouro, confiável e recompensador com a mesma, comprometem-se ao ponto de realizar ações que envolvem risco moral, jurídico ou mesmo à saúde e à vida. Sentem-se como representantes da empresa frente a concorrentes, a colegas de trabalho, a dirigentes sindicais, à comunidade, a amigos e à família, sendo esta muitas vezes abrangida por este processo de identificação, na medida em que participa do âmbito social da empresa.

Outro exemplo é aquele em que há uma identificação de um grupo de trabalhadores com seu líder, seja pela sua experiência, pelo sua perícia, pela sua determinação ou pela sua coragem manifestadas nas atividades laborais. O que ocorre para este trabalhador identificado com o líder é a re-edição da relação com o pai idealizado, que permaneceu como registro em seu superego.



## *ASPECTOS METODOLÓGICOS*



## PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Entre os vários autores da psicanálise buscou-se principalmente em Freud e em Bion os conceitos teóricos e metodológicos que suportam esta investigação, que qualifica-se como sendo de orientação psicanalítica para distingui-la da psicanálise, enquanto clínica, praticada no contexto bem delimitado do que se conhece como “setting psicanalítico”.

Freud, considerado o pai da psicanálise, escreveu uma vasta obra que contém os conceitos que fundamentam a teoria e a prática psicanalítica até os dias atuais, constituindo-se em referência obrigatória para todos os outros autores que adentram no campo psicanalítico. Sua escolha também se dá porque seu pensamento abrangente, transita da experiência clínica individual para a reflexão sobre as articulações do inconsciente com o processo civilizatório ( ELIAS, 1990 ), com a cultura ( MEZAN, 1985 ; RICOEUR, 1987 ), com o grupo e o contexto cultural ( COSTA, 1989 ), e na problemática da relações entre sociedade e indivíduo ( CALIGARIS, 1993 ).

Bion, é um autor que mesmo fundamentado em conceitos freudianos e mais ainda em kleinianos, imprimiu um status de originalidade e de ruptura à sua teoria, tendo elaborado, conforme REZENDE ( 1994; 1999 ) uma teoria psicanalítica, que, tendo ultrapassado os modelos científico-filosófico, o estético-artístico e o mítico-religioso, sobre os quais repousam a psicanálise clássica, teria ido bem mais longe “ ao definir a psicanálise não tanto por sua relação com o inconsciente, mas com a realidade última, infinita, informe, inominável”... “incognoscível não por deficiência, mas por excesso, uma vez que a realidade última não aparece. E, não aparecendo, ela não é tanto objeto de ciência como de fé científica”. De Bion, reteremos como referência para esta investigação o seu trabalho sobre os grupos ( BION, 1975 ), uma obra que além de ter lhe possibilitado reconhecer a presença de mecanismos psicóticos e por conseguinte de problemas ligados ao pensamento, linguagem e conhecimento e de ter lhe projetado internacionalmente ( ZIMMERMAN, 1995 ) tem para nós a importância de ter sido realizada em um contexto de trabalho: o de militares em operação durante a segunda guerra mundial.

Como vimos no capítulo anterior, segundo FREUD ( 1976g ) a Psicanálise além de ser um método psicoterápico e uma série de concepções psicológicas, é, também, um método de investigação que consiste essencialmente na evidenciação do significado

inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias ( sonhos, fantasmas, delírios ) de um indivíduo. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do indivíduo, que são a garantia da validade da interpretação. Conforme LAPLANCHE e PONTALIS ( 1986 ) a interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.

A produção, a elaboração e a interpretação do material psíquico obtido em estudo de um grupo de trabalhadores na execução desta pesquisa foram demarcadas pela metodologia de investigação psicanalítica.

Neste estudo, a psicanálise é tomada como concepção teórica e como método de investigação. Por razões éticas e técnicas, em nenhum momento a tomamos ou a aplicamos como um método psicoterápico. Nos reportamos a aspectos teóricos e metodológicos da psicoterapia psicanalítica como fundamentos da metodologia de investigação de orientação analítica, empregados nesta pesquisa.

Vários conceitos sustentam esta metodologia de investigação. São eles: inconsciente, defesa, conflito psíquico, representação, associação livre, transferência e contra-transferência, e interpretação.

FREUD ( 1974b ) justifica a aplicação do conceito de inconsciente como necessária: “Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com freqüência atos psíquicos que só podem ser explicados pela suposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. Estes não só incluem parapraxias e sonhos em pessoas sadias, mas também tudo aquilo que é descrito como um sintoma psíquico ou uma obsessão nas doentes; nossa experiência diária mais pessoal nos tem familiarizado com idéias que assomam à nossa mente vindas não sabemos de onde e com conclusões intelectuais que alcançamos não sabemos como. Em apoio da existência de um estado psíquico inconsciente pode-se afirmar que, em um dado momento qualquer, o conteúdo da consciência é muito pequeno, de modo que a maior parte do que chamamos conhecimento consciente deve permanecer , por consideráveis períodos de tempo, num estado de latência, isto é, deve estar psiquicamente inconsciente.”

E, FREUD ( 1974b ) considera a suposição do inconsciente legítima: “A consciência torna cada um de nós cômico apenas de seus próprios estados mentais; que também outras pessoas possuam uma consciência é uma dedução que inferimos por analogia de suas declarações e ações observáveis, a fim de que sua conduta fique inteligível para nós. A psicanálise exige apenas que também apliquemos esse processo de inferência a nós mesmos. Se o fizermos, deveremos dizer: todos os atos e manifestações que noto em mim mesmo, e que não sei como ligar ao resto de minha vida mental, devem ser julgados como se pertencessem a outrem; devem ser explicados por uma vida mental atribuída a essa outra pessoa. Este processo de inferência quando aplicado ao próprio indivíduo leva logicamente, à suposição de uma segunda consciência. Em primeiro lugar, uma consciência a respeito da qual seu próprio possuidor nada conhece é algo muito diferente de uma consciência pertencente a outra pessoa e é discutível que uma consciência careça de consciência. Em segundo lugar, a análise revela que os diferentes processos mentais latentes que inferimos desfrutam de alto grau de independência mútua, como se não tivessem ligação um com o outro, e nada soubessem um do outro. Em terceiro lugar – e este é o mais convincente de todos os argumentos – devemos levar em conta o fato de que a investigação analítica revela alguns desses processos latentes como possuidores de características e peculiaridades que parecem estranhas a nós, ou mesmo incríveis, e que vão diretamente de encontro aos atributos da consciência que nos são familiares. Assim, temos motivos para modificar nossa inferência a respeito de nós mesmos e dizer que o que está provado não é a existência de uma segunda consciência em nós, mas a existência de atos psíquicos que carecem de consciência”.

Segundo LAPLANCHE e PONTALIS ( 1986 ) o termo inconsciente pode ser usado como adjetivo que, descritivamente, exprime o conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência. No sentido tópico, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro de sua primeira teoria do aparelho psíquico: é constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente/consciente, devido à ação do recalque.

Seguindo com estes autores, podemos resumir do seguinte modo as características essenciais do inconsciente como sistema: a) seus conteúdos são representantes das pulsões; b) estes conteúdos são regidos pelos mecanismos específicos do

processo primário: condensação e deslocamento; c) fortemente investidos pela energia pulsional, os conteúdos inconscientes procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalado), mas não podem ter acesso ao sistema pré-consciente/consciente, a não ser através das formações de compromisso (sintomas), após terem sido submetidos às deformações pela censura; d) são especialmente certos desejos da infância que passam por uma fixação no inconsciente.

O recalamento ou recalque primário é descrito por FREUD ( 1974c ) como o processo hipotético que tem como efeito a formação das primeiras representações inconscientes, também denominado de recalado originário. Estes núcleos inconscientes assim constituídos colaboram mais tarde no recalamento propriamente dito pela atração que exercem nos conteúdos a recalcar, conjuntamente com a repulsão, destes conteúdos, advinda do superego.

No quadro da segunda tópica freudiana, a partir de 1920, o termo inconsciente passa a qualificar privilegiadamente o Id, e em parte o Ego e o Superego. O Id é concebido por FREUD ( 1976a ) como a instância que constitui o pólo pulsional da personalidade, cujos conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, em parte hereditários e inatos e em parte recalados e adquiridos. O Ego atua como mediador entre as reivindicações do Id, os imperativos do Superego e as exigências da realidade. No conflito neurótico, representa o pólo defensivo da personalidade, pondo em ação uma série de mecanismos de defesa, em grande parte inconscientes, que são desencadeados pela percepção de um afeto desagradável. O Superego, por sua vez é classicamente definido como o herdeiro do complexo de Édipo, ou seja, uma formação psíquica resultante das identificações, de caráter inconsciente, com os pais, na infância precoce. Atua como uma espécie de censor e de portador do ideal do ego do indivíduo.

Através de palavras, ações, sonhos, fantasias, sintomas e atos falhos, são manifestos conteúdos inconscientes deformados pela defesa, ao ponto de serem irreconhecíveis pela consciência, podendo desta forma ser por esta admitidos

Em seus primeiros textos FREUD ( 1876h ) distingue entre quantum de afeto e a sua representação, pois a cada um destes elementos cabe destinos diferenciados, nos processos psíquicos. Assim, na histeria, o quantum de afeto é convertido em energia

somática e a representação recalçada é simbolizada por um sintoma ou sinal em uma zona corporal. Na neurose fóbica o quantum de afeto presente no conflito psíquico é liberado sob a forma de angústia e posteriormente é religado a um animal, pessoa, fenômeno natural ou representante imaginário mítico-religioso.

Assim, no decurso da história de um indivíduo um conjunto de representações são fixadas pela pulsão constituindo-se em representantes ideativos: pensamentos, imagens, recordações. Sobre a pulsão, elemento eminentemente somático, não incide qualquer operação defensiva. Conforme LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) a pulsão delega os seus representantes psíquicos. O recalçamento incidirá sobre os representantes psíquicos da pulsão, especificamente, sobre os representantes ideativos. A representação tem como destino o inconsciente e o quantum de afeto ou pulsão liberada da representação fica livre para expressar-se na qualidade de afetos agradáveis ou desagradáveis ou ligar-se a outros representantes admissíveis ao sistema pré-consciente/consciente

A investigação do significado inconsciente de palavras, ações e sonhos é o processo que traz à luz as modalidades do conflito defensivo; o sentido de conteúdos psíquicos incompreendidos pelo próprio sujeito. Para MONZANI ( 1991 ) o cerne da psicanálise estaria neste trabalho de exegese através da idéia de uma totalidade significativa que deve ser recuperada.

Recuperá-la significa ressignificá-la, ou seja, dar-lhe sentido; integrá-la ao ego. Segundo LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) no trabalho psicanalítico com finalidade terapêutica, a passagem à consciência não implica por si mesma uma verdadeira integração do recalçado ao sistema pré-consciente; ela deve ser completada por todo um trabalho que dissipe as resistências que impedem a comunicação entre os sistemas inconsciente e pré-consciente e capaz de estabelecer uma ligação cada vez mais estreita entre os traços mnésicos inconscientes e sua verbalização. O que FREUD ( 1974e ) denomina elaboração das resistências é a parte do trabalho terapêutico que efetua as maiores mudanças no paciente e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão.

Outro conceito da teoria psicanalítica freudiana que é fundamental, do ponto de vista do processo investigativo a que estamos nos dedicando neste estudo é o de defesa e seus mecanismos.

Defesa segundo LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ) é um conjunto de operações cuja finalidade é reduzir, suprimir qualquer modificação susceptível de pôr em perigo a integridade e a constância do indivíduo biopsicológico. Na medida em que o ego se constitui como a instância que encarna esta constância e que procura mantê-la, ele pode ser descrito como o sujeito e o objeto destas operações. A defesa de um modo geral incide sobre a pulsão, preferencialmente em uma das representações ( lembranças, fantasias a que está ligada, numa situação capaz de desencadear esta excitação pulsional que é desagradável e incompatível em relação ao ego. É contra uma ameaça interna ( a pulsão ) que o ego procura proteger-se.

Estes autores, em um determinado momento de sua reflexão sobre o tema questionam: Porque o ego percebe como desprazer ou ameaça determinada pulsão, uma vez que a realização da pulsão é por definição geradora de prazer?

Respondem afirmando que para esta questão há várias respostas que não se excluem umas às outras, quais sejam:

1. em uma primeira distinção pode considerar-se a própria pulsão como perigosa para o ego, como agressão interna e pode-se, também referir-se em última análise todo o perigo à relação do indivíduo com o mundo exterior, pois a pulsão só é perigosa em função dos danos reais que sua satisfação desencadeia ou causa.

Neste último sentido, no texto Inibição, Sintoma e Angústia, FREUD ( 1976 ) reinterpreta a fobia, considerando-a como Realangst, termo alemão que designa a angústia ante um perigo exterior, que constitui para o indivíduo uma ameaça real.

2. a abordagem da questão sob o ponto de vista da concepção do ego, confere ênfase ao papel do ego como agente do princípio de realidade.

No texto Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental FREUD ( 1972c ) postula que o princípio de realidade impõe-se ao princípio de prazer, modificando-o, uma vez que, em virtude das exigências impostas ao ego, pelo mundo exterior, a procura da satisfação da pulsão não se dá mais pelos caminhos mais curtos e imediatos da descarga, mas através de desvios que procrastinam o seu resultado.

3. do ponto de vista dinâmico o problema pode ser explicado pela dualidade das pulsões que opõe, em uma primeira concepção, pulsões sexuais às pulsões de auto-conservação FREUD ( 1972b, 1970a ) e em uma concepção ulterior as pulsões de vida às pulsões de morte FREUD ( 1976c ).

Este dualismo opera desde as origens da sexualidade. Inicialmente, o conflito psíquico é explicado pela busca que o ego faz para encontrar nas pulsões de auto-conservação a energia necessária para defender-se contra as pulsões sexuais. A contraposição entre pulsões de vida e pulsões de morte introduzida pelo texto Para além do princípio do Prazer, ( FREUD, 1976c ) modifica a função e a situação das pulsões no conflito: o Id é concebido como um reservatório pulsional que inclui os dois tipos de pulsão e o ego retira sua energia desta reserva sob a forma de energia dessexualizada e sublimada.

Segundo MEZAN ( 1989 ) a partir da introdução da teoria da defesa o homem aparece dividido, e esta cisão lhe é consubstancial desde o surgimento do conceito de inconsciente. As pulsões de vida e de morte são irreduzíveis uma à outra, sendo sua oposição passível de síntese apenas parciais, através do mecanismo de fusão pulsional. Opostos inconciliáveis, seu regime de existência é o conflito, que constitui a primeira e mais fundamental determinação do ser humano.

O conflito psíquico é pois, constitutivo do ser humano e pode ser manifesto entre um desejo e uma exigência moral, entre dois sentimentos contraditórios, podendo exprimir-se de forma deformada no conflito manifesto ou traduzir-se pela formação de sintomas, desordens do comportamento, perturbações do caráter.

A noção de mecanismos de defesa foi utilizada por FREUD ( 1974b, c ) nos escritos meta-psicológicos em dois sentidos: para designar o conjunto do processo defensivo característico de determinada neurose e para exprimir as vicissitudes defensivas da pulsão: recalçamento, retorno sobre si mesmo, transformação no oposto e sublimação.

Anna FREUD ( 1972 ) em sua obra O Ego e seus mecanismos de defesa dedicou-se a descrever a variedade, a complexidade e a extensão dos mecanismos de defesa. Mostra como uma série de atividades defensivas: recalçamento, regressão, formação reativa, isolamento, anulação retroativa, projeção, introjeção, retorno sobre si

mesmo, reinversão, sublimação, negação, idealização, identificação projetiva incidem não apenas sobre as pulsões, mas em todas situações que podem suscitar angústia.

Os mecanismos de defesa do ego são acionados em conformidade com o tipo de conflito psíquico, a etapa genética e a entidade psico-patológica que se esteja tomando em consideração.

O método que permite ao analista terapeuta ou investigador ter acesso ao material – conjunto de palavras e comportamentos portadores de conteúdos inconscientes – consiste em o indivíduo exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que vêm à mente ( palavra, número, imagem ou qualquer outra representação ), de forma espontânea, é denominado regra da associação livre.

Esta regra visa em primeiro lugar eliminar a seleção voluntária dos pensamentos, para em seguida revelar as defesas que entram em ação para evitar o acesso de conteúdos inconsciente ao sistema pré-consciente/consciente.

A este “convite” feito ao paciente ou indivíduo em investigação corresponde a postura do analista ou investigador que deve escutar o discurso que lhe é dirigido sem privilegiar a priori qualquer elemento nele contido, suspendendo, desta forma, as motivações que habitualmente cobram atenção ou mesmo a influência de suas defesas inconscientes.

FREUD ( 1972d ) descreve assim a correspondência entre a regra da associação livre e a da atenção flutuante: “ Tal como o paciente deve contar tudo o que lhe passa pelo espírito, eliminando todas as objeções lógicas e afetivas que o levassem a escolher, assim o médico deve estar apto a interpretar tudo o que ouve a fim de que possa descobrir aí tudo o que o inconsciente dissimula, e isto sem substituir pela sua própria censura a escolha a que o paciente renunciou”

Segundo LAPLANCHE & PONTALIS ( 1986 ), no movimento psicanalítico contemporâneo há várias orientações quanto à questão da atenção flutuante: 1. que tende a correlacionar a escuta do inconsciente do analista para os elementos inconscientes presentes no discurso do paciente, no sentido de uma empatia que se produziria essencialmente em um nível infra-verbal; 2. que pensa que o exercício da técnica da atenção flutuante exige um abrandamento das funções inibidoras e seletivas do ego, como se houvesse uma

abertura do analista destinada a evitar a interferência das suas compulsões defensivas; 3. que acentua a analogia entre os mecanismos do inconsciente e os da linguagem .

Estes mesmos autores afirmam que de um modo geral, é preciso compreender a regra da atenção flutuante como uma regra ideal, que na prática, encontra exigências contrárias: como conceber, por exemplo a passagem à interpretação e à construção sem que em dado momento o analista comece a privilegiar um certo material, a compará-lo, a esquematizá-lo, etc?

Um aspecto fundamental da técnica psicoterápica de orientação psicanalítica é a consideração da ocorrência do fenômeno da transferência que designa o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no contexto da relação analítica ( LAPLANCHE & PONTALIS, 1986 ).

FREUD ( 1972d ) referencia a transferência à revivência por parte do paciente de afetos e sentimentos relacionados a protótipos de conflitos experimentados na infância e a imagos parentais. Neste sentido, Freud distingue dois tipos de transferência: uma positiva, de sentimentos ternos e uma negativa de sentimentos hostis. A descoberta do complexo de Édipo foi determinante para esta elaboração.

Segundo Zimerman ( 2000 ) “Em qualquer campo grupal, seja terapêutico ou não, é inevitável que surjam manifestações transferenciais” Conforme este mesmo autor, didaticamente, elas manifestam-se em cinco níveis: 1. De cada indivíduo em relação à figura central do grupoterapeuta ( transferência parental ) 2. Do grupo como uma totalidade em relação a esta figura central ( transferência grupal ) 3. De cada indivíduo em relação a outro(s) determinado(s) indivíduo(s) ( transferência fraternal ) 4. De cada indivíduo em relação ao grupo como uma entidade abstrata ( transferência de pertencência ) 5. De cada indivíduo com outras pessoas e com experiências exteriores ao grupo ( extratransferência ). Na realidade, todas elas se processam simultaneamente, o que se costuma denominar transferências cruzadas, muito embora haja momentos no grupo em uma delas prevalece.

Conceito complementar e indispensável para a compreensão do fenômeno da transferência é o de relação de objeto: o modo de relação do indivíduo com o seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da

personalidade, de uma apreensão fantasmática dos objetos ( pessoa (s) ou aspectos parciais dela (s) ) e de certos tipos privilegiados de defesa.( LAPLANCHE & PONTALIS, 1986 )

Na relação psicanalítica, o analisando reproduz o seu modo de relação objetal projetando no analista afetos ternos e hostis, fantasias, identificações, revelando a angústia e as defesas dos conflitos psíquicos que vivencia. Este material psíquico inconsciente trazido em sua forma bruta pelo analisando é interpretado pelo analista e como que por ele lapidado, é colocado à disposição do analisando de forma a dar sentido a vivências e afetos até então não nomeados, não compreendidos, não integrados ao ego.

A interpretação é por excelência o modo de ação do analista. Está presente desde as origens da psicanálise. Na investigação analítica, a interpretação revela o sentido latente existente nas produções inconscientes ( palavras, comportamentos, imagens, atos falhos, sintomas ) do indivíduo.

A interpretação é a técnica que imprime sentido ao afeto. Através dela pode-se revelar um dos sentidos possíveis entre os tantos que as palavras urdem. Com um modo de escuta voltado para a captação dos equívocos, das ambigüidades, dos atos falhos, das entonações, das não intenções, das conotações sub-reptícias, desfocando o óbvio, o corriqueiro, o formal; o investigador busca encontrar não uma verdade única – idealizada -, mas sim os aspectos essenciais de uma composição que imprimem um sentido legítimo e verdadeiro somente para os sujeitos envolvidos em uma determinada e singular relação. ( HERRMANN, 2001 )

Tendo em vista a finalidade investigativa que pretende-se imprimir à esta pesquisa, acredita-se que o conceito de atividade interpretativa ( ZIMERMAN, 2000 ), mais abrangente do que o de interpretação do aqui-agora inerente à técnica terapêutica, é mais adequado ao propósito deste estudo, uma vez que a interpretação não se dá somente no âmbito da sessão, mas predominantemente, sobre o relato escrito do material produzido pelo grupo.

Trata-se de uma elaboração secundária do material, retirando dele o seu conteúdo de absurdo e incoerência, conferindo-lhe através da racionalização, a unidade, a coerência e a inteligibilidade necessárias à construção do significado de conteúdos inconscientes. ( FREUD, 1972d )

ZIMERMAN ( 2000 ) criticando os postulados vigentes a algumas décadas atrás: de sempre interpretar o grupo como um todo, de sempre interpretar o “*aqui-agora transferencial*” e nunca na extratransferência, de evitar incluir os aspectos infantis do passado porque o grupo, sendo uma abstração, não teria a evolução da infância, propõe uma atividade interpretativa mais diversificada e enriquecedora em seus aspectos técnicos. Adota-se, para a finalidade desta pesquisa alguns deles: 1. discriminar individualidades, ainda que sempre em conexão com o denominador comum do contexto grupal; 2. Valorizar muito mais os aspectos extratransferenciais; 3. Utilizar menos sistematicamente as interpretações transferenciais no aqui-agora e mais a atividade interpretativa constante de clareamentos, confrontos e perguntas que induzam a indagações reflexivas; 4. Dar importância prioritária ao assinalamento das funções do ego, notadamente as de percepção, pensamento, linguagem, comunicação e conduta; 5. Valorizar os aspectos positivos da personalidade, como por exemplo, os que estão nas entrelinhas de muitas resistências e actings; 6. Enfatizar sobretudo o desempenho de papéis fixos e estereotipados no grupo, bem como na vida lá fora; 7. Valorização especial dos problemas da comunicação, os quais costumam expressar-se sob distintas formas, especialmente de falsos acordos e aparentes desacordos, assim como por meio de mensagens ambíguas e por mal-entendidos.

### **O trabalho em grupo**

Durante o curso de uma psicoterapia psicanalítica o psicanalista tem a oportunidade de analisar e interpretar as produções da mente de um indivíduo que em algum momento deste processo, se referem particularmente aos conflitos psíquicos vivenciados pelo analisando, em relação ao mundo do seu trabalho: a escolha profissional, as identificações com pais, professores e colegas de trabalho, as idealizações quanto ao futuro profissional, as macro e micro decisões, o campo das relações inter-pessoais, as frustrações e as realizações oriundas do trabalho, entre outros aspectos que podem aparecer no material.

No entanto, o mundo do trabalho é um cenário que predominantemente, se caracteriza pelo envolvimento de grupos de pessoas na produção de bens e serviços para uma determinada finalidade. É portanto um fenômeno coletivo.

E como tal, é mais do que a soma das individualidades. É uma síntese qualitativamente diferente das individualidades, mas que nutre-se destas como se fossem ingredientes que contribuem cada um ao seu modo para dar o “paladar” final ao conteúdo.

As inter-relações entre saúde mental e trabalho são privilegiadamente enfocadas como fenômeno coletivo em referência à categoria trabalho, tomada como instância social específica.( SELIGMANN-SILVA, 1994 )

FREUD ( 1976b ), na introdução do texto A psicologia de grupo e a análise do ego questiona a existência de um instinto social primitivo e dirige sua expectativa para a hipótese de que os primórdios da vida gregária tenham tido seu início evolutivo no círculo familiar. Prossegue, dizendo que “o contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos, contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo como outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente,, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.”

Mais adiante, neste mesmo texto FREUD ( 1976b ) destaca que a psicologia de grupo interessa-se pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizaram em grupo, em uma ocasião determinada, para um intuito definido.

FREUD ( 1976b ) indaga sobre a natureza da alteração mental que o grupo produz no indivíduo e busca uma das fundamentações para a elaboração de sua concepção sobre a mente grupal na obra de Le Bon, *Psychologie des foules* de 1855. Este autor escreve que “a peculiaridade mais notável apresentada por um grupo psicológico é que sejam quem forem os indivíduos que o compõem , por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato de haverem

vido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela para a qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento. Há certas idéias e sentimentos que não surgem ou que não se transformam em atos, exceto no caso de indivíduos que formam um grupo. O grupo psicológico é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos que por um momento se combinam, exatamente como células que constituem um corpo vivo, formam, por sua reunião um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada célula isoladamente”.

Le Bon associa seu conceito de mente grupal a fenômenos inconscientes, que julga desempenhar papel preponderante não apenas na vida orgânica, mas também nas operações de inteligência de um indivíduo. Para ele os indivíduos de um grupo viriam a mostrar um caráter médio, na qual sua distintividade se desvanece, mas eles também apresentam novas características que não possuíam anteriormente: a aquisição de um sentimento de poder invencível que lhe permite render-se a instintos que, estivesse ele sozinho, teria compulsoriamente mantido sob coerção; o sacrifício do interesse pessoal ao interesse coletivo determinado pelo fenômeno do contágio de sentimentos e atitudes; os efeitos da sugestibilidade que faz com que um indivíduo em grupo assuma característica que são, às vezes, inteiramente contrárias, às por ele apresentadas individualmente.

Notadamente, as concepções de Le Bon se referem à psicologia das multidões como o próprio nome da sua obra indica. FREUD ( 1976b ) busca nas teses de um outro autor – McDougall – a abordagem da “mentalidade grupal” que difere da psicologia das multidões e massas humanas desorganizadas. Segundo este autor os grupos altamente organizados atendem a cinco condições que elevam sua da vida mental: possuem um certo grau de continuidade na sua existência, seus membros formam idéias definidas sobre sua natureza, composição funções e capacidades, colocam-se em interação com outros grupos semelhante, mas diferem-se entre si em muitos aspectos, possuem tradições, costumes e hábitos determinantes das inter-relações entre seus componentes, tem estrutura definida, expressa na especialização e diferenciação das funções de seus constituintes.

Para FREUD ( 1976b ) a força que mantém o grupo unido é a libido ou Eros, ou seja é a pulsão sexual que recalcada em sua finalidade primária – a satisfação dos desejos dirigidos aos pais - é desviada para outros sentidos: o amor-próprio, o amor filial, o amor maternal, o amor paternal, o amor conjugal, a amizade, o amor à humanidade, o amor às idéias abstratas.

A mais remota expressão de laço emocional com outra pessoa é denominada em psicanálise identificação. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. ( FREUD, 1976b )

Este processo é o fecho do chamado complexo de Édipo. Os afetos hostis – desejo de morte – que o filho dirige ao pai, na fantasmática disputa pela mãe, são recalcados, assim como a satisfação dos impulsos sexuais dirigidos à mãe. A necessidade de ser amado e ser aceito no grupo familiar leva o menino a renunciar à mãe como objeto sexual e a estabelecer laços amorosos com ela e com o pai com outra finalidade: a ternura, a admiração, o respeito, a identificação.

Segundo FREUD ( 1976b ) o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é do tipo de uma identificação, em que ocorre um processo de moldagem do ego de uma pessoa com o de outra que é tomada como modelo. Verifica-se este processo na relação dos constituintes do grupo com o seu líder, entre os membros do grupo através da empatia e, ou também, do contágio psicológico.

A sociedade é composta por vários tipos de grupos: naturais e artificiais, primários e os altamente organizados, transitórios, flutuantes e permanentes, com ou sem líderes. Segundo MARTINS ( 1989 ) “o primeiro deles, onde se estrutura a personalidade do indivíduo é aquele constituído pela família. Ali, em seus primeiros anos de vida a pessoa tem seu objeto amoroso na figura de um dos pais e todos os instintos sexuais que desejam direta satisfação estão depositados nesse objeto. A repressão a compele a renunciar a esses desejos infantis – e a criança permanece ligada a seus pais por instintos que podem ser descritos como inibidos em seus fins. São eles que possibilitam a formação de grupos humanos. No inconsciente, continua o amor sexual direto; na consciência, os desejos afetuosos inibidos em suas finalidades. Abolida a finalidade sexual, eles irão emprestar sua

energia para a inserção do indivíduo nos agrupamentos sociais do meio ambiente onde ele evolui.

FREUD ( 1976b ) estudou dois tipos de agrupamentos humanos: o exército e a igreja, considerados por ele artificiais porque o primeiro exige uma força coercitiva externa para mantê-lo e o segundo existe em função da idéia de que existe alguém que ama a todos com o mesmo amor. Esse alguém é Cristo, representante humanizado da divindade na terra. Em ambos os grupos o abandono do grupo pode implicar em castigo: prisão ou trabalho forçado no exército, culpa moral na igreja.

Em grupos, como os altamente organizados, os permanentes, os com líderes legítimos e consensuais Eros atua de forma tal que a força no sentido da coesão é mais forte que no sentido inverso, ou seja, os sentimentos hostis, presentes entre os membros do grupo, são subjugados pela força de laços amorosos, ternos, construtivos, civilizatórios. Conforme, vimos anteriormente, em sua última teoria sobre as pulsões sexuais FREUD ( 1976g ) denominou esta força de pulsão de vida.

Ainda, pode-se, seguindo o raciocínio de FREUD ( 1974f ) admitir-se hipoteticamente que a coesão de um grupo pode ser referida a um drama atávico, mítico, ocorrido na pré-história da humanidade, no seio da horda primeva: nesta forma primitiva de organização da sociedade humana, um macho poderoso governava despoticamente; um pai violento e ciumento que guardava todas as fêmeas para si e expulsava os filhos à medida que cresciam. Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos, e pelo ato de devora-lo, realizavam a identificação com ele, cada um adquirindo uma parte da sua força. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática o desejo de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu. O pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo. O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos. Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem – o substituto do pai -, e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim o sentimento de culpa filial.

Quem quer que infringisse aos dois desejos reprimidos - o de morte ao pai e o do incesto – tornava-se culpado pelos dois crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava, tal como acontece no complexo edípico.

Conforme MARTINS ( 1989 ) “ Aceitas ou não, tais idéias reafirmam a noção de que o homem tem sido, no decorrer de toda sua história, sempre uma criatura individual incluída numa horda. Para viver dentro dela, constrói seu ideal do ego. Mais tarde chamado de superego, é no círculo da família, ou de seu similar, que o indivíduo consegue formá-lo. Através do mecanismo da identificação, o ser humano vai assimilando as proibições e restrições das pessoas que tem como seus modelos. Assim, parte de seu ego se diferencia e forma o superego. Este vai sendo forjado no decurso da infância por meio da introjeção das figuras parentais e vai adquirindo as funções ditas de consciência: é o responsável pela auto-observação, pela repressão, pela censura.

Segundo OLIVEIRA ( 1958 ) “Quando Freud concebeu a noção de internalização de objetos e o processo de construção do superego, pela incorporação de imagos infantis que impõem os hábitos culturais através de uma estrutura interna, automaticamente ficou eliminada a barreira que arbitrariamente separava as duas formas de psicologia, e abriram-se as avenidas que nos conduzem à compreensão simultânea das fantasias inconscientes do indivíduo e da coletividade”.

Muito embora tenha-se nesta investigação adotado um enfoque clássico a partir do campo do freudismo, não pode-se deixar de citar as contribuições de Bion relativas à dinâmica de grupo que mais suplementam do que corrigem a visão de Freud sobre este tema.

Para BION ( 1975) qualquer grupo de indivíduos que se reúne para trabalhar mostra a atividade do grupo de trabalho, isto é, um funcionamento mental destinado a promover a tarefa em pauta. A investigação mostra que aqueles objetivos são às vezes entravados e ocasionalmente promovidos por impulsos emocionais de origem obscura. É dada uma certa coesão a estas atividades mentais anômalas presumindo-se que, emocionalmente o grupo atua como se possuísse certas suposições básicas sobre seus objetivos. Estas suposições básicas que parecem ser bastante apropriadamente esboçadas por três formulações \_ dependência, acasalamento e luta ou fuga – são, prosseguindo a

investigação vistas a deslocar-se mutuamente, como que em resposta a algum impulso inexplicado.

Na suposição básica de dependência, o grupo se reúne a fim de ser sustentado por um líder de quem depende para nutrição, tanto material quanto espiritual, e proteção. Esta posição grupal é características de grupos religiosos.

Na suposição básica de acasalamento o grupo geralmente encontra expressão verbal em idéias de que o casamento colocará fim às incapacidades neuróticas; que a terapêutica de grupo revolucionará a sociedade quando se houver espalhado suficientemente; que a estação vindoura será mais agradável. O sentimento predominante no grupo de acasalamento é a esperança. Para que esta seja sustentada é essencial que o líder do grupo esteja por nascer. Será uma pessoa ou uma idéia que salvará o grupo do ódio e do desejo de destrutividade inconscientes, mas a fim de realizar isso, a esperança messiânica nunca deve ser alcançada.

A terceira suposição básica formulada por Bion é de que o grupo reúne-se para lutar com alguma coisa ou dela fugir, daí a denominação de grupo de luta-fuga. O líder desta modalidade de grupo é aquele cujas exigências sobre o grupo são sentidas como concedendo oportunidades para a fuga ou para a agressão e se fizer exigências que não sejam essas, será ignorado. Os grupos militares funcionam conforme esta suposição básica.

De acordo com a reflexão de SILVA ( 1986 ) as suposições básicas são estados emocionais que evitam a frustração que está relacionada com o trabalho e o aprendizado dos próprios esforços, sofrimento e contato com a realidade.

Segundo BION ( 1975 ) a participação na atividade da suposição básica não exige treinamento, experiência ou desenvolvimento mental. Ela é instantânea, inevitável, instintiva.

Contrapõe-se ao funcionamento grupal de suposição básica, o conceito de grupo de trabalho ( BION, 1975 ), que se caracteriza pela atividade mental desenvolvida. “Em qualquer grupo podem ser discernidas tendências de atividade mental. Todo grupo, por casual que seja, encontra-se para fazer algo; nesta atividade de acordo com as capacidades do indivíduo, eles cooperam. A cooperação é voluntária e depende, em certo grau, da habilidade refinada do indivíduo. A participação nesta atividade só é possível a

indivíduos com anos de treinamento e uma capacidade de experiência que lhes permitiu desenvolver-se mentalmente. Uma vez que esta atividade acha-se ligada a uma tarefa, ela se encontra relacionada com a realidade, seus métodos são racionais e, desta maneira embora em forma embriônica, é científica. Suas características são semelhantes àquelas atribuídas por Freud ao ego.” Correspondem ao funcionamento grupal consciente; cooperativo, integrador, maduro.

Em um mesmo grupo pode-se observar oscilações e configurações mistas entre as suposições básicas e a posição mental de grupo de trabalho. Embora em nenhum grupo se verifique um tipo de funcionamento puro, um destes predomina e estrutura a atividade grupal, conferindo-lhe o sentido do que ocorre no grupo e todas as funções que dele fazem parte: sua semiosfera. ( NERI, 1999 ).

Abordadas do ângulo da atividade do grupo de trabalho, as suposições básicas parecem ser a fonte de impulsos emocionais dirigidos a objetivos muito diferentes, tanto da tarefa manifesta do grupo, quanto das tarefas que pareceriam ser apropriadas à visão freudiana do grupo como baseado no grupo familiar. Entretanto abordadas do ângulo da ansiedade psicótica associada com fantasias de primitivas relações de objeto parcial descritas por Melanie Klein e seus colaboradores, os fenômenos de suposição básica parecem mais possuírem características de reações defensivas contra a ansiedade psicótica. “Na verdade, acho que essas ansiedades primitivas encerram as últimas fontes de todo o comportamento de grupo” conclui BION ( 1975 ).



***APRESENTAÇÃO DE UM CASO A  
TÍTULO DE EXEMPLO***



O caso que aqui é apresentado constitui-se em uma tentativa de demonstração da aplicabilidade da teoria e do método de orientação psicanalítica para o entendimento das inter-relações entre saúde mental e trabalho em um grupo de operadores de tráfego de uma grande cidade.

No ano de 1995 foi constatado por este pesquisador, durante atendimentos de clínica médica no ambulatório de uma empresa responsável pela administração do tráfego de uma grande cidade, um elevado número de queixas e de diagnósticos de stress, depressão e ansiedade, entre operadores e fiscais de trânsito.( RELATÓRIO ANUAL DE PCMSO DA EMPRESA “PESQUISADA”, 1995 )

Foi manifestada por parte de alguns dos empregados desta empresa, uma reivindicação quanto à necessidade de um apoio psicológico à sua categoria profissional, em função das tensões que vivenciavam durante o trabalho. Este tipo de serviço aos empregados deixara de ser provido pela empresa há cerca de um ano.

O contexto em que se inseriam estas manifestações seguiam-se a uma mudança ocorrida recentemente, liderada por um presidente da empresa bastante respeitado pelos empregados, através da qual fora introduzida a figura do operador/fiscal de tráfego para executar as atividades de orientação de motoristas e pedestres, atendimento às vítimas, solicitação de apoio e organização do local em casos de acidentes de trânsito, fiscalização do tráfego e autuação em casos de irregularidades no trânsito.

Somado à presença infalível dos operadores/fiscais de tráfego nas ruas da cidade, a pé ou motorizados, uma série de medidas disciplinadoras e reorganizadoras do tráfego, como a operação de radares fotográficos em ruas e avenidas, de máquinas fotográficas em semáforos, o estabelecimento de limites máximos de velocidade, a demarcação de locais apropriados para estacionamento pago, a mudança na direção de ruas e avenidas, foram implantadas.

Algumas poucas reações de simpatia ao trabalho dos operadores/fiscais de tráfego provinham da comunidade. Todos eles de uma maneira ou de outra enfrentaram a hostilidade da população que via diante de si a exigência do cumprimento de regras, existentes na lei, mas até então pouco praticadas. Muitos destes profissionais registraram boletins de ocorrência na polícia civil, em função de ameaças, agressões verbais e até

agressões físicas sofridas. As operadoras/fiscais foram as mais atingidas pela violência da população. Em uma outra grande cidade que dispunha de serviço semelhante, um dos operadores/fiscais de tráfego havia sido assassinado durante o trabalho, por um motorista que havia sido multado. ( FOLHA DE SÃO PAULO, 19/02/1997 )

Os operadores/fiscais de tráfego, trabalhavam em uma condição extremamente vulnerável às pressões, pois executavam ações fiscalizadoras, controladoras e punitivas sem, no entanto, terem respaldo jurídico do poder público municipal que lhes atribuía o cargo e as funções.

Situações de conflito e tensão eram vivenciados pelos operadores/fiscais de tráfego por atuarem, em âmbito até então restrito à esfera de ação da polícia militar, ao aplicarem com rigor as autuações nos casos de infrações cometidas por quaisquer cidadãos, inclusive autoridades; ao enfrentarem ameaças de profissionais que fazem parte do braço armado do Estado.

Várias reclamações sobre eles, oriundas de cidadãos comuns, policiais, políticos e outras autoridades eram dirigidas à direção da empresa com a qual tinham vínculo empregatício, isento de estabilidade.

A instância julgadora da conduta dos operadores/fiscais de tráfego em cada uma das inúmeras situações de conflito vivenciados por estes profissionais era sua própria chefia e a direção da empresa. Das cabeças pensantes destes é que saíam os veredictos que decidia se continuariam trabalhando ou não.

Por uma feliz conjunção de clareza na definição, firmeza e seriedade na condução da política de tráfego por parte da direção da empresa, de compromisso com as orientações da direção e equilíbrio por parte da chefia, de formação ética e profissional adequadas e de um elevado espírito de equipe, o trabalho dos operadores/fiscais de trânsito resistiu às pressões e, ano após ano, através da constatação dos excelentes resultados alcançados no item segurança no trânsito, foi sendo reconhecido e apoiado pela população.

Novas mudanças ocorreriam, quatro anos após o início do programa acima descrito, desta vez no caráter organizacional da empresa e na condução da política de tráfego na cidade, decorrentes do encerramento da gestão do presidente anteriormente citado e de sua substituição por outro dirigente. Novos empregados para esta função foram

contratados, criando assim uma turma de veteranos e outra de calouros. As sessões de grupo que provieram este estudo de um rico material, foram feitas cerca de um ano após estas mudanças.

Neste processo que transitou da rejeição à aceitação do trabalho dos operadores/fiscais de tráfego pela maioria da população é que despertou-se o interesse de realizar esta pesquisa.

Conhecendo-se o perfil da demanda por atenção à saúde destes profissionais, especialmente no diz respeito à procura de ajuda médica devido a problemas de saúde mental ou psicossomáticos, elaborou-se um projeto de pesquisa e pode-se, em 1997, propor o mesmo à direção e chefia imediatas dos operadores/fiscais de tráfego.

A proposição consistiu em desenvolver um trabalho de investigação, com a finalidade de subsidiar a elaboração de uma tese de pós-graduação, sobre o tema das inter-relações entre saúde mental e trabalho, em um grupo de oito operadores/fiscais de tráfego, sendo quatro deles mulheres, que estivessem trabalhando na empresa há cerca de cinco anos, ou seja, desde o início da implantação do programa que contava com a participação destes profissionais.

Listados os operadores/fiscais, incluindo-se entre eles encarregados operacionais ( ex-operadores/fiscais ) que se enquadravam nestes critérios, procedeu-se a um sorteio, junto à chefia imediata dos mesmos, para a constituição do grupo.

O sorteio foi realizado apenas com a finalidade de não formar-se o grupo ideal sob a óptica da empresa. A inclusão de encarregados no sorteio tornou-se uma necessidade a fim de se obter um número razoável de candidatos a participar do grupo. Não houve a preocupação de fazer-se um corte segundo o critério hierárquico, porque não se tratava de uma análise do poder político no interior da empresa. A rigor, para um estudo de orientação psicanalítica até mesmo o presidente da empresa poderia estar compondo o grupo. As emoções decorrentes da sua presença no grupo ou de qualquer outra pessoa que não participou do mesmo não escapariam à análise psicanalítica e criariam um produto particular diferente do que aqui se apresenta.

Com a presença de homens e mulheres, em igual proporção no grupo, buscava-se investigar perspectivas e produções psíquicas diferenciadas segundo a especificidade do olhar psíquico de cada gênero, com relação ao tema proposto.

Realizou-se um primeiro encontro com o grupo para se expor o trabalho de investigação, seus objetivos, o método a ser utilizado e para firmar-se o contrato psicológico entre o pesquisador e os membros do grupo. Destacamos que a atividade não teria finalidade terapêutica. Que os nomes dos participantes e suas respectivas falas não seriam revelados. Que durante as sessões seriam feitos alguns registros por escrito e através de gravação em fita cassete – esta última, menos com finalidade técnica do que com finalidade de documentação. Com a concordância de todos os membros do grupo quanto à participação de cada um, elaborou-se um cronograma de uma sessão semanal, sempre às quartas-feiras, às 13 horas, durante dez semanas consecutivas.

A atividade de investigação foi realizada durante o horário de trabalho dos operadores/fiscais de tráfego, em dez sessões de uma hora de duração, em uma sala adequada para uma reunião a portas fechadas, nas dependências da própria empresa.

Desde a primeira sessão os participantes eram convidados a expressar livremente, sem preocupar-se em “filtrar”, suas idéias e sentimentos sobre o seu trabalho. Esporadicamente, o pesquisador interpolava alguma pergunta ao curso das falas dos participantes.

É importante dizer-se que, exceto um deles, todos os outros participantes freqüentaram todas as sessões e que os horários estabelecidos para o início e para o final de cada sessão eram cumpridos. A participante que participou apenas de duas sessões, identificada como R8, estava hospitalizada no dia da primeira sessão; esteve presente na segunda e na terceira sessões e ausentou-se a partir da quarta sessão sem comunicar ou justificar sua ausência.

Após cada uma das sessões realizava-se uma atividade interpretativa do material recém ouvido e anotado, por escrito, cuja apresentação consta no capítulo de discussão desta tese.

Além disso, uma segunda leitura interpretativa, a título de supervisão do material foi realizada por um psicoterapeuta de grupo para fornecer um contraponto às interpretações do pesquisador, evidenciar aspectos da dinâmica do grupo e manifestações inconscientes dos participantes do grupo, inclusive em relação ao pesquisador.

Ao final das dez sessões foi realizada uma avaliação da atividade de grupo, apontando-se a importância do aprendizado do reconhecimento das emoções durante o trabalho, a colaboração do grupo para atingir o objetivo proposto, a constatação de aspectos negativos ( agressividade, medo, ansiedade de aniquilamento, sadismo, violência) e de aspectos positivos ( comprometimento, sublimação, ideal de uma cidade melhor, solidariedade, falta de liderança ) no trabalho.





## ***ENTREVISTAS***



O grupo:

R1: operador de fiscalização de tráfego

R2: encarregado de fiscalização de tráfego

R3: operador de fiscalização de tráfego

R4: encarregado de fiscalização de tráfego

R5: operadora de fiscalização de tráfego

R6: operadora de fiscalização de tráfego

R7: operadora de fiscalização de tráfego

R8: operadora de fiscalização de tráfego

### 1<sup>A</sup> ENTREVISTA

E: Falem de suas experiências, impressões e emoções vividas durante o trabalho

R4: Tem dois tipos de emoções: a boa e a ruim Poder ajudar uma senhora, um cego é gratificante, é o lado bom. As agressões, os desentendimentos com os colegas, os acidentes é o lado ruim.

R2: Nosso trabalho é muito tenso, principalmente quando temos que atender um acidentado grave. Precisamos consolar familiares da vítima. A gente leva muitos problemas do trabalho para casa. Aí ou briga, ou se tranca no quarto. Não posso nem ouvir meu filho ouvindo música que fico irritada, com dor de cabeça

R6: Isso também acontece comigo. Chego em casa nervoso. Não brinco mais com meu filho.

R2: Uma hora após sair do trabalho continuo agindo com se estivesse fiscalizando. Não consigo ver coisas erradas no trânsito e ficar quieto. Fico exigindo que coloquem o cinto de segurança.

R6: Temos que passar uma falsa tranquilidade ao acidentado. O acidente gera apreensão. O cara está lá pálido, suando frio. Não há cobertura. A gente chama o socorro e não sabe se ele vem.

R6: Muitas vezes eu sonho com o meu trabalho.

R1: Quando a gente multa na frente de prédios jogam ovo, laranjas, latas, até garrafas.

R2: Quando multamos, o usuário sempre diz que passou no sinal amarelo e não no vermelho. O fiscal sempre está errado.

R6: Somos muito criticados. Dá para contar nos dedos os elogios.

R7: Em cinco anos de trabalho nunca recebi um elogio.

R3: A população diz que os fiscais atrapalham.

R6: Nós captamos toda a negatividade da população e não temos capacidade para nos proteger.

R4: Acho que precisaríamos ter mais cursos de pilotagem de RH, de postura com a população. Precisamos ter psicólogos para suporte. Nesta administração não teve nenhum curso de pilotagem de RH.

R6: A culpa não é do fiscal, é do pessoal lá de cima;

R4: As coisas funcionam porque uma minoria aqui dentro arregança as mangas e compra a briga. Sempre que saio para a rua faço o sinal da cruz. A gente não sabe o que nos espera.

R2: Eu gosto bastante do que faço. Para ficar trabalhando aqui tem que gostar um pouco. Quando começamos o salário era bom, hoje está ruim.

R4: Nos sentimos sem apoio, sem proteção da direção, do jurídico, de um psicólogo, da segurança do trabalho.

R6: Os chefes dizem que não precisamos de instrução, precisamos é trabalhar.

R5: Não concordo. Às vezes há falta de interesse do funcionário em lidar com as situações (um acidente, um semáforo quebrado);

R4: Há falhas em todos os lados (setores da empresa), então nós temos que administrar.

R1: Nunca deixaram o nosso agito (departamento) crescer; se deixarem ele passa por cima dos outros. A partir do momento que entrou o radar e o semáforo eletrônico nós fomos colocados de lado. “Estamos aí só para dizerem que tem”.

R6: Quando saio para trabalhar peço a Deus que me ajude para que eu não encontre problemas hoje.

R1: O problema é falta de treinamento.

R5: As encarregadas só querem saber quantas multas você fez no dia. Se forem insuficientes chamam para conversar. Cada uma tem seu jeito. Tem umas que são uma maravilha, outras não.

Obs: R8 faltou nesta sessão porque estava hospitalizada.

## 2ª ENTREVISTA

E: Convido vocês a falarem mais sobre o seu trabalho.

R8: Não há quem ouça nossas queixas. A chefia não nos considera quando estamos com dor, quando estamos mal.

R5: Já fui agredida verbalmente várias vezes. Não adianta ir na delegacia fazer o BO porque o escrivão ironiza: “tem hematoma?” Eles nos desprezam.

R8: Para a delegacia o nosso serviço não existe. É humilhante ser agredido e não poder reagir.

R7: Eles nos chamam para falarmos os palavrões que nos disseram.

R4: 4 a 5 vezes por ano somos agredidos. Para mover processo é preciso testemunha. Se houver dez pessoas vendo você ser agredido elas vão dizer que você é que começou. Os processos por agressão corporal são arquivados. O de um funcionário está rolando há 5 anos. O nosso jurídico é muito falho. Há casos de agressão que poderiam ser

punidos, mas eles enrolam. O dia que acontecer de o fiscal agredir alguém ele vai para a rua. É preciso mexer com isso para que aconteça alguma coisa. Falta acompanhamento do jurídico e do psicólogo. Está faltando treinamento, reciclagem. Na gestão passada havia, nesta não há.

R2: Na administração passada havia um secretário que se interessava por nós. Hoje o secretário diz: “Quem são aqueles que estão no Centro de Convivência não fazendo nada?”

R4: O fiscal de trânsito é visto como uma fábrica de multas. É o pai da criança. A cada mil críticas você recebe um elogio. “Eu não faço pelo elogio, eu faço pela minha consciência”. Minha motivação é porque vi a queda do número de acidentes de trânsito. Se muito uma pessoa é ruim para ela, mas é para o bem da coletividade. Nunca fiz uma multa por ter bronca de alguém ou por ter sido xingado.

R8: No início a maior motivação era o salário. Nós éramos uma elite. A gente leva a imagem da administração na rua.

R4: Trabalhar em prol da comunidade é muito gratificante. Quando você salva uma vida, ou ajuda uma pessoa, quando se ajuda uma senhora a trocar um pneu, quando ajuda um carro a sair do túnel, o trabalho das escolas, isso é gratificante. Meu filho fala: “Quando eu crescer quero ser como meu pai”.

Eu defendo lá fora o ser humano e aqui dentro também. A população agradece quando resolve um engarrafamento. Acho que é uma minoria que critica o nosso trabalho. A população sente medo ou respeito: já perguntam se pode parar lá .

R1: Na mesma empresa há dois tipos de tratamento , os fiscais de trânsito que estavam na praça maior receberam lanche, nós não.

R2: As vezes estou de folga no sábado e domingo. Na quinta ou sexta- feira pedem para eu fazer hora extra. A gente faz a hora extra para melhorar o salário. Às vezes a gente abre mão de um compromisso, sacrifica a família para ir trabalhar...

R2: Após ter sofrido a agressão eu sentia medo da população. Hoje eu não sinto medo . Hoje eu olho para a pessoa e percebo se ela vai me agredir ou não.

R4: Antes de você autuar o cidadão você tem que se colocar no lugar dele. Alguma coisa fez com que ele cometesse a autuação. Por exemplo, na frente do hospital você tem que ver que a pessoa pode ter parado para socorrer outra pessoa.

R2: Eu já deixei de autuar um carro que tinha dentro o folheto de transplante de uma criança.

R4: Na porta de hospital e na frente do cemitério são os locais mais difíceis de autuar. Eu já autuei um carro de um pai acompanhado da mãe que levou o filho no hospital porque ele quebrou a perna . Eu argumentei que outras pessoas precisariam estacionar ali. Tem médico que estaciona na calçada e quando é autuado diz : “um dia você vai cair no hospital X”.

R2: O maior problema é multar delegado e macumbeiro . Um delegado da receita federal foi autuado e queria me prender. Tem certos lugares da cidade que não fiscalizamos para evitar conflito. No TRT, no fórum é só a polícia que mexe . Isso faz com que passemos por desgaste. A população cobra igualdade.

### 3ª ENTREVISTA

E: Falem de aspectos bons do seu trabalho.

R1: No início o atrativo era o salário e os benefícios.

R8: Gosto de trabalhar na rua.

R3: O bom é que não há rotina.

R4: Trabalhei mais de 15 anos em uma firma, fechado, 12 horas por dia. Quando entrei aqui mudei da noite para o dia. Há liberdade. O bom deste trabalho é que você é quem determina o que faz. Você é que julga a situação. Meu antigo patrão era racista e eu não gostava disso. Aqui não há esta discriminação. Meu pai me ensinou a ter caráter e vergonha na cara. Aqui reduziu pela metade o trabalho e aumentaram os benefícios. Aqui tem mais companherismo.

R6: Há uma liberdade relativa. Você não pode fazer tudo o que você acha que é certo e justo. As encarregadas e, às vezes, os colegas amarram você, inibem a sua atuação.. A liberdade é falsa. Não se fala a mesma língua.

R8: Trabalhamos sozinhas. Não há companheirismo entre as meninas.

R4: O nosso trabalho é orientar, advertir e punir.

R1: Mas às vezes você se guia pelo bom senso, o que difere de pessoa para pessoa.

R5: Os encarregados dos fiscais motorizados são mais preparados. As nossa encarregadas não são preparadas; há falta de interesse das funcionárias.

R6: A encarregada não assume: “Eu errei”.

R4: Falta a reunião mensal para nivelar.

R6: As encarregadas levaram dez anos para chegar onde estão.

Ainda não nos cobram quantidade de autuações.

R2: Alguns são mais tolerantes que os outros para a mesma situação.

R4: As meninas trabalham onde é permitido estacionar. No nosso caso, nós trabalhamos com o proibido. A regra que se usa é orientar, advertir, punir.

R6: Tem certos tipos de infração que você não tem como remediar. Você adverte a pessoa, ela xinga e você fica com raiva e tem vontade de multar. No início nós fazíamos isso, agora já estamos calejados.

R4: Quando você multa você ouve de tudo (xingamentos). Você tem que saber separar. Às vezes se você não faz você é questionado e se você faz você é criticado.

R2: Na sexta- feira o carro do C. (político) foi multado. O policial que multou está preso. No sábado no encontro de evangélicos o pastor pegou o assessor do vice-prefeito e veio falar para a gente não autuar. Eu falei: “Se houver irregularidade nós vamos multar”. Aquilo dá um desgaste emocional grande. Porque às vezes têm reclamações.

R6: Eu multei um delegado.

R2: Nós não somos advertidos por multar delegado, médico, político, juiz, mas você tem que fazer relatórios; é desagradável. O duro é o que você ouve depois do supervisor, do chefe.

R4: Nos passeios você tem que orientar, mas se acontece alguma coisa...

---

#### 4ª ENTREVISTA

E: Dando seqüência às nossas reuniões convido vocês a falar sobre o seu trabalho.

R2: Presenciei um assalto. Cheguei com a kombi com a intenção de coibir. Fui ajudar os “policiais” a segurar os ladrões, só que não eram policiais, eram jornalistas que tiravam fotos. No dia seguinte saiu a notícia de que “ um fiscal de trânsito e um guarda noturno haviam roubado um relógio”. A coisa foi distorcida pela polícia. Não tivemos apoio do gerente, nem do jurídico. Nós somos cobrados na rua para coibir assaltos. A gente vê cada coisa na rua, mas a gente tem que se privar de atuar porque não temos apoio.

R6: A empresa não está preocupada em divulgar a nossa função à população .

R3: Os agradecimentos, os elogios são poucos .

R6: Nós somos tratados como máquinas. Mas nós somos humanos .

R2: O jurídico da empresa é eficiente quando quer. Esta é uma empresa política. Já existe muita gente ganhando e fica em casa, sem trabalhar . Já tem gente entrando na empresa sem carteira de habilitação para ser motoqueiro .

R4: O que nos desanima são as politicagem na empresa .

R2: No começo o grupo era mais unido. Ajudava a consertar o prédio, fazia até instalação elétrica .

R1: No início nos tínhamos regalias, podíamos usar o banheiro. Hoje não. Teve uma menina que teve que comprar um bebedouro, imagina só .

R4: Nós tínhamos cantina, lanche, coca-cola no trabalho por causa da nossa união.

R2: Hoje, coloca um danone na geladeira para ver se você encontra.

R4: Depois que entrou este secretario o que vale é a política. Chegaram três para trabalhar com motocicleta sem treinamento e sem carta. Eles não vieram para trabalhar. Vieram para ganhar dinheiro. Para cobrar promessa política. O nosso trabalho que era então profissional está relaxando. Aqui quem não é amigo de vereador corre o risco de não levar o pão para casa. Hoje as influências políticas estão afetando tudo .

R6: Tudo bem que tenha política, mas enquanto você estiver trabalhando você tem que ser respeitado pela empresa .

R4: Aqui as regras não são para todos. Tem gente que tem LER ( lesão por esforço repetitivo ) quando é conveniente.

E: E entre vocês, há regras? Há privilégios? Como está o relacionamento?

R2: Acho que tem gente que não tem interesse. Mas acho que entre os encarregados não há desunião.

R4: Hoje você pisa em ovos. Há regras para um funcionário e há mordomias para outros .

R2: No início havia grupinhos , panelinhas . Hoje diminuiu.

R4: Tem três funcionários novos que não têm carta para guiar moto.

R3: Caíram de pára-quedas.

R4: Foram indicados pelo secretário. Isso cria um clima ruim.

R6: Se a empresa estivesse cumprindo com a sua função estes três funcionários não seriam problema.

R4: Mas você acha que a empresa esta preocupada conosco?

R6: As meninas levam tapa na cara, soco na barriga, cuspe na cara e a empresa faz alguma coisa?

R2: Outro dia perdi a cabeça . O nosso colega estava apanhando e fui ajudar . Dei chute e pisei nos caras.

R4: O que falta na verdade é subsídio da empresa para trabalharmos.

R5: Nós ficamos sabendo que têm motos de vocês estão lá, tomando chuva . Nós poderíamos ser treinadas para trabalhar com elas.

### 5ª ENTREVISTA

E: Vamos continuar? Na última reunião vocês começaram a falar sobre o seu grupo de trabalho. Falem mais sobre isso.

R6: No passado éramos fraternos, unidos. Estávamos todos aprendendo. Era legal aprender uma coisa nova. Depois que cessou o aprendizado de coisas novas, todo mundo acha que sabe as coisas, ninguém quer ser mimado, há a maior competição. Acho que isso é assim porque somos tratados como máquina, a gente chega e vai batendo cartão e não tem tempo.

R3: Numa situação no parque X fizemos cento e cinquenta autuações por estacionamento irregular. Eu aguardei a chegada de minha de trabalho companheira para decidir o que fazer. Sempre procuro me espelhar nos mais velhos e nos mais experientes.

R7: Vocês têm no que se espelhar. Nós não.

R6: Dá a impressão que mulher não serve para fiscalizar. Outro dia um gerente passou e riu de uma das meninas que estava olhando o jornal na banca e disse: “Olha lá para que servem as meninas.”.

R7: A referência das meninas são os meninos. Se nós precisamos de orientação para preencher uma autuação procuramos os meninos.

E (para R6): Há pouco você falou com um tom de saudades de algo que já foi melhor?

R6: É, mas gosto do que faço. Hoje antes de eu “estourar” eu penso no salário. No fundo no fundo a gente continua valorizando o nosso trabalho.

R2: Eu já gostei mais.

R1: Eu acho que na primeira turma houve mais integração.

R2: Você conhece cada pessoa, seu interesse, se está trabalhando só pelo salário. Hoje o que me desmotiva um pouco é saber que entra dinheiro na empresa e você não vê investimento em melhorias no trabalho.

R6: Não se investe nem no material, quem dera na sinalização e no humano.

R4: Acho que a partir de hoje deve melhorar, as regras novas que se implantaram é que nos desmotivam...O que mais me importa é estar servindo o próximo. A população é quem paga o meu salário, é a ela que eu dedico o meu trabalho. As pessoas idosas, hoje podem atravessar uma avenida movimentada, antes não podiam. Me orgulho disso. No nosso dia a dia a gente tem dificuldades, mas acho que a gente tem que saber separar isso do trabalho profissional. Não é a empresa em si que paga o seu salário, é a população.

R6: Só que se você perguntar para o povo se alguém quer que você trabalhe para eles, eles não querem.

R2: É uma minoria.

R4: Você não vai conseguir agradar a todos.

R6: Eles não querem porque não sabem qual é o nosso papel.

R4: Se você for ver não tem uniforme, não tem botas, não tem viatura, não tem união, você chutaria o pau da barraca. Quando você está ajudando (um acidente, ou um velho, uma criança) a população apoia. Quando você multa a população desgosta.

R2: Às vezes você multa, explica porque está multando, justifica e o multado agradece e cumprimenta você. Nós precisamos aprender mais ainda para poder orientar a população.

R6: Você , R2, não trabalha na mesma empresa que eu trabalho. Quando fomos premiados, tudo era maravilha, o nosso trabalho foi exaltado. Aqui na cidade isso não acontece, o nosso trabalho é criticado.

R2: Mas isso acontece por uma questão política. A prefeitura e a empresa não podem elogiar o nosso trabalho porque não dá marketing político.

R6: Só pode entrar às 6:45 horas nos vestiários para colocar o uniforme. Se você chega antes tem que esperar. Quando chove você tem que tirar sua capa ou roupa impermeável e passar para a colega, porque não tem outra. Eu já trabalhei na chuva. Isso ninguém vê, não reconhece.

R2: Às vezes acontece de um fiscal não saber orientar o trânsito num semáforo quebrado.

R6: Mas você acha certo um fiscal de trânsito trabalhar cinco , dez anos e não saber orientar o trânsito.

R2: Às vezes o fiscal de trânsito passa e se a situação exige que dois ou três trabalhem juntos e ele está sozinho ele vai embora para não se desgastar frente a população.

## 6ª ENTREVISTA

E: Como vocês vêem ou sentem o trabalho de vocês neste momento?

R4: Tenho a perspectiva de continuar engajado neste trabalho. A circunstância de empresa e do país está difícil , há risco de desemprego. Nossa esperança é que com novo código nacional de trânsito outras cidades implantem trabalhos na área de trânsito. A incerteza do que vai acontecer amanhã nos fez ficar inseguro. Hoje, também falta equipamento adequado para trabalharmos: as motos estão velhas, estamos sem uniforme.

R2: A empresa investe o mínimo e espera o máximo de retorno.

R4: Olha só isso (mostra o jornal do dia em que aparece uma foto de um jovem atropelado, aguardando socorro). Acho que se a empresa investisse mais a cobertura seria maior. Ontem, em um protesto dos sem-terra a Rodovia X foi interditada e houve

congestionamento enorme e nós estávamos com problema de comunicação. O que nos abala é que a população nos culpa pelos problemas no trânsito.

R6: A população enxerga o que ela quer enxergar. A empresa não faz nada para esclarecer a população sobre o seu papel .

R2: Os radares são ótimos para a população. Acho que a implantação dos radares não nos ameaça sempre vai ter coisas para fazer: Empurrar um carro , etc.

R6: As pessoas nos xingam porque tem que parar no semáforo e correm o risco de ser assaltado.

R4: Atendi uma colisão em que o motorista parou no sinal amarelo e foi batido por trás e disse : “O culpado é o fiscal de trânsito”.

R6: O lado negativo da população nos atinge diretamente.

R2: A população cobra nossa atuação para socorrer as vítimas dos acidentes de trânsito e isso é papel do resgate. Nós somos orientados apenas para acalmar a situação e chamar o resgate.

R3: A população nos chama até para apartar briga, para pegar assaltante, para reclamar de buraco na rua.

R6: Fazem isso porque não sabem qual é a nossa função.

R4: Tem gente que fala ,quando é multado: “Se eu pego o fiscal que me multou, eu o mato”.

R6: A população não vê com bons olhos o nosso serviço.

R4: Muitas vezes você tem que deixar a pessoa desabafar.

R6: Só que nós não temos com quem desabafar.

R5: Esses dias atrás eu multei um motorista, conversei com ele, orientei, ele agradeceu. Aí quando ele saiu com o carro me encheu de palavrões. Dá uma raiva e a gente não tem como extravasar.

E: Falem um pouco mais destes seus sofrimentos no trabalho.

R3: Eu já trabalhei doente.

R1: Aqui quando você vem trabalhar e não está se sentindo bem, ninguém se importa. O que importa é o relatório no fim do dia.

R6: Eu já vi meninas passando mal nas ruas e não serem socorridas. A colega estava com a pressão baixa e mandaram ela procurar o centro de saúde.

R3: Eu tenho problema de enxaqueca e às vezes me sinto mal no trabalho. Hoje eu estou afastado porque sofri um acidente de trabalho. Acho que todas as situações da empresa me deram apoio. O problema é que ao entrar no INSS a gente perde o salário. Quando o meu filho ficou doente e faleceu, a empresa e os colegas me deram muito apoio. Foi muito importante. Foi um aprendizado. Estou vivendo uma rara fase, acho que minha esposa está grávida.

R1: No nosso nós temos menos apoio. Quando as meninas estão grávidas elas ficam internas, só com trabalho administrativo, mas o encarregado e o gerente ficam olhando de cara feia.

## 7ª ENTREVISTA

E: Hoje, gostaria que vocês continuassem falando sobre as dificuldades e os sofrimentos que vocês têm ao trabalhar.

R6: Enfrentamos o risco de agressão física, a poluição, o barulho, o nervosismo.

R2: Sentimos friagem, problemas de coluna...procurar o médico, também, é um transtorno.

R3: Não tem como evitar o trabalho exposto à poluição.

R4: Às vezes as pessoas nos procuram ou vem se queixar de uma multa quando estamos fora do trabalho. Isto desgasta.

R6: Quando é um policial militar quem fez a multa as pessoas não vão querer saber porquê.

R2: Isso só acontece com a gente porque nós não temos um 38 na cintura.

R3: Porque eles (os PMs) podem prender.

R2: Os sustos são constantes, quando temos que passar com a moto entre os carros, corremos o risco de alguém abrir a porta do veículo. Acho que temos excesso de confiança.

R4: Acho que não pensamos muito no risco de acidente porque fizemos o curso de direção defensiva que nos dá uma idéia. Só houve um acidente em que o funcionário ficou com lesão na clavícula.

R6: Nossa pele fica cheia de poeira e resíduos de fumaça. Atualmente eu estou afastada, por estafa. Antes eu tirava de letra. De novembro para cá qualquer coisa me deixa irritada no trabalho. Estou fazendo terapia, tomando calmantes, tenho problemas de audição. Antes eu era telefonista e nunca tive problemas de audição, agora eu tenho uma pequena perda.

R2: No começo eu me dedicava muito e sentia que isso me preocupava. Ainda hoje como rápido. Até trinta minutos depois do trabalho, se vejo alguma irregularidade minha tendência é corrigir. Um colega sofreu agressão de um comerciante. O cara era médico, quando foi para a delegacia o delegado disse que o médico havia sido constrangido e o liberou e disse ; “Se você abrir um BO ele pode abrir um BO contra você”;. Nós ficamos com tanta raiva que se eu visse o cara eu jogaria a moto em cima do carro dele. Nestas situações eu fico louco da vida. Você tem que aguentar e tentar ganhar a população. Em outra situação eu fui ameaçado por um usuário conhecido que tinha um carro amarelo. Toda vez que eu via um carro amarelo ficava paranóico. Hoje estou separando mais as coisas: o que é do trabalho e o que não é.

R6: Antes eu conseguia separar. Batia o cartão e desligava. Agora eu não consigo me controlar. Se alguém toca a campainha da minha casa eu fico irritada. Se ninguém toca eu acho que ninguém se importa comigo. Eu sinto muita falta do trabalho.

## 8ª ENTREVISTA

E: Na sessão passada R2 falou que certas dificuldades coisas acontecem com vocês porque vocês não têm o poder de um policial militar. Falem sobre isso.

R2: Na conjuntura atual eu não gostaria de ser um policial. Acho que na polícia civil tem muita corrupção e na PM outro dia um policial militar autuou o político X e foi preso.

R6: O policial ganha menos que nós, por isso eles são tão corruptos. O nosso salário é melhor e temos benefícios.

R4: O PM tem poder de polícia. Aplica o que está no código de trânsito. Nós aplicamos parte do código, apenas o que se refere à infração. Não gostaria de portar arma, mas gostaria de fazer o que pode fazer o PM em relação ao trânsito: pedir documentos, etc.

R6: No nosso trabalho de fiscais, não há corrupção. Trabalhamos seis horas, temos plano de saúde, temos vale-refeição, temos um bom salário.

R4: No começo houve corrupção. Hoje não há. Nós passamos a idéia de que temos que ter uma imagem de honestidade, de apoio à comunidade. O fiscal quando se envolve com alguma coisa, quando dá uma mancada é chamado a atenção e excluído.

R2: O que está por trás da PM é a corrupção. Atrás do fiscal há um político que quer se eleger.

R6: Acho que os PM tem mais autoridade que nós, mas esta autoridade não é respeitada, também. Chega na delegacia, se o PM autuou alguém importante, alguma autoridade, o delegado tira a queixa. Já fui autuar um policial civil que tinha parado na faixa amarela com seu carro particular e que estava trabalhando. O policial apresentou sua carteira de policial, pedi para o policial colocar o carro no local permitido e ele disse que não tirava, eu disse que minha função é autuar o que é irregular. O policial ligou para o meu chefe e esse entrou em contato comigo e disse para deixar o carro lá. O problema é que os outros usuários vão se queixar dos privilégios do policial. A minha preocupação é ser respeitada pelos outros usuários. Me interessa o que os outros pensam de mim.

R2: Somos orientados para não criar confusão.

R4: A orientação é primeiro orientar, segundo advertir, terceiro punir.

### 9ª ENTREVISTA

E: Falem um pouco mais sobre o trabalho de vocês na rua. Como vocês lidam com o descontentamento da população?

R6: Muitas vezes você autua um condutor e não o conhece. Ontem eu autuei um tenente que estava estacionado irregularmente. Pedi para eu dar um jeitinho. Eu disse que não poderia. Me ameaçou dizendo que vai usar a influência de um vereador para anular a multa e que vai me ferrar profissionalmente. Na semana passada veio um assessor de um vereador dizendo que há duas reclamações sobre mim no gabinete do vereador; uma era de um taxista que parou na rua para fazer o transporte de uma televisão e provocou um engarrafamento. Como a pessoa não desobstruía o trânsito, autuei e ele fez a reclamação através do vereador. Eu estava retornando de um período de estafa, de depressão. Ontem isso se repetiu com o tenente. Eu tenho medo de alguma punição que venha de cima, da direção da empresa. Eu acho que está faltando apoio psicológico.

R4: No caso do taxista há uma lei que o ex-prefeito sancionou que eles podem fazer embarque e desembarque em áreas controladas pelo tempo necessário, mas não podem estacionar onde há a placa. A principal infração dos taxistas é passar sinal vermelho. Quer dizer, eles acham que podem fazer tudo no trânsito. Como eles não estão ganhando os recursos contra multas, eles estão indo via vereador.

R6: Eu já fui ameaçada.

R5: Ontem um motorista tentou me atropelar. Eu tive que correr para não ser atropelada.

R1: Teve um caso de uma pessoa que blefou dizendo que era promotor. Fomos com a polícia e a pessoa não conseguiu apresentar os documentos do carro. O carro foi apreendido.

R4: Nós estamos tendo apoio da PM.

R2: As pessoas que reclamam acham que têm razão, mas muitas não conhecem a sinalização do trânsito.

R6: Às vezes a sinalização é deficiente, mas nós sofremos o impacto da raiva da população.

R1: Geralmente sofremos agressões verbais.

R6: Já teve uma fiscal que foi perseguida.

R2: Um exemplo de ameaça aconteceu com um colega que multou um cara conhecido que é traficante. Ele ameaçou dar fim nele.

R4: Outro caso de ameaça é dos médicos que são multados :”você ainda vai cair na minha mão no hospital X”.

R2: Em São Paulo em casos que fiscais eram ameaçados ou insultados os agressores eram chamados pelo delegado de trânsito.

R1: É difícil, às vezes identificar a pessoa que fez a agressão ou a ameaça.

R4: Às vezes agente tem que se colocar no lugar do usuário.

R2: No começo eu era “cdf” depois eu fui observando outras coisas na rua: um passarinho, uma loja.

## 10ª ENTREVISTA

E: Chegamos à última sessão. Peço a vocês que falem um pouco sobre o relacionamento de vocês com os gerentes e chefes.

R1: Outro dia eu fiz uma multa de um lojista que achou que eu estava tirando sarro dele. Eu estava brincando com uma amiga minha. Ele reclamou para a supervisora. Ela ligou para a loja do lojista multado e falou para mim no telefone: “Não fale, só escute. Isso que você está fazendo não é profissional!”, eu disse que não era bem assim. O que está errado é a supervisora chamar a atenção no telefone da loja do lojista multado.

R6: O que não pode acontecer é ser chamada atenção na frente de um usuário.

R1: Eu me senti mal, humilhada. Ela justificou que queria proteger-me de uma coação ou agressão. Não dá para confiar nela.

R6: O problema é que a encarregada sempre tem razão. Outro dia levei uma bronca de uma encarregada por ter sido agressiva verbalmente com um usuário. E não era eu que estava naquela situação. Era uma colega parecida comigo. Quer dizer, elas sempre querem a razão.

R6: Mas como estamos aqui para ouvir as ordens e obedecê-las...

R2: Teve um gerente que falou: “você está aqui para trabalhar e não para pensar”.

R6: Só que às vezes a ordem do chefe que é cumprida por nós gera complicação. Teve um procedimento que todas as meninas estavam fazendo. Eu fui chamada a atenção porque este procedimento foi considerado errado. Em reunião com todas as meninas ele negou que tenha dado a orientação sobre o procedimento. Antigamente trabalhávamos sozinhas e a encarregada nos procurava na nossa área. Como estava tendo muitas agressões fomos orientadas a trabalhar em equipe. Diminuíram as agressões; diminuíram as multas. Agora estão fazendo a experiência de trabalharmos sozinhas. Nós percebemos que ao trabalhar sozinhas fazemos mais multas porque ficamos fixas em uma área. Em equipes fazemos tipo “arrastão”, passava em uma área de manhã e não conseguia voltar à tarde.

R5: Eu acho que este sistema está ruim. Sozinhas nós ficamos mais sujeitas a agressões. Outro dia multei um usuário que disse para mim: “Eu vou pagar multa R\$70,00 de multa, mas você vai gastar o dobro na farmácia.”. Quando acontecem coisas assim eu vou saindo de fininho. Teve um homem que me seguiu, tive que ligar para a coordenadora e veio um encarregado confirmar.

R6: O usuário pôs em dúvida o seu trabalho. Agora se tivesse errado aí de você.

R4: Eu acho que a função de encarregado é mais difícil que tem. Você fica entre a chefia e o agente (fiscal). Eu sou pró-agente. Não gosto de fazer advertência. Eu dou três chances para o fiscal. Quando ele erra converso com ele. Eu procuro considerar todos

como seres humanos. E nem sempre eu estou correto. Mas eu tenho experiência. Se eu estou certo eu discuto até com o presidente , se eu estou errado eu acato. Se houvesse comunicação adequada, grande parte das ocorrências de agressões diminuiria. Temos que batalhar para trabalhar com comunicação. As fiscais de rua precisam disso. O problema é que os gerentes dessa administração não sabem o que vai acontecer.

R6: A população diz: “Seus dias estão contados. Logo, logo vai ter parquímetro aqui. Vocês vão dançar!”.





## *DISCUSSÃO*



Vimos que Freud atribui à psicanálise três papéis: o de ser uma teoria sobre o psiquismo, o de ser um método de investigação do inconsciente e o de ser uma técnica terapêutica.

Um aspecto relevante a ser abordado é aquele que diz respeito à atitude investigativa do pesquisador em relação ao grupo. Sabemos que na prática clínica é impossível separarmos investigação e psicoterapêutica psicanalíticas. Ambas são parte de um mesmo processo. No entanto, neste caso, em que o pesquisador também exercia atividade clínica como médico do trabalho junto aos membros deste grupo e aos demais empregados da empresa, procuramos, embuídos de uma preocupação ética, adotar uma atitude predominantemente investigativa.

Mesmo não se tratando de uma abordagem terapêutica, muito embora esta seja plausível em qualquer grupo de trabalhadores cujos indivíduos tenham disponibilidade interna e se organizem para as sessões; e correndo o risco de sofrer a crítica daqueles que prezam por um enquadre nos moldes clássicos da clínica psicanalítica, manteve-se a idéia de que os conteúdos inconscientes subjacentes ao manifesto pelos participantes do grupo poderiam ser captados e submetidos à atividade interpretativa, em um processo de investigação de orientação psicanalítica.

O próprio Freud ultrapassou os limites do enquadre clínico para enveredar para um criativo caminho de investigação do psiquismo como atestam o artigo sobre o pequeno Hans ( FREUD, 1970b ), no qual consta que a análise foi feita a partir dos relatos do pai do menino, o extraordinário Leonardo da Vinci ( FREUD, 1970 ) uma interpretação da obra e vida do renascentista, e a exegese dos Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen ( 1976i ), a primeira análise de uma obra literária feita por Freud. .

PICHÓN-RIVIÈRE ( 1977 ) também distingue o grupo operativo do grupo terapêutico, apenas para fins didáticos e conceituais, partindo do conceito de tarefa, que para este é a cura, enquanto para aquele pode ser a aprendizagem, a atividade artística, o trabalho.

BICK ( 1964 ) desenvolveu um método de observação da dupla mãe-bebê, em que estes são observados interagindo em seu modo habitual, no ambiente familiar, durante um determinado período de tempo, assumindo o observador uma postura não

intervencionista, em que objetiva investigar padrões de comportamento subjacentes ao comportamento pré-verbal do bebê

MÉLEGA ( 1997 ) refere que a abordagem psicanalítica pode se dar em contextos não-clínicos, através da aplicação do modelo de continência proposto por Bick, em que o observador de bebês ou o observador de grupos institucionais se dirige até um paciente no seio de uma família ou a um grupo de uma organização para estar com eles, escutá-los, vê-los. Segundo a autora “ *a formação analítica possibilita a todo psicanalista que tenha um pendor social fazer uma leitura e mesmo enriquecer com sua visão qualquer área do conhecimento humano. Em se tratando de saúde mental, é preciso admitir que o psicanalista está instrumentado para intervir, para fazer aplicações, etc., desde que aprenda a discriminar sua função num contexto grupal ou institucional, função esta diversa de sua prática analítica no consultório.*”

Segundo SILVA ( 1993 ) “ *O método da psicanálise apresenta-se como uma dupla face: de um lado, a associação livre – a oferta de material sem crítica ou intenção determinada; e, de outro a atenção flutuante – captação de material sem crítica ou intenção determinada. Na prática, isso traduz-se por uma espécie de jogo em que as fantasias de ambos os interlocutores organizam-se em busca de um consenso sempre questionado a respeito do avesso do que foi dito. Ou seja, o método da psicanálise caracteriza-se por abertura, construção e participação. Diria, também, que se trata de um método receptivo, valorizando mais a escuta do que a fala mais a espera do que a indução de um sentido. Porque seu objeto é esquivo, não deixando-se apanhar por táticas experimentais ou técnicas de laboratório, admitindo apenas furtivas observações de sua presença. A força dessa presença, quando sentida, compensa a delicadeza do processo e a insegurança de alcançar resultados, pela clareza com que ilumina a situação vivenciada. A transposição dessas condições de investigação – ou desse campo psicanalítico – do consultório para o campo de pesquisa sofre, naturalmente, ajustes adequados à fonte de material em estudo: sessão psicanalítica, entrevista, teste projetivo, livro, obra de arte, lenda, costume e instituições sociais, religiosas ou científicas. Conforme, enfim, o campo de experiência humana sobre o qual se focaliza a atenção. Algumas características, no entanto, precisam ser conservadas caso se pretenda considerar o método utilizado como*

*sendo psicanalítico. Tais características essenciais são aquelas que preservam a possibilidade de emergência do significado submerso”.*

REZENDE ( 1993 ) afirma que “ *São três possibilidades diferentes quando o campo de pesquisa é o dos objetos psicanalíticos. Aliás, ao falar de campo de pesquisa, observaria também que, em se tratando de psicanálise, a investigação pode ser levada a efeito na biblioteca, no mundo vivido e no consultório. No primeiro caso a pesquisa exegética faz-se sobre livros, por meio de leitura. No segundo, a pesquisa hermenêutica faz-se no mundo vivido, na atitude de quem pensa as próprias vivências. Na terceiro, a interpretação clínica faz-se em situação analítica, por meio da escuta e da transferência”.*

Nesta pesquisa, a investigação psicanalítica se deslocou ao mundo vivido de um grupo de empregados para escutá-los e para posteriormente, interpretar a palavra colhida, buscando nela os sentidos relativos a um recorte deste mundo vivido – o mundo do trabalho.

Este, por sua centralidade e relevância no mundo vivido, determina o direcionamento da atitude do investigador: dirigir-se a ele. Não, sem antes ser solicitado. Para outros investigadores das inter-relações entre saúde mental e trabalho esta direção também se impõe.

A psicanálise é chamada a deslocar o enquadre para o mundo do trabalho, sem, com isso, perder a essência do seu método: a investigação do inconsciente.

O produto da investigação é algo singular. Somente os participantes deste grupo e este pesquisador produziram este material e estas interpretações. Esta produção está intimamente associada à originalidade do psiquismo de cada um dos participantes. No entanto, o método da investigação de abordagem psicanalítica de um grupo de trabalhadores é reprodutível, desde que um contrato entre um pesquisador com conhecimento e experiência pessoal em psicanálise e um grupo de trabalhadores com o desejo de conhecer o seu desejo inconsciente se estabeleça.

O objeto de uma investigação de orientação psicanalítica, em qualquer grupo de trabalhadores será sempre o de conhecer o inconsciente. Emboscá-lo, com uma escuta diferente: a atenção flutuante. Rastreá-lo, através dos caminhos da pulsão. Identificá-lo, apontando para as modalidades da angústia e dos mecanismos de defesa do ego operantes. A

finalidade será revelar o sentido dos conteúdos inconscientes subjacentes ao manifesto, através da atividade interpretativa.

Na presente discussão pretende-se, a partir dos conteúdos emocionais e dos mecanismos de defesa operantes, revelados através da atividade interpretativa dos discursos dos participantes do grupo, estabelecer associações com aspectos teóricos e metodológicos da psicanálise abordados nesta pesquisa.

Lembre-mos que após cada uma das sessões grupais, o pesquisador efetuou a atividade interpretativa do material recém-escutado, como se estivesse fazendo o registro imediato de um sonho lembrado logo após o despertar, buscando captar a vivacidade das emoções experienciadas na sessão.

As interpretações a seguir apresentadas, referem-se ora a aspectos da psicodinâmica do grupo, ora a aspectos psíquicos individuais que dão sentido às vivências emocionais dos seus participantes, tendo sempre como referência o seu mundo de trabalho.

Segundo ZIMERMAN ( 2001 ) *“a atividade interpretativa no grupo constitui-se como seu principal instrumento técnico, sendo que não existem fórmulas acabadas e “certas” de como e o que dizer, pois as situações práticas são muito variáveis”*.

Estas interpretações são o produto do material – discursos e emoções neles subjacentes - extraído em um enquadramento específico. Com aqueles participantes, com este pesquisador, em um determinado contexto da história da empresa foi possível tecer uma rede de significados para as palavras e afetos evocados. É uma produção única, singular. Obtém-se sua validação na medida em que a reflexão e seu sentido são acolhidos pelo grupo. É uma verdade, entre as tantas possíveis para este grupo. Outras seriam possíveis mesmo com este grupo em outro contexto, ou com um grupo diferente deste, ou com este grupo e um pesquisador outro. Bastaria a presença de um outro participante para gerar outras produções psíquicas e outros significados possíveis.

Logicamente, este processo de conhecimento não se enquadra nos moldes da ciência positivista. POPPER ( 1983 ) em uma crítica à psicanálise demonstrou que ela não preenche o critério de falsificabilidade ou refutabilidade, sem o qual uma teoria não pode ser considerada propriamente científica. Não se trata, portanto, de demonstrá-lo, tampouco de debater a questão da cientificidade da psicanálise.

Tomando-se-a como um saber cujo objeto é a relação do desejo com a cultura - nela incluída o mundo do trabalho - e cuja especificidade reside na atividade de simbolizar as simbolizações originárias ( JAPIASSU, 1998 ) considera-se, nesta pesquisa, que o desejo fugindo à apreensão das técnicas científicas clássicas, é captado através da intersubjetividade de uma relação humana específica, que se deixa, propositalmente, “contaminar-se” com a emoção, para lhe revelar o sentido e produzir a partir dele um conhecimento que vai além da ciência para situar-se na interface entre os campos da ética, da cultura e da ciência.

Este sentido é imprimido, pela atividade interpretativa que revela os conteúdos latentes – inconscientes – existentes nas manifestações - palavras, sintomas, atos falhos, obras – de um sujeito ou dos sujeitos de um grupo escutados pelo psicanalista ou investigados pelo pesquisador sob a óptica do saber psicanalítico.

Em uma abordagem freudiana do material oriundo dos discursos e das emoções neles presentes pode-se interpretar que os operadores de tráfego, membros deste grupo, compartilham idéias e vivenciam afetos relativos ao seu trabalho, de tal maneira que lhe conferem uma identidade profissional:

1. O conflito psíquico, entre um lado bom, acolhedor e identificado com a dificuldade do outro, que dá prazer ao ego; e um lado mau, associado à agressividade, aos sentimentos hostis e à dor, percebido como desprazer pelo ego, está presente desde o início da primeira sessão na fala de R4: *“Tem dois tipos de emoções: a boa e a ruim. Poder ajudar uma senhora, um cego, é gratificante, é o lado bom. As agressões, os desentendimentos com os colegas, os acidentes, é o lado ruim.”* O esforço para resolver o conflito psíquico acompanha os operadores como manifesta R6: *“Muitas vezes eu sonho com o meu trabalho.”*
2. O conflito psíquico expressa a dualidade existente entre pulsão e defesa, entre pulsão de vida e pulsão de morte, entre amor e ódio e sendo inerente à condição humana, também permeia a intersubjetividade no trabalho. O lado mau do trabalho, gera angústia pelo contato com a dor do acidentado, pelo sentimento de responsabilidade sobre o bem-estar do mesmo e pelo temor de

entrar em contato com a morte, é capaz de avançar sobre os aspectos bons e estragá-los como é representado por R2: *“Nosso trabalho é muito tenso, principalmente quando temos que atender um acidentado grave. Precisamos consolar familiares da vítima. A gente leva muitos problemas do trabalho para casa. Aí, ou briga, ou se tranca no quarto. Não posso nem ouvir meu filho ouvindo música que fico irritada, com dor de cabeça.”*

3. Na passagem seguinte em que R6 fala *“Isso também acontece comigo. Chego em casa nervosa. Não brinco mais com meu filho.”* é possível captar o sentimento de culpa da operadora de tráfego que lamenta perder a disponibilidade interna para conviver com seu filho. Esta impossibilidade de ter mais tempo para o filho é vivenciada como uma determinação do mundo moderno. Para auto-conservar-se, a si e a sua família, é preciso renunciar à convivência com filho para dedicar-se ao trabalho. Este, por sua vez, é gerador de angústias ( nervosismo ) que ocupam o espaço mental, perpetuando vivências de conflitos a ele relacionados, não permitindo que haja disponibilidade interna para o filho, ao retornar para casa.
4. O sentimento de impotência aparece em algumas situações, como o atendimento de um acidentado ou a lide com as pressões da população: R6: *“Nós captamos toda a negatividade da população e não temos capacidade para nos proteger”*. R4: *“Acho que precisaríamos ter mais cursos de pilotagem de RH, de postura com a população. Precisamos ter psicólogos para suporte. Nesta administração não teve nenhum curso de pilotagem de RH”* R6: *“A culpa não é do fiscal, é do pessoal lá de cima”*. Como são difíceis, complexos, exigentes de senso de responsabilidade e de capacidade decisória, alguns eventos geram a sensação de incapacidade para resolvê-los. No plano psicodinâmico, há um julgamento interno, uma crítica do superego ao ego que por sua vez, tem que lidar com algo que não domina; daí a angústia. Parte desta angústia é elaborada e assumida para si, gerando culpa, sentimentos auto-depreciadores ou consciência da impotência e parte é projetada para fora de si e colocada no outro ( a direção da empresa ), aliviando o psiquismo desta tensão.

5. É marcante a idéia onipotente de que eles são portadores de uma verdade que deve ser reconhecida por todos aqueles a quem ela é dirigida. Esta convicção se origina de um processo de identificação com as idéias do presidente da empresa, reconhecido por ser um estrategista de elevado conhecimento técnico, jurídico e administrativo; mentor intelectual do projeto de reformulação do sistema de tráfego de uma grande cidade, que introduziu o personagem dos operadores/fiscais de tráfego no cenário. Conforme R4 *“Orientar, advertir e autuar são as atribuições dos operadores de tráfego.”* Trata-se do exercício de uma função superegóica. Esta é validada, na medida em que indivíduos e vários segmentos sociais da população manifestam seu desacordo com as medidas adotadas através de protestos, de ameaças, de ataques verbais e de agressões físicas, objetivando manter o estado “pouco regulamentado” do tráfego na cidade. Há uma função superegóica do grupo que está voltada para o cumprimento de regras, para a educação no trânsito, para a advertência tolerante das pequenas transgressões e para a punição das de maior gravidade.
6. Os participantes do grupo manifestam o sentimento de perda, representado pelo desligamento do presidente da empresa e como filhos adotados por outro pai não se sentem suficientemente investidos e valorizados. Tratam de cuidar de uma ferida narcísica aberta com a saída do pai do projeto. Há uma temática familiar, edípica: de um lado um pai-presidente normatizador, educador, com ideais elevados; do outro uma mãe-empresa nutridora de bons salários, de um bom clima de trabalho, de serviços de apoio e entre eles os filhos-operadores de tráfego identificados com os aspectos superegóicos deste pai e com os nutridores desta mãe. A morte simbólica do pai e sua substituição por outro que não os ama suficientemente faz neles emergir a angústia do desamparo, como se perguntassem o que será de nós agora?
7. Há também, aspectos edipianos associados ao temor da castração representada pela relação com a autoridade repressiva do delegado e pela autoridade religiosa do macumbeiro. Ambos tem um poderes superegóicos, ligados à figura do pai: o primeiro pode punir tirando a liberdade e o

segundo pode vingar-se através da ira dos deuses, mediante a retirada da proteção divina, trazendo ao outro a desgraça, a impotência. Esta angústia é suprimida ao evitar-se o contato com a situação conflitiva que pode suscitá-la. R2 assim expressa: *“O maior problema é multar delegado e macumbeiro. Um delegado da receita federal foi autuado e queria me prender. Tem certos lugares da cidade que não fiscalizamos para evitar conflito”*.

8. O conflito entre os desejos dos operadores de tráfego e os da população é capaz de produzir angústias do tipo fóbico ante ao perigo real das ameaças e das agressões verbais e físicas. As ameaças geram, além da angústia fóbica ante ao perigo real, um tipo de angústia não relacionada a um evento evidenciável, mas relativa à fantasia de ser violentado(a). Esta fantasia decorre da projeção da força coercitiva da ação superegóica, da qual os operadores de tráfego estão imbuídos, sobre aqueles que transgridem a norma. O que é ruim, errado, agressivo é projetado no outro e internamente, o ego fica aguardando, temeroso, a represália que pode vir de fora, mas que na realidade psíquica é oriunda da severidade do superego.
9. A angústia de tipo obsessivo aparece à medida em que a ação reguladora pertinente à atividade do operador de tráfego extrapola a esfera de atuação profissional. Isto fica evidente no relato de R2: *“Uma hora após sair do trabalho continuo agindo com se estivesse fiscalizando. Não consigo ver coisas erradas no trânsito e ficar quieto. Fico exigindo que coloquem o cinto de segurança”*. Também a dúvida os acompanha. Há um conflito entre o que é certo e o que é errado: se os objetos e as pessoas estão no local onde deveriam estar, se o tempo que ultrapassa a anotação de cartão de estacionamento deve ser tolerado ou não; como uma situação que não está escrita no manual deve ser considerada é algo que tem que ser decidido pelo próprio operador. O excerto a seguir é ilustrativo: R4: *“Antes de você autuar o cidadão você tem que se colocar no lugar dele. Alguma coisa fez com que ele cometesse a autuação. Por exemplo, na frente do hospital você tem que ver que a pessoa pode ter parado para socorrer outra pessoa.”*

R2: *“Eu já deixei de autuar um carro que tinha dentro o folheto de transplante de uma criança.”*

R4: *“Na porta de hospital e na frente do cemitério são os locais mais difíceis de autuar. Eu já autuei um carro de um pai acompanhado da mãe que levou o filho no hospital porque ele quebrou a perna . Eu argumentei que outras pessoas precisariam estacionar ali...”*

10. Embora não seja fácil identificá-las, em razão da plasticidade de suas manifestações, angústias do tipo histérico são vivenciadas por membros do grupo. Exemplar é a manifestação de R8 que fala logo na abertura da segunda entrevista, lembrando que ela faltou na primeira porque estava hospitalizada: *“Não há quem ouça nossas queixas. A chefia não nos considera quando estamos com dor, quando estamos mal”* Na terceira sessão R8 expressa uma queixa de falta de atenção e preocupação dos demais: *“Trabalhamos sozinhas. Não há companheirismo entre as meninas.”* Foi sua última fala no grupo, pois não continuou a participar dele. Parece que R8 sentiu-se incompreendida e não cuidada como esperava, pela empresa, pelos colegas e, pelo pesquisador, que ela sabia ser médico - em um típico exemplo de “transferência no aqui-agora”.

11. A angústia persecutória aparece em função da mudança de um presidente que amava e protegia os membros do grupo e seu trabalho para um outro desconhecido, do qual não se sabe o que esperar. O confronto com a população também era fonte de fantasias de perseguições, de vingança e de agressões. Também as situações em que um político, um policial ou um juiz faziam queixas aos gerentes dos operadores de tráfego e às vezes ao próprio presidente da empresa eram vividos com intensa angústia persecutória, representada pelo temor da punição e da perda do emprego. Internamente, o trabalho em grupo, também foi percebido como sendo capaz de gerar angústia persecutória nos seus participantes, uma vez que opiniões ali manifestadas estariam expondo o pensamento de um indivíduo sobre um determinado assunto e esta opinião poderia estar sendo avaliada,

julgada e até mesmo difundida pelos colegas. A gravação, um aspecto técnico, que embora tenha sido tratado no contrato inicial e que tinha a finalidade documental das sessões, pode ter sido um inibidor da fala de alguns dos membros do grupo, que menos expuseram seus pensamentos.

12. Há, também um desejo dos operadores de serem investidos de mais poder, de um poder que fosse capaz de intimidar as ameaças e agressões de que são vítimas. Esta agressividade pode ser lida como uma pressão pulsional interna, projetada nos agressores, mas também como um desejo de estabelecer o controle e de triunfar sobre os rivais. Trata-se daquilo que Freud denominou pulsão de dominação, que contém impulsos sádicos, ávidos por serem satisfeitos mediante a submissão do outro. Mais do que submeter, há um desejo de ter a autoridade para poder matar o outro ( poder de polícia ). Isso é exemplificado por esta passagem: R4: *“Às vezes as pessoas nos procuram ou vem se queixar de uma multa quando estamos fora do trabalho. Isto desgasta.”*

R6: *“Quando é um policial militar quem fez a multa as pessoas não vão querer saber porquê.”*

R2: *“Isso só acontece com a gente porque nós não temos um 38 na cintura.”*

13. Um outro poder desejado é aquele capaz de eliminar diferenças, privilégios e a impunidade; um poder que pudesse fazer frente à insubmissão de algumas autoridades e alguns profissionais que eles julgam estar acima da lei ( policiais, delegado, políticos, juízes, médicos ). Novamente é uma função do superego, mais especificamente do ideal do ego, que aspira por um estado de equilíbrio e de harmonia entre as pressões do id, a vigilância do superego e função executiva do ego. É um desejo de estabelecer fim ao conflito. Por outro lado, é também um desejo totalitário, onipotente, que seria capaz de controlar até mesmo o superego.

14. Uma outra faceta associada ao ideal do ego, identificável no discurso dos operadores de tráfego, é aquela em que pode-se identificar a transformação dos impulsos agressivos e dos impulsos sexuais em impulsos amorosos,

construtivos, éticos, que desejam algo bom para a população: diminuir os acidentes de trânsito e as mortes deles decorrentes. É um desejo de uma comunidade sem sofrimento, com uma melhor qualidade de vida. R4 expressa aspectos idealizados, sublimados do seu trabalho ao dizer: *“O que mais me importa é estar servindo ao próximo. A população é quem paga o meu salário, é a ela que dedico o meu trabalho. As pessoas idosas, hoje podem atravessar uma avenida movimentada, antes não podiam. Me orgulho disso”*. Há nesta manifestação um desejo de uma sociedade mais civilizada e uma consciência sobre a responsabilidade social do trabalho do operador de trânsito. Trata-se de uma sublimação.

15. Um outro componente que mantém os participantes do grupo trabalhando é sem dúvida o narcísico. Ele está associado por um lado à satisfação de pulsões de auto-conservação obtida através da remuneração e dos demais benefícios e por outro ao desejo de ser reconhecido e de ser amado pela empresa e por seu novo presidente, e de ser aceito pela população. Eles já vivenciaram a boa experiência de serem amados e valorizados e este algo bom ficou registrado em suas mentes. A pulsão de vida é que os mantém, enquanto grupo, vivos, unidos e esperançosos.
16. Aspectos narcísicos, que procuram valorizar o que há de bom no grupo aparecem quando os operadores de trânsito se comparam aos policiais militares: “R6: No nosso trabalho de fiscais, não há corrupção. Trabalhamos seis horas, temos plano de saúde, temos vale-refeição, temos um bom salário. R4: *“No começo houve corrupção. Hoje não há. Nós passamos a idéia de que temos que Ter uma imagem de honestidade, de apoio à comunidade. O fiscal quando se envolve com alguma coisa, quando dá uma mancada é chamado a atenção e excluído”*.
17. Também relacionado ao narcisismo, mais especificamente à auto-conservação aparecem angústias primitivas como o temor de aniquilamento, manifesto pela insegurança frente aos rumos que a empresa vai tomar, pela possível substituição de operadores de trânsito por

equipamentos como radares e paquímetros. Duas falas expressam esta angústia: na de R4 : *“Tenho a perspectiva de continuar engajado neste trabalho. A circunstância da empresa e do país está difícil. Há risco de desemprego. Nossa esperança é com o novo código nacional de trânsito, outras cidades implantem trabalhos na área de trânsito. A incerteza do que vai acontecer amanhã nos faz ficar inseguros”*; e na de R6 : *“A população diz: “seus dias estão contados. Logo, logo, vai ter paquímetro aqui. Vocês vão dançar”*”.

18. Pode-se identificar a pulsão tomando seus caminhos possíveis: a repressão de pulsões sexuais que durante o trabalho mantém os membros do grupo unidos por sentimento amorosos, modificados para coleguismo, estima ou amizade; a transformação no contrário verificada quando os aspectos sádicos passam a cena em resposta às agressões sofridas e quando o ódio gerado pela rejeição é transformado no amor da prevenção do dano e da diligência com os cidadãos; o retorno sobre si mesmo plausível pela reflexão de que o masoquismo de quem se expõe à agressão é o retorno do sadismo em direção ao próprio ego e a sublimação de impulsos sexuais e agressivos em uma idéia ou projeto de cidade modelo em segurança no trânsito.
19. Há vários mecanismos de defesa operantes entre os indivíduos que compõem o grupo, desde os mais primitivos até aqueles próprios de um ego mais evoluído. A introjeção de uma idéia oriunda de um líder; a projeção de impulsos sexuais e agressivos no outro, representado por indivíduos e setores da população; a idealização como uma forma de evitar a impotência e a frustração, representada pela idéia de uma cidade com mais segurança no trânsito, de um maior reconhecimento por parte da empresa e da população; o deslocamento, a anulação e o isolamento, próprio da forma de lidar com a angústia fóbica e com a obsessiva; a racionalização do uso do argumento lógico-científico sob o qual está alicerçada a idéia da prevenção de acidentes de trânsito; o recalque e a

sublimação que operam a serviço de uma ética de relacionamento civilizado.

20. Aspectos relacionados à feminilidade aparecem neste diálogo: R5: *“Já fui agredida verbalmente várias vezes. Não adianta ir na delegacia fazer o BO porque o escrivão ironiza: tem hematoma? Eles nos desprezam”*. R8: *“Para a delegacia o nosso serviço não existe. É humilhante ser agredido e não poder reagir”* R7: *“Eles nos chamam para falarmos os palavrões que nos disseram”*. A passividade do par sadismo-masiquismo é um aspecto feminino. Há uma exposição à crueldade da autoridade masculina, não sem indignação e raiva. Há um modo de elaborar o ataque próprio da continência e da não-agressão que caracteriza a psicodinâmica da mente feminina. O desejo de retaliação se dissolve na corrente amorosa e conservadora que predomina no psiquismo feminino. O resultado é um pedido de ajuda à empresa por apoio jurídico, por apoio psicológico, por reconhecimento do trabalho.
21. O tema da violência permeia todo o discurso e a prática dos operadores de tráfego. A violência em grande medida é real. Trata-se de lidar com a violência do trânsito, com a violência urbana, que nas cidades brasileiras atinge índices alarmantes, mas, principalmente, com a violência de parte da população que tem seus interesses prejudicados pelo projeto de reorganização do trânsito na cidade. A atividade dos operadores de tráfego tem um caráter policial, conforme expressa R4: *“O nosso trabalho é orientar, advertir e punir”*. No entanto, os operadores de tráfego não têm a delegação do exercício da violência por parte do poder público, algo que desejam ter. Por esta razão, também, ficam suscetíveis às agressões. O projeto foi idealizado por um pai-presidente como formador de uma nova consciência sobre as regras e sobre os riscos do trânsito. Neste sentido tem um caráter educativo, civilizador, formador de uma nova cultura. A violência, quando surge é tratada no âmbito legal. No plano psicodinâmico os participantes do grupo assimilam uma função superegógica, resultante da identificação com as idéias do pai-presidente. A ação superegógica está

voltada para o recalçamento de impulsos hostis e agressivos, como se a população fosse um id a ser controlado, para não destruir um projeto que é para melhorar uma sociedade inteira. Muito embora a violência seja real e documentada, em parte, também o que se sucede é uma projeção de impulsos agressivos dos próprios operadores no outro, representado pela população, que é, em alguns momentos, sentida como um inimigo.

Em uma leitura através da concepção de Bion sobre a experiência com este grupo, pode-se interpretar o que segue:

1. O grupo movimenta-se da posição denominada grupo de trabalho, em que está em contato com a realidade externa, consciente do seu papel profissional e de agente social de uma mudança na política de tráfego de uma grande cidade, para uma posição subjacente, em que os pressupostos básicos, inconscientes, o de dependência, o de luta-fuga, e o de acasalamento estão presentes, existindo entre estas configurações variadas e alternâncias em cada sessão, muito embora, no conjunto, uma delas seja predominante.
2. O suposto básico de dependência está associado a uma psicodinâmica em que os membros do grupo elegem um líder capaz de protegê-los e nutri-los. Este grupo foi amado, protegido e nutrido tendo como líder incontestável o presidente da empresa até a sua saída. Há, no período em que a pesquisa foi desenvolvida uma incerteza pairando no ar, quanto a esta liderança. Inconscientemente o grupo está a procura de um líder, pois é dependente de alguém que o dirija. Internamente, ninguém tem condições de assumir a liderança. É um grupo imaturo, como uma criança que depende dos pais para lhe conduzir. Mantém-se, tendo como referência, as idéias, o projeto do ex-presidente.
3. A suposição básica de luta-fuga é característica de um funcionamento grupal em que angústias, pulsões hostis e agressivas são dirigidas para um inimigo comum. Esse é o mecanismo predominante no funcionamento deste grupo. Lutam contra a resistência de indivíduos e setores da população ao seu projeto, convictos de que ele é a verdade, rejeitando e punindo as

transgressões e fogem das ameaças e agressões. Trata-se de projeções para fora de impulsos agressivos e que despertam, a posteriori, angústia paranóide. Trata-se, também de uma estratégia de dominação, em que novas regras estão sendo implantadas, tendo como componente psíquico o sadismo, de quem submete o outro à uma determina lei. São aspectos da psicodinâmica do líder deste grupo ser exemplar na conduta, disciplinador, severo, vigilante, punitivo. O grupo conviveu com este tipo de liderança superegóica e assimilou-a no seu modo de ser, no seu funcionamento psicodinâmico.

4. O suposto básico do acasalamento diz respeito ao fato de que o grupo espera que dele surja um par que gere um filho que poderá salvar os seus membros das dificuldades que vivem. Há uma espera messiânica de que uma pessoa, um fato, uma decisão, uma lei possa aliviar o sofrimento. O grupo em questão passa por este momento, esperando idéais, decisões da empresa e do seu presidente, instâncias de quem elas podem vir para aliviar a angústia do desamparo que estão vivenciando.
5. Alguns aspectos deste grupo de operadores de tráfego são característicos daquilo que BION ( 1975 ) denominou grupo de trabalho: o seguimento das regras do enquadre estabelecidas no contrato psicológico, a tarefa de pensar e refletir sobre o trabalho e suas relações com o psiquismo, a cooperação e a comunicação ativas que marcaram a trajetória do grupo.
6. Os membros do grupo adotaram uma atitude pró-ativa na busca do entendimento da articulação entre sua prática profissional e suas vivências emocionais. Engajaram-se na experiência da busca da sua verdade e em muitas passagens verifica-se que ela é atingida pelo consenso, pela convergência de idéias e pelo compartilhamento de afetos. Também, foi possível captar dos membros do grupo um desejo, de não serem esquecidos, de voltarem a ser investidos afetivamente, como foram quando o pai-presidente com eles estava.

## A supervisão

O texto que segue é uma leitura a título de supervisão do material das entrevistas, realizada por Amaury Rufatto, psicólogo, com formação em psicoterapia psicanalítica e em psicoterapia de grupo:

*“A proposta das reuniões aparece como um espaço para a denúncia de algumas faltas identificadas na empresa. O grupo denuncia uma cisão entre o “ideal” da empresa e sua realidade. Porém ao se deparar com estas contradições acabam revelando aspectos da própria estrutura mental.*

*Atacam os supervisores, diretores, etc, que detêm o poder e são omissos, politiquinhos, etc. enquanto que o grupo de operadores e encarregados se apresenta de maneira idealizada, com ideais maiores, e que pode prescindir dos “cuidados” destes superiores.*

*Assim, no confronto entre estes dois grupos idealizados, o dos “chefes” e dos “trabalhadores”, aparece a possibilidade de entrarem em contato com suas próprias angústias, anseios e idealizações. Parece existir um movimento depressivo, que permite se olharem.*

*No quarto encontro, esboça-se a conformação de um grupo, que percebe ter um objetivo e assim passa a persegui-lo. Surge novamente um ataque aparentemente dirigido à instituição, mas que tem como alvo o coordenador, na medida que ignoram a proposta de trabalho.*

*Se tomarmos como base o texto de Freud em Totem e Tabu, podemos pensar em uma horda de irmãos que busca o poder e que para tanto precisam se unir para atacar e destituir este pai.*

*Reconhecem-se como desprovidos e abandonados, estando sob o julgo de um tirano. Contam de suas mazelas, dos desrespeitos que sofrem, da falta de equipamentos, de reconhecimento de seu trabalho, mas também de seu espírito altivo, que trabalham por um ideal, que buscam a justiça, etc...*

*A busca deste poder é carregada de ambivalências. Espelham-se nos policiais militares, que detêm o poder, pois “podem prender”, mas que também podem acabar presos quando exercem este tão almejado “poder”. Ou ainda são vistos como corruptos.*

*O bem e o mal estariam assim colocados em uma mesma figura?*

*Aparece no grupo a fraternidade, a competitividade e portanto, as diferenças individuais. A partir de então podem olhar o seu dia-a-dia, falam de medos e de sofrimentos, cansaço e doenças.*

*Ao retomar o tema do “Poder do PM”, através da indagação do coordenador, este lugar, antes tão almejado, aparece menos investido de libido.*

*O grupo se fortalecer ao abandonar os lugares idealizados e entrar em contato com o seu próprio sofrimento.*

*O espírito colaborador do grupo, com apenas uma desistência, e o cumprimento dos horários marcados, podem evidenciar uma necessidade controladora, de modo que os desejos e necessidades individuais, e por tanto as diferenças, não apareçam. Apresentam-se como fiéis cumpridores de ordens. Todavia, como fica evidenciado na 4ª reunião, e na própria fala do grupo, há uma necessidade de se oporem à ordem vigente.*

*Ser agente de trânsito é de forma velada a confissão da necessidade de ser reconhecido como alguém que tem poder. Reconhecer-se e ser reconhecido como “autoridade” parece ser um conflito constante. Todavia existe também o fantasma do “autoritarismo”, projetado na figura dos superiores.*

*Na tentativa de aplacar uma luta pelo poder, o antigo diretor que implanta o projeto e que não está mais no serviço, tem sua figura investida de qualidade. Torna-se assim o Pai Totêmico, com o qual já não existem mais confrontos. Por culpa dos ataques anteriormente desferidos contra este pai, o grupo passa oferecer-lhe cuidados especiais. Em nome deste Totem elaboram rituais, aceitam penitências, etc., de modo a voltarem a se unirem em torno de algo maior que lhes de identidade e proteção.”*

## **Reflexões após a supervisão**

O supervisor aborda dois aspectos centrais da psicodinâmica dos operadores de tráfego integrantes do grupo que dizem respeito à mesma questão: a identificação com a autoridade que emana do pai. Conforme ele expressou *“Ser agente de trânsito é de forma velada a confissão da necessidade de ser reconhecido como alguém que tem poder. Reconhecer-se e ser reconhecido como “autoridade” parece ser um conflito constante.”*

*“Na tentativa de aplacar uma luta pelo poder, o antigo diretor que implanta o projeto e que não está mais no serviço, tem sua figura investida de qualidade. Torna-se assim o Pai Totêmico, com o qual já não existem mais confrontos.”* Há uma clara identificação com um líder forte, com autoridade suficiente para suportar os ataques da parcela da população que tem seus interesses atingidos. O projeto é claramente um projeto disciplinador e este aspecto do líder é introjetado pelos liderados. Assim como no Totem e Tabu em que o pai morto se torna mais forte do que fora vivo, os operadores de tráfego se ligaram uns aos outros, fazendo um pacto com o pai-presidente após a ausência deste.

O supervisor também chama a atenção para a transferência dirigida ao coordenador/pesquisador, identificada na 4ª entrevista. De fato, ela esteve presente nesta e em todas as outras sessões. Devido a uma questão ética, optou-se por dirigir a interpretação para a extra-transferência e para as transferências cruzadas indivíduo-grupo e grupo-indivíduo, buscando um entendimento mais geral da psicodinâmica dos participantes do grupo.

## **Algumas considerações sobre o indivíduo e o grupo**

Um aspecto importante a ser discutido é aquele que diz respeito às relações do indivíduo com o grupo e vice-versa. Nosso entendimento converge com o de COSTA ( 1989 ) que em uma aguçada visão sobre as teorias psicanalíticas de grupo critica a concepção ontologizante do grupo de Kaës, aquela que toma o grupo como um indivíduo. Para KAËS ( 1987 ) o grupo dispõe de um aparelho psíquico cujas instâncias são as mesmas do psiquismo individual, embora os mesmos mecanismos de funcionamento não sejam os mesmos. Para COSTA ( 1989 ) a interpretação como *“o grupo pensou, sentiu, fantasiou isso ou aquilo só pode ter um único sentido coerente e não absurdo, qual seja,*

*todas as pessoas ou algumas pessoas daqui estão sentindo, pensando ou fazendo isso ou aquilo. Supomos que isto seja evidente, pois ninguém jamais imaginou o ser grupal imaginando isto ou aquilo. O que se vê é um indivíduo imaginando o que seja um grupo ou um grupo de pessoas imaginando o que seja um indivíduo, o que é completamente diferente". Seguindo sua crítica, para além da constatação clínica, este autor afirma que o caráter inconsciente do grupo não pode ser deduzido de nenhuma visibilidade, porque a única visibilidade existente é a dos inconscientes individuais.*

Se tomarmos as concepções de Freud sobre grupos, verificamos que ele não autonomiza o grupo enquanto ser psíquico, mas enfoca o conflito psíquico, entre as diferentes instâncias do psiquismo, entre as pulsões, entre o desejo e a interdição, em indivíduos que *"aditem viver em sociedade não só por temerem a morte, mas por amarem seus líderes"*. ( COSTA, 1989 )

Os indivíduos, por sua vez, não portam um inconsciente equivalente a um inconsciente grupal. Ao projetarem *"seus ideais no líder, renunciam, é verdade, à individualidade, mas passam a amar aqueles em que reconhecem o mesmo amor pelo Ideal, e que são objeto de amor do Ideal. É assim que o social funciona. O líder, o Eu Ideal, promete a todos o mesmo amor, e os liderados abdicam de construir ideais próprios em troca de segurança, proteção e usufruto do amor entre iguais. Quanto à violência e à agressividade, elas serão descarregadas no vizinho, no estranho, no que não é como nós."* ( COSTA, 1989 )

Tais pontos de vista, em nosso entendimento coincidem com o conceito dejouriano de estratégia coletiva de defesa, uma vez que esta é descrita como regras que supõem um consenso ou de um acordo partilhado ( DEJOURS, 1994 ) e não como um funcionamento mental inconsciente do grupo. Também para este autor, o sofrimento, o prazer, o sujeito, a identidade, são conceitos cujo uso rigoroso não tem validade fora da ordem do singular.

Ao afirmar que *"vários sujeitos experimentando cada um por si um sofrimento único seriam contudo capazes de unir seus esforços para construir uma estratégia defensiva comum"* e que *"a estratégia coletiva não se sustenta a não ser por um consenso, dependendo assim de condições externas"* pode-se aqui, também deduzir que

Dejours supõe a existência do mecanismo de identificação com o líder, que conduz ao consenso, tal qual exposto acima por Costa.

O que lemos nos textos sócio-antropológicos de Freud é a relação entre o indivíduo e a cultura, não a partir de uma ótica sociologizante, e sim com um olhar psicodinâmico, que enfoca o conflito entre pulsão e defesa, entre as instâncias psíquicas e entre desejo e interdição em um indivíduo que vive socialmente.

As contribuições de Freud à psicanálise de grupo decorrentes do estudo mítico-antropológico Totem e Tabu ( FREUD, 1974f ), do texto Psicologia das Massas e Análise do Ego ( FREUD, 1976b ) de suas considerações sobre a cultura em O Mal-Estar da Civilização ( FREUD, 1974 ) e em O Futuro de uma Ilusão ( FREUD, 1974h ), de sua investigação sobre a formação histórica e psicológica da idéia da divindade e da religião em Moisés e o Monoteísmo ( FREUD, 1975 ) são exemplos de abordagens que têm em comum a contraposição do indivíduo a forças capazes de recalcar ou sublimar a pulsão sexual.

*“Psicologia social, para Freud, significa, não o exame de uma “alma coletiva” distinta dos vários psiquismos individuais, mas o exame dos mecanismos pelos quais certos impulsos e tendências de cada indivíduo são ativados através de interações com outros indivíduos, no interior de um grupo, e através da relação com um líder”, escreve ROUANET ( 1989 )*

E assim vemos que: em Totem e Tabu a força capaz de recalcar o ego narcísico em sua busca pela satisfação pulsional é o assassinato do pai e a lei que ameaça de morte o filho que voltar a usufruir o poder do pai. Em Psicologia das Massas e Análise do Ego é o amor e o trabalho que fundamentam a vida em coletividade e se opõem à pulsão sexual. Em O Futuro de uma Ilusão, a religião e a cultura representam o Ideal do Ego que se opõe ao ego-prazer e que também aplaca a angústia de desamparo do indivíduo frente à natureza e suas vicissitudes. Em O Mal-estar na Civilização a pulsão de vida é contraposta à pulsão de morte, o ego narcísico evita o desprazer, a angústia. Em Moisés e o Monoteísmo Freud retoma Totem e Tabu, e volta a dizer que a contenção dos impulsos sexuais, do ego-prazer é feita pela instituição da lei, neste caso uma lei divina, que emana de um pai abstrato, incontestável em seu poder.

O trabalho em particular é aqui entendido também neste sentido, como uma prática social, portanto realizada em coletividade, em que indivíduos identificados entre si e com uma liderança, se voltam para o aplacamento da angústia de desamparo do homem frente à natureza e para a resolução de conflitos com os componentes eróticos, narcisistas e agressivos da pulsão sexual, sendo ele uma *“mola essencial da conversão narcisista de uma mônada em um ser humano.”* (MEZAN, 1990)

Com relação a Bion, há conceitos de seu trabalho com grupos aplicáveis exclusivamente ao grupo como *mentalidade grupal* que *“alude ao fato de que um grupo adquire uma unanimidade de pensamento e de objetivo, o qual transcende aos indivíduos e se institui como uma entidade à parte.”*

(ZIMERMAN, 1995), outros que se referem a ambos indivíduo e grupo como *grupo de trabalho e pressupostos básicos* que destacam o funcionamento inconsciente de indivíduos e do grupo e ainda outros que se referem ao indivíduo membro do grupo como os conceitos de *valência, cooperação, liderança, gênio*.

Sua teoria sobre grupos se destaca, talvez porque consiga ligar a realidade sociológica do funcionamento grupal, com suas regras e a psicodinâmica dos indivíduos que vivenciam a experiência em grupos através de fantasias inconscientes.

### **Uma visão psicanalítica de repercussão social**

*“Começo cumprimentando-os pelo dia da criança, isto é, reconhecendo, psicanaliticamente, a presença de uma criança em todos nós. Mas, logo em seguida introduzo o assunto da aula de hoje, lembrando que as crianças não trabalham, e semelhante atividade lhes é mesmo proibida. A este propósito, há inclusive uma inquietação da UNESCO a respeito da exploração do trabalho infantil no Brasil. Esta é uma questão importante do ponto de vista sócio-cultural, mas também psicanalítico. Existem alguns assuntos típicos da psicanálise de adulto, que só metaforicamente aparecem na psicanálise de crianças, com uma conotação lúdica. A paternidade e a maternidade, bem como o trabalho, são assuntos de adultos. Embora as crianças possam brincar de papai e mamãe, ou de fazer comidinha, brincar de trabalhar não é o mesmo que trabalhar de verdade. Ao contrário, no caso do adulto, o trabalho entra na constituição de*

*sua identidade profissional, como um aspecto da identidade subjetiva.*” ( REZENDE, 2001 ). Assim o professor Rezende iniciou um curso intitulado “Desenvolvimento e Psicanálise: por uma Psicanálise de Adultos.”

A criança que trabalha por necessidade da família ou por imposição de um adulto, entra em contato muito precocemente com a realidade nua e crua, suprimindo de sua vida mental fantasias lúdicas fundamentais para a formação de sua identidade. Ao separar-se da mãe, do pai e dos irmãos, para ajudar a família está sujeita a estabelecer identificações com psicopatas ou sociopatas e comprometer a formação do seu caráter e de sua personalidade.

O trabalho é aqui entendido como uma atividade social que exige maturidade emocional do indivíduo que nela está inserido e é considerada uma atividade própria de adultos. *“Um adulto amadurecido é capaz de identificar-se com grupos ou instituições do meio, e fazê-lo sem perda de um senso pessoal de continuar a ser e sem sacrificar demais o impulso espontâneo, que está na raiz da criatividade”* ( WINNICOTT, 1980 ).

O trabalho infantil não pode ser entendido a não ser como um sintoma de uma sociedade doente, que ao subjugar a liberdade e a fantasia de suas crianças, estará subtraindo a saúde mental de seus futuros cidadãos.

### **Há um significado psicanalítico do trabalho?**

Nestes tempos em que se discute uma nova racionalidade do trabalho, os enfoques econômico, político, social e técnico se sobressaem. Sabe-se que há conhecimento, tecnologia e riqueza suficientes para eliminar os flagelos da humanidade e as condições sub-humanas de trabalho que afetam milhões ou bilhões de trabalhadores. O que ainda não sabemos é como viverá a humanidade no futuro próximo se os trabalhadores estão sendo substituídos por novas tecnologias altamente produtivas? Será o setor de serviços capaz de absorver o contingente de trabalhadores enxotados pela indústria? Que pacto social será necessário construir para que a sociedade como um todo possa se beneficiar dos frutos do trabalho tecnologizado? Conseguirão os governos e os grandes grupos econômicos concentrar seus esforços na redistribuição do trabalho, da riqueza, do

saber e do poder para criar um sistema capaz de assegurar uma vida mais longa e de melhor qualidade para todos?

É patente que para se atingir uma nova racionalidade do trabalho que coloque em foco o homem e sua realização, mais do que uma revolução econômica, política e social, será necessária uma mudança mental.

A psicanálise como campo do conhecimento cujo objeto é o psiquismo do homem, por ela apreendido na fronteira entre a biologia e a cultura nos oferece suas contribuições para o entendimento do irredutível conflito existente entre as pulsões sexuais e os mecanismos de defesa do ego, entre o ego narcísico e o poder coercitivo do ideal do ego, nos capacitando a entender também o que se passa no humano mundo do trabalho.

Este está inserido no processo civilizatório cuja finalidade é controlar as pulsões sexuais, o ímpeto narcísico e aliviar o sofrimento gerado pela situação de desamparo do homem diante da natureza.

No entanto, os rumos deste processos não estão pré-definidos. Tomando-se a última elaboração de Freud sobre o conflito pulsional, a prevalecer a pulsão de morte teremos a destruição de si e a destruição do que é externo ao indivíduo, através da agressividade, ou seja a desorganização, a barbárie, a volta à horda em que a tirania impera. Por outro lado, a pulsão de vida agrega os indivíduos em grupos e organizações mais estáveis em que as pulsões sexuais são recalçadas ou sublimadas.

Segundo FREUD ( 1976b ) “a restrição do narcisismo só pode ser provocada por um fator: o laço libidinal com outras pessoas. O egoísmo só encontra limite no amor dos outros”

Assim como Freud, ARENDT ( 1989 ) também acredita que o trabalho pode vir a ser *vita activa*, em que ao invés de escravos a liberar o cidadão grego do jugo do trabalho teremos máquinas para suportá-lo, DE MASI ( 1999 ) que o “*o progresso humano é nada mais que um longo itinerário do homem rumo à liberação intencional, primeiro do esforço físico e, depois, do intelectual.*”, HABERMAS ( 1987 ) que pela primeira vez surge uma situação histórica que permite o pleno exercício da competência comunicativa, e do seu último estágio – equivalente à *vita activa* de Arendt – a competência discursiva: a

capacidade de abandonar os contextos espontâneos da ação e de ingressar em discursos capazes de produzir consensos fundados.

Segundo ROUANET ( 1989 ) *“mais do que nunca o modelo freudiano de socialização mantém sua validade: ele constitui o suporte psíquico das éticas universalistas, cujo destinatário é o ego autônomo proposto por Freud.”*

Entende-se, aqui que um significado psicanalítico do trabalho e do ato de trabalhar deve cada vez mais vir à discussão e estabelecer-se como necessário ao debate porque o tema da nova sociabilidade do trabalho nos coloca a questão: trabalhar a serviço de que e de quem? A psicanálise tem subsídios suficientes para responder que é a serviço do homem e que, mais para além do que diz a racionalidade objetiva da economia, da sociologia e da política sobre o futuro do trabalho, o desejo deverá ser falar e ser escutado.



## *CONSIDERAÇÕES FINAIS*



Nesta pesquisa, tomando-se como premissa a idéia de que as pulsões e suas representações permeiam a intersubjetividade no mundo do trabalho, buscou-se encontrar nos dois primeiros atributos da psicanálise, elementos teóricos e metodológicos aptos para conhecê-las, contribuindo, assim ao campo de estudo das inter-relações entre saúde mental e trabalho, com recursos explicativos mais penetrantes.

Na investigação de um grupo de operadores de tráfego de uma grande cidade foi possível “escutar” estes conteúdos inconscientes e revelá-los plenos de um sentido cujo conhecimento aprofunda e alarga a compreensão da inter-relação entre saúde mental e trabalho desta categoria de trabalhadores.

Nesta inter-relação entre o psiquismo e o mundo do trabalho, o conflito psíquico se expressa, por um lado mostrando aspectos relativos às modalidades de angústia, por outro, à ação de mecanismos de defesa, responsáveis pela contenção e modificação das pulsões oriundas do id, que conferem ao ego a condição de gerenciador das inter-relações entre as instâncias intrapsíquicas – Id, Ego e Superego – e a realidade.

A ênfase nos aspectos psicopatológicos do trabalho sobre o indivíduo, muitas vezes, não nos deixa ver que o conflito pulsional é uma condição irreduzível que sempre estará presente na vida de cada indivíduo e de cada grupo de indivíduos. As apresentações psicopatológicas decorrem dos efeitos da angústia, ou das falhas dos mecanismos de defesa. A pulsão sexual só conhece uma meta: a satisfação. Poderosos mecanismos de defesa vigiam e regulam sua ação, às vezes destrutiva, como a da pulsão de morte. Alguns deles exercem papel decisivo: o recalque, a sublimação, a idealização, a racionalização. Estão a serviço da construção de unidades integradoras para que prevaleça a pulsão de vida, para que, no balanço geral, o trabalho esteja a serviço da civilização, da saúde e da vida, mais do que da barbárie, da doença e da morte.

No humano mundo do trabalho, também integrante da cultura, pode-se ver de um lado o desgaste biopsicosocial dos que trabalham, evidenciado por baixos índices de qualidade de vida, doenças, incapacidade laboral e mortes decorrentes do exercício do trabalho representam a destrutividade da pulsão de morte; de outro as normas internacionais, a legislação nacional, a política do poder público, os programas de empresas, as reivindicações dos sindicatos, o esforço de técnicos e trabalhadores que

almejam e alcançam a centralidade do homem e da sua qualidade de vida, representam a força da pulsão de vida.

O trabalho, tomado em uma concepção geral, confere um caráter estruturante, identificador ( COSTA, 1989 ) da mente dos indivíduos que trabalham. Põe a força da pulsão de vida em ação para controlar a destrutividade e a agressividade humanas. Nos conduz do estado de horda ao de sociedade civilizada.

Este processo sempre expressará a conflitiva condição humana, uma vez que o conflito psíquico é inerente à ela: uma interminável luta entre as pulsões sexuais ou desejos do ego-narcísico, potenciais promotores de indivíduos a-sociais ou não-sociais e as interdições, tanto as intra-psíquicas como as instituídas externamente pela lei, pela ética, pela educação, pelo trabalho, pela civilização.

A psicanálise pode contribuir ao campo da Saúde Mental do Trabalho trazendo para ele a microvisão da economia e da dinâmica do psiquismo: os caminhos e descaminhos percorridos pela pulsão; a revelação dos motes inconscientes de fenômenos analisados e tornados cognoscíveis por outras ciências e saberes e daqueles mal ou não compreendidos pela razão; a disponibilidade de um método de pesquisa e psicoterapêutico individual e grupal; a explicação das articulações do que se passa no psiquismo do indivíduo com o mundo do trabalho, com a cultura e com a sociedade.

Para o trabalhador e para o grupo em que ele está inserido e para a empresa, organização ou instituição que ousa investir no crescimento das pessoas, a abordagem de orientação psicanalítica promove o reconhecimento da existência da mente; a vivência das emoções e do conflito em uma perspectiva integradora; a experiência para lidar com emoções e com conflitos; a reflexão sobre si mesmo, sobre o relacionamento com os outros, sobre a prática e o sentido do trabalho, capazes de conferir ao indivíduo e ao grupo aspectos identificativos com o trabalho; o alargamento e aprofundamento do conhecimento e por fim a mudança: do pensar e do ser.

Este conhecimento articula-se com a realidade, na medida em que é capaz de prover elementos para a tomada de decisões e de ações em programas voltados para melhorar as condições de trabalho, de assistência à saúde e da qualidade de vida, especialmente no que diz respeito às suas interfaces com a saúde mental.

Para o médico do trabalho ou o clínico que atuam em empresas ou instituições o conhecimento teórico dos temas do campo das inte-relações entre saúde mental e trabalho e de seus métodos de abordagem da subjetividade, vem se tornando mais uma das competências profissionais que lhes são exigidas, seja para a abordagem individual, seja para o trabalho em equipe ou com grupos.

A psicanálise pode oferecer ao médico que trabalha na empresa, e que é introduzido à teoria e à prática psicanalíticas, ou ainda àquele que tem ou teve uma vivência pessoal como analisando, valiosos recursos para a percepção do que não é dito ou é dito veladamente; daquilo que o discurso predominante afirma ter que ficar do lado de fora dos muros do mundo do trabalho; do que insiste em aparecer, traindo a previsibilidade do planejado. São emoções, fantasias, angústias, resistências, dificuldades de inter-relacionamento por demais humanas para serem do homem separadas, que à medida que puderem ser adequadamente manejadas, continuamente contidas, abrem a perspectiva da mudança psíquica.

Nas palavras de REZENDE ( 2000 ) o que se busca é a experiência da verdade, como: desvelamento, não-esquecimento e concordância. *“São experiências típicas da situação psicanalítica. A primeira é o desvelamento, e diz respeito à análise das defesas encobridoras. A segunda é o não-esquecimento e diz respeito ao que nós somos em profundidade. A terceira é a concordância e diz respeito ao compartilhamento de nossas experiências emocionais”*.

Com esta perspectiva, vejo que uma ampla gama de questões compartilhadas pela psicanálise e pelo mundo do trabalho se abrem para serem pesquisadas: a sexualidade e o trabalho, as transformações decorrentes da inserção da mulher no mundo do trabalho, o trabalho infantil e suas implicações sobre a formação da mente da criança, o fracasso e o sucesso no trabalho, a violência e o trabalho, o desemprego e suas repercussões no psiquismo do trabalhador, a aposentadoria e suas repercussões psíquicas, a relação entre trabalho e loucura, a inveja e o ciúme no mundo do trabalho, entre outras.

Em particular, pretende-se mais adiante realizar uma abordagem da relação entre homem e trabalho, que além dos conceitos do freudismo inclua conceitos psicanalíticos de autores pós-freudianos, tais como Melanie Klein, Winnicott, Rosenfeld,

Hinselwood e Elliot Jaques. Temas como a psicose e as defesas contra ela são especificamente abordados por estes autores. Exemplo disto é o trabalho de JAQUES ( 1955 ) em que analisa que *“forças dinâmicas levam os indivíduos a ingressar em instituições como uma forma de defender-se contra a paranóia e a ansiedade depressiva e todas as instituições são inconscientemente utilizadas por seus membros como um mecanismo de defesa contra estas ansiedades psicóticas.”*

Por fim, inspirado em um excerto da arte escrita de quem talvez mais agudamente tenha expressado a tragédia humana: *“Há mais coisa no céu e na terra, Horácio, do que pode sonhar tua filosofia”* ( SHAKESPEARE, 1993 ), penso que a psicanálise pode nos auxiliar a acolher e compreender o que há de estranho e velado nas inter-relações entre o psiquismo e o trabalho.



## ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***



- ALBORNOZ, S.. O que é trabalho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- ANTUNES, R. Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- ARENDT, H.. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- BICK, E.. Notes on Infant Observation in psycho-analytic training. Int. J. Psycho-analysis 45: 558-66, 1964.
- BION, W.R.. Experiências com grupos. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.
- CALIGARIS, C.. Sociedade e indivíduo. In: FLEIG, M. (Org.). Psicanálise e sintoma social. São Leopoldo: Editora Unisinos, p. 183-196, 1993.
- CANOUI, P. & MAURANGES, A . Le syndrome d'épuisement professionnel des soignants. Paris: Masson, 2001.
- CASSEL, J.. Psychosocial processes and stress. Int. J. Health Serv. 4 (3): 471-482, 1974.
- COSTA, J. F.. Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.
- DECRETO nº 3048 de 06 de maio de 1999. Brasília: Diário Oficial da União. 86: 50-108, 1999.
- DEJOURS, C.. A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Oboré Editorial, 1987.
- \_\_\_\_\_. Travail, usure mentale. Paris: Bayard Editions. Addendum: p. 251-263, 2000.
- \_\_\_\_\_. Travail, usure mentale. Paris: Bayard Editions. Addendum: p. 203-247, 2000a.
- \_\_\_\_\_ & ABDOUCHELI, E. Itinéraire théorique en psychopathologie du travail. Paris: Revue Prevenir, nº 20, p. 127-149, 1990.
- \_\_\_\_\_ & JAYET, C.. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1994.

- DE MASI, D.. O futuro do trabalho. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.
- DOR, J.. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1993.
- ELIAS, N.. O processo civilizatório. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE FILOSOFIA. Trabalho. Lisboa: Editorial Verbo. p. 246-254, 1992.
- ENRIQUEZ, E.. Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- FAYOL, H. Administração industrial geral. São Paulo: Atlas, 1990.
- FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FORD, H.. Os princípios da prosperidade: minha vida e minha obra. Rio de Janeiro: Gráfica Brasil, 1964.
- FOUCAULT, M.. Vigiar e Punir. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- FOURIER, C.. El nuevo mundo amoroso. Madrid: Fundamentos, 1975.
- FRANKENHAUSER, M. & JOHANSSON, G. Stress at work: psychobiological and psychosocial aspects. Int. Rev. Applied Psychology 35: 287-29, 1986.
- FREUD, A. O ego e os mecanismos de defesa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização ( 1930 ) In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- \_\_\_\_\_. Os instintos e as vicissitudes ( 1915 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974a.
- \_\_\_\_\_. O inconsciente ( 1915 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974b.
- \_\_\_\_\_. O recalçamento ( 1915 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974c.
- \_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução ( 1914 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974d.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir, elaborar ( 1914 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974e.

\_\_\_\_\_. Inibições, sintomas e ansiedade ( 1926 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

\_\_\_\_\_. O ego e o id ( 1923 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976a.

\_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e análise do ego ( 1921 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976b.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer ( 1920 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976c.

\_\_\_\_\_. Uma lembrança da infância de Leonardo da Vinci ( 1910 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

\_\_\_\_\_. Totem e tabu ( 1912-1913 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974f.

\_\_\_\_\_. Por que a guerra ? ( 1933 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976d.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre a histeria ( 1895 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974g.

\_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos ( 1900 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade ( 1905 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972b.

\_\_\_\_\_. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico ( 1911 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972c.

\_\_\_\_\_. A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão ( 1910 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970a.

- \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise ( 1917a ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976e.
- \_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXXII ( 1932 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976f.
- \_\_\_\_\_. Dois verbetes de enciclopédia: A) psicanálise ( 1922 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976g.
- \_\_\_\_\_. Um réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia ( 1895 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976h.
- \_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise ( 1912 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972d.
- \_\_\_\_\_. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos ( 1909 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970b.
- \_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão ( 1927 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974h.
- \_\_\_\_\_. Luto e melancolia ( 1917 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974i.
- \_\_\_\_\_. Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen ( 1907 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976i.
- \_\_\_\_\_. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia ( 1911 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976j.
- \_\_\_\_\_. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia ( 1895 ). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976k.
- FREUDENBERGER, H. J. & RICHELSON, G. The high cost of high achievement. New York: Anchor Press, 1980.
- FRIEDMANN, G.. O trabalho em migalhas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

\_\_\_\_\_. & NAVILLE, P.. Tratado de sociologia do trabalho. Vol. II. São Paulo. Editora Cultris, 1973.

FROMM, E.. Psicanálise da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

GABRIEL, Y.. Freud e a sociedade. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

GORZ, A. Adeus ao proletariado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GREEN, A. O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

HABERMAS, J.. Teoria de la accion comunicativa. Madri: Taurus, 1987.

HEGEL, G. W. F. A fenomenologia do espírito. São Paulo: Editora Abril. p. 7-81, 1974.

HERRMANN, F.. Andaimes do real: o método da psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HIMMELSTEIN, J. L.. The pleasure principle is not enough. Psychoanalytic Review. vol. 66, nº 1, 1979.

JAPIASSU, H.. Psicanálise: ciência ou contraciência. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.

JAQUES, E.. Social systems as defence against persecutory and depressive anxiety. In: Klein, M.; Heimann, P. & Money-Kyrle, R. E.. New directions in psycho-analysis. London: Tavistock Publications Limited, p. 478 – 498, 1955.

KALIMO, R. Assesment of occupational stress. In: KAOVONEN, M & MIKHEEV, M. I. Epidemiology of occupational health. Copenhagen: WHO Regional Publications, p. 231-250, 1986.

\_\_\_\_\_, EL BATAWI, M. A. E. & COOPER, C. L.. Psycossocial factors at work and their relation to health. Geneva: WHO, 1987.

KARASEK, R. A. & THEORELL, T.. The environment, the worker, and illness: psychological and physiological linkages In: KARASEK, R. A. & THEORELL, T. Healthy work. New York: Basic Books Inc.. p. 83-116, 1990.

- KASL, S. & AMICK, B. Work stress. In: MCDONALD, J. C.. Epidemiology of work related diseases. London: BMJ. p. 239-266, 1995.
- KUHN, T. S.. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- LACAN, J. O seminário: a ética da psicanálise. Livro 7. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LAFARGUE, P.. O direito à preguiça. São Paulo: Hucitec, 2000.
- LAPLANCHE, J.. A sublimação. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B.. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LAURELL, A. C. & NORIEGA, M.. Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.
- LUCÁKS, G. Ontologia do ser social. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.
- MARCUSE, H.. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. Eros e a civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.
- MARTINS, R. B.. Contribuições de Freud à psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L. C. Grupoterapia Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 43-56, 1989.
- MARTY, P.. Mentalização e psicossomática. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- MARX, K. O capital. Vol. 1, Livro primeiro, tomo I. São Paulo: Abril Cultural, p. 149-150, 1983.
- \_\_\_\_\_. O capital. Vol. 1, Livro primeiro, tomo I. São Paulo: Abril Cultural, p. 50, 1983.
- MATTOSO, J. E. L.. A desordem do trabalho. São Paulo: Scritta, 1995.
- MAYO, E.. Problemas humanos de una civilizacion industrial. Buenos Aires: Galatea, 1959.
- MÉLEGA, M. P.. O psicanalista trabalhando em contextos não-clínicos. São Paulo: Jornal de Psicanálise. 30 (55/56): 95-107, 1997.

- MENDES, R..Requisitos para a competência no exercício das profissões que cuidam da saúde dos trabalhadores. In: JUNIOR, M.F. Saúde no trabalho. São Paulo: Editora Roca, p. 29-51, 2000.
- MEZAN, R.. Freud: a trama dos conceitos. São Paulo. Editora Perspectiva, 1989.
- \_\_\_\_\_. Freud: pensador da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- MILLS, C. W.. White Collar: the american middle classes. New York: Oxford University Press, 1970.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. Doenças relacionadas ao trabalho: Manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília, 2001.
- MONZANI, L.R.. Freud: o movimento de um pensamento. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- NASIO, J. D.. Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- NERI, C.. O grupo: manual de psicanálise de grupo. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999.
- OFFE, C.. Capitalismo desorganizado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- OLIVEIRA, W. I.. Sobre a psicoterapia analítica de grupo. In: Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Vol. VII nº 4. Rio de Janeiro, 1958.
- PICHÓN-RIVIÈRE, E.. El processo grupal. Buenos Aires: Nueva Visión, 1977.
- POPPER, K. Conjecturas e Refutações. Brasília: Editora UnB, 1983.
- RELATÓRIO ANUAL DO PCMSO DA EMPRESA “PESQUISADA”, 1995. (mimeo).
- REZENDE, A. M.. A metapsicanálise de Bion: além dos modelos. Campinas: Papirus, 1994.
- \_\_\_\_\_. Ser e não ser: sob o vértice de “O”. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1999.
- \_\_\_\_\_.A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In: SILVA, M. E. L.. Investigação e psicanálise. Campinas: Papirus, p. 103-118, 1993.

- \_\_\_\_\_. Uma teoria sobre o processo de pensar: uma leitura bioniana. São Paulo: Instituto de Psicanálise, 2000.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento e maturidade: por uma psicanálise de adultos – A psicanálise de um paciente que trabalha. Campinas: Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região, 2001. (mimeo)
- RIBEIRO, D.. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RICOEUR, P..Freud: una interpretación de la cultura. Cidade do México: Siglo Veinteuno Editores, 1987.
- SAYERS, S. The need to work: a perspective from philosophy. In: PAHL, R. E. On work: historical, comparative and theoretical approaches.. Oxford: Basil Blackwell, p. 722-741, 1989.
- SCHELER, M.. Lavoro ed etica: saggio di filosofia pratica. Roma: Città Nuova Editrice, 1997.
- SELIGMANN-SILVA, E.. Crise econômica, trabalho e saúde mental. In: CAMON-ANGERAMI, V. A. ( Org. ). Crise, trabalho e saúde mental no Brasil. São Paulo: Traço Editora, p. 54-132, 1986.
- \_\_\_\_\_. Saúde mental e trabalho. In: TUNDIS, S. A . & COSTA, N. R. ( Org. ). Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis: Vozes/Abrasco, p. 217-288, 1990.
- \_\_\_\_\_. Desgaste mental no trabalho dominado. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- \_\_\_\_\_. Psicopatologia e psicodinâmica no trabalho. In: MENDES, R. Patologia do Trabalho. Rio de Janeiro: Atheneu. cap. 12: 287-310, 1995.
- \_\_\_\_\_. Psicopatologia e saúde mental no trabalho. In: MENDES, R. Patologia do Trabalho. Rio de Janeiro: Atheneu. 2ª ed. cap. 25: 1142-1182, 2003.
- SELYE, H.. The stress of life. New York: McGraw-Hill, 1956.
- \_\_\_\_\_. Stress: a tensão da vida. São Paulo: Ibrasa, 1965.

- SILVA, L. A. P. M.. Contribuições de Bion à psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L. C.. Grupoterapia Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 43-56, 1986.
- SILVA, M. E. L.. Pensar em psicanálise. In: SILVA, M. E. L.. Investigação e psicanálise. Campinas: Papirus. p. 11-26, 1993.
- SHAKESPEARE, W.. Hamlet, príncipe da Dinamarca. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1993.
- SMITH, A.. A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- STRACHEY, J.. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: nota do editor inglês ( 1949 ) In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- TAYLOR, F. W.. Princípios de administração científica. São Paulo: Editora Atlas, 1995.
- VERGARA, R.. Motorista mata “marronzinho” com 3 tiros. Folha de São Paulo, 19/02/1997.
- VOLTAIRE.. Contos. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.
- WEBER, M.. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In: WEBER, M. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, p. 347-370, 1982.
- \_\_\_\_\_. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira Editora, 1967.
- WINNICOTT, D. W.. A família e o desenvolvimento do indivíduo. Belo Horizonte: Interlivros, p. 114, 1980.
- ZIMMERMAN, D. E.. Bion: da teoria à prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- \_\_\_\_\_. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.



